

Sergio Romanelli

Organizador

Vochan

ANTOLOGIA  
BILÍNGUE

*Clássicos da Língua Italiana*

UNI parola e diltione Toscana finisce  
in vocale. solo alcune articoli ac nomi  
in. l. et alcune prepositioni finiscono in. d. n. r

Le chose in molta parte hanno in lingua toscana  
que medesimi nomi et in latino.

Non hanno e toscani fra e nomi altro et masculino.  
e feminino. e neutri. Atm si tano masculini.

Apresentamos ao público brasileiro, com muita satisfação, este primeiro volume dos *Clássicos da Língua Italiana*, com textos inéditos traduzidos para o português. Os autores italianos escolhidos e apresentados nesta edição escreveram e refletiram sobre a língua italiana desde o surgimento do vulgar, no século XIV, e participaram da conseqüente polêmica acerca da contraposição entre o latim e os vulgares para uma definição de qual seria a língua única da Itália.

Este volume apresenta exatamente uma seleção de textos de autores, que, além de serem expoentes de referência da literatura italiana, participaram ativamente da discussão que surgiu entre o século XIV e o século XVI, denominada de *Questione della lingua*. Tal discussão se envolveu numa disputa acirrada, testemunhada por inumeráveis textos, dos principais intelectuais italianos, de Dante Alighieri até Antonio Gramsci, Italo Calvino e Pier Paolo Pasolini, no século XX, passando por Alessandro Manzoni, Giacomo Leopardi, etc.

Sergio Romanelli  
Organizador

# ANTOLOGIA BILÍNGUE

## *Clássicos da Língua Italiana*

Volume 1

***Questione della Lingua:***

Leon Battista Alberti,  
Baldassar Castiglione e  
Nicolau Maquiavel

**PGET/UFSC**  
Florianópolis, 2012

GRÁFICA  
**Copiar**  
EDITORA

Tubarão, 2012

Publicação do Grupo de Pesquisa do CNPQ “Estudos Linguísticos e Aquisição/Aprendizagem do Italiano como LE”, Líder Prof. Sergio Romanelli

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina  
Campus Universitário – Trindade, CCE, Bloco B, Sala 130

**E-mail:** sergioroma70@gmail.com

**Organizador:**

*Prof. Sergio Romanelli*

**Tradutores:**

*Prof. Sergio Romanelli*

*Profa. Cecilia Casini*

*Profa. Patrizia Collina Bastianetto*

**Revisores:**

*Profa. Silvana De Gaspari*

*Prof. Sergio Romanelli*

*Prof. Benôni Lemos*

**Apresentação:**

*Prof. Sergio Romanelli*

**Apresentação dos autores:**

*Prof. Sergio Romanelli*

*Profa. Patrizia Collina Bastianetto*

*Profa. Cecilia Casini*

**Projeto Gráfico, Diagramação e Capa:**

*Annye Cristiny Tessaro (Lagoa Editora)*

**Revisão do português:**

*Patricia Regina da Costa*

**Impressão:**

*Gráfica e Editora Copiart*

A63 Antologia bilingue / Sergio Romanelli (org.) - - Tubarão : Copiart;  
Florianópolis : PGET/UFSC, 2012.

208 p. ; 21 cm – (Clássicos da língua italiana; 1)

ISBN 978-85-99554-71-5

1. Língua italiana. 2. Língua italiana – Gramática histórica. 3. Literatura italiana. 4. Alberti, Leon Battista, 1404-1472. 5. Castiglione, Baldassare, conde, 1478-1529. 5. Machiavelli, Niccolo, 1469-1527. I. Romanelli, Sergio. II. Série.

CDD (21. ed.) 455

*Elaborada por: Sibeles Meneghel Bittencourt – CRB 14/244*

**Apoio:**

Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina

# Sumário

<b><i>Prefácio</i></b>	<b>5</b>
<b><i>Leon Battista Alberti</i></b>	<b>11</b>
Leon Battista Alberti e os Textos Sobre o Vulgar	<b>12</b>
<i>Proemio al III dei Libri de Familia</i>	<b>18</b>
<i>Proêmio ao III dos Livros da Família</i>	<b>19</b>
<i>Ordine delle lættere pella ling<sup>h</sup>ua tosc<sup>h</sup>ana</i>	<b>28</b>
Ordem das Letras na Língua Toscana	<b>29</b>
<i>Grammaticchetta</i>	<b>32</b>
Pequena Gramática da Língua Toscana	<b>33</b>
<i>Lettera Dedicatoria a Lionello d'Este</i>	<b>76</b>
Carta Dedicatória a Lionello d'Este	<b>77</b>
<i>Protesta</i>	<b>80</b>
Protesto	<b>81</b>
<b><i>Baldassar Castiglione</i></b>	<b>95</b>
Introdução	<b>96</b>
<i>Il Cortegiano</i>	<b>102</b>
O Cortesão	<b>103</b>
<i>Il Primo Libro del Cortegiano</i>	<b>118</b>
Do Primeiro Livro do Cortesão	<b>119</b>
<b><i>Nicolau Maquiavel</i></b>	<b>159</b>
Introdução	<b>160</b>
<i>Discorso O Dialogo Intorno Alla Nostra Lingua</i>	<b>170</b>
Diálogo sobre a nossa Língua	<b>171</b>



# Prefácio

Apresentamos ao público brasileiro, com muita satisfação, este primeiro volume dos *Clássicos da Língua Italiana*, com textos inéditos e, pela primeira vez, traduzidos para o português. Os autores italianos escolhidos e apresentados nesta edição escreveram e refletiram sobre a Língua Italiana, desde o surgimento do vulgar no século XIV, e participaram da consequente polêmica acerca da contraposição entre o latim e os vulgares para uma definição de qual seria a língua única da Itália.

Este volume apresenta exatamente uma seleção de textos desses autores que, além de serem expoentes de referência da literatura italiana, participaram ativamente da discussão que surgiu entre o século XIV e o século XVI denominada de *Questione della lingua* e que envolverá, numa disputa acirrada, testemunhada por inumeráveis textos, os principais intelectuais italianos, de Dante Alighieri até Antonio Gramsci, Italo Calvino e Pier Paolo Pasolini, no século XX, passando por Alessandro Manzoni, Giacomo Leopardi, etc.

Trata-se do primeiro de uma série de volumes, fruto do trabalho dos membros do grupo de pesquisa, credenciado junto ao Cnpq, *Estudos Linguísticos e Aquisição-Aprendizagem do Italiano como LE*. Com esse grupo, por mim coordenado, colaboram docentes, pesquisadores e discentes de várias universidades brasileiras e italianas, a saber: Universidade Federal de Santa Catarina (Professor Sergio Romanelli, Professora Carolina Pizzolo Torquato); Universidade de São Paulo (Professora Cecilia Casini, Professora Elisabetta Santoro); Universidade Federal de Minas Gerais (Professora Patrizia Collina Bastianetto, Professora Lucia Fulgencio); Universidade Ca' Foscari



de Veneza (Professor Paolo Torresan) e Universidade GD'A de Pescara, na Itália, (Professora Cecilia Santanché).

Os textos aqui reunidos e traduzidos são de autoria de Leon Battista Alberti, Baldassar Castiglione e Nicolau Maquiavel e representam bem a complexidade das partes envolvidas na assim chamada *Questione della lingua*.

É exatamente no século XVI que se consolidou a *Questione della lingua*, após os antecedentes do *De Vulgari eloquentia* de Dante e do círculo dos Medici em Florença. A querela acerca de qual língua ou qual dos vulgares deveria se tornar oficial no território italiano terá uma duração plurissecular e, ainda hoje, apesar de uma unidade política da Itália acontecida há 150 anos, é questionada e questionável perante a multiplicidade de dialetos, “as variedades linguísticas” e as diferenças culturais que convivem, não sempre harmoniosamente, na península italiana. A peculiar situação linguística da Itália, desde a crise linguística românica até a Renascença (que se prolonga até o *Risorgimento*) é a razão dessa querela. Lembramos que uma língua é tal quando é universal ou única para a comunidade que a fala, e a usa tanto para a comunicação na vida prática quanto na expressão escrita. Com a fragmentação da unidade linguística românica numa pluralidade de línguas e numa multiplicidade de dialetos, surgiu o problema de como reconstituir a unidade antiga, questão que se tornou mais aguda no século XV. Um século muito complexo do ponto de vista linguístico, pois houve certa diferenciação: se de fato na primeira metade do século o latim ainda prevalecia sobre o vulgar, na segunda metade este último voltou proeminente, mas se desdobrou mais ainda na questão vulgar toscano ou extratosciano, língua da poesia ou da prosa, língua popular ou áulica.

Na Toscana, de fato, a situação linguística era absolutamente diferente da anterior, na primeira metade do século tínhamos então uma situação tríplice que apresentava, por um lado, um florentinismo popular, e por outro, um florentinismo influenciado pela tradição

literária do século XIV e um florentinismo influenciado pelo latim humanístico. Enquanto isso, no resto da Itália permanecia uma situação de extrema variedade e heterogeneidade.

No século XVI, essa heterogeneidade se resolveu por iniciativa de escritores e de teóricos como Pietro Bembo, Ludovico Ariosto e outros gramáticos e lexicógrafos numa pseudounificação fundamentada no florentino do século XIV, o de Dante, Boccaccio e Petrarca. A questão é que se tratava somente de uma unificação literária e não cultural e política. Era uma solução de alguma forma artificial que desconsiderava o princípio fundamental da vitalidade e espontaneidade de uma língua, o problema principal permanecia não resolvido e será retomado por Maquiavel e, mais ainda, por Manzoni. O problema somente encontrará sua solução com a unidade política da nação italiana acontecida oficialmente em 1861; pois, como dissemos, a questão não era meramente linguística, mas, sobretudo, histórica e cultural com uma forte conotação política. Além da questão de qual âmbito étnico-geográfico e qual âmbito temporal deveria ter a língua comum, havia também a dimensão cultural e social, ou seja, o nível ou o registro da língua comum: popular-falada ou áulico-literária? Ao redor dessa questão se formaram vários núcleos: por um lado Bembo e os bembianos que defendiam a língua escrita literária, por outro Maquiavel e seus seguidores (Gelli, Giambullari, Lenzoni, Varchi, etc.) defensores do florentino falado, e o Davanzati defensor do toscano falado. Numa posição intermediária, entre florentino falado e literário, se encontrava o Salviati. Esse conjunto de posições e de estímulos a reconstituir a unidade linguística nacional confluiu para duas direções principais: a favor do latim ou a favor do vulgar.

No primeiro caso persistia a ideia de restaurar a unidade linguística remontando ao latim língua mãe. O latim, por sinal, continuava sendo usado tanto na fala quanto na escrita, na liturgia, nas chancelarias, no ensino e também nos gêneros literários como o lírico, o épico e os ensaios. Mas, apesar dessa



ainda ténue resistência, o latim era destinado à decadência por ser uma língua morta não mais sustentada e alimentada pela força vital da fala popular.

Do ponto de vista do vulgar, uma vez alcançado o consenso acerca da sua oportunidade na substituição do latim, a solução de língua unitária proposta no início do século por Trissino, com o presumido apoio do *De Vulgari eloquentia* de Dante, se revelou inconsistente e insuficiente, assim como a outra tese que defendia a língua das cortes (com a opção da corte romana por parte de Calmeta e de uma solução mais articulada por parte do Castiglione). Segundo Bortolo Tommaso Sozzi<sup>1</sup>, esses autores

[...] substituem a realidade histórica com um ideal fictício de universalidade abstrata e trocam o ponto de chegada com o ponto de partida: sustentam a existência da língua italiana quando, na verdade, existia somente, acima da variedade dialetal e além da restrita comunidade literária, a língua florentina e toscana que deveria ser estendida possivelmente a toda a área italiana.<sup>2</sup> (tradução nossa)

A única unidade que se pode encontrar nessa heterogeneidade de posições e de aspirações é a adoção afinal da variedade toscana e florentina como língua comum. O prevalecer, no século XVI, da tese bembiana se deveu a uma série de fatores: a proposta de Bembo se apresentava, de fato, como a solução mediadora entre as duas posições extremas da italianidade literária e do

<sup>1</sup> SOZZI, Bortolo Tommaso. Polemiche cinquecentesche sulla lingua. In: MACHIAVELLI, Niccolò. *Discorso o Dialogo intorno alla nostra lingua*. Edição crítica com introdução, notas e apêndice a cura de Bortolo Tommaso Sozzi, Torino: Einaudi, 1976, p. 65.

<sup>2</sup> [...] *surrogano la realtà storica con un loro ideale velleitario di astratta universalità, e scambiano il punto di arrivo col punto di partenza: affermano l'esistenza di una lingua italiana laddove esistente era soltanto, al di sopra della varietà dialettale, e al di là dell'aristocratico recinto letterario, una lingua fiorentina e toscana, da estendere possibilmente ad area italiana.*

florentino naturalístico, levando em conta mais a questão do prestígio e da cultura do que a língua florentina do século XIV ainda representava; além disso, se tornava também um instrumento eficaz para todos aqueles escritores italianos não toscanos, que eram muito numerosos e prejudicados, pois teriam, em outro caso, que aprender uma língua que não lhes pertencia por nascimento. Outro fator, mais importante ainda, a favor da tese de Bembo era o fato de que o florentino escrito do século XIV era representativo de uma burguesia em ascensão que não se via representada nem pela opção aristocrática do latim e nem pela opção popular do florentino falado.

Os textos que apresentamos neste primeiro volume apresentam essa diversificação de opiniões.

O primeiro é uma coletânea de textos de Leon Battista Alberti, dentre os quais, o *Proêmio ao III dos Livros da Família*, o *Protesto*, *Ordem das letras da língua toscana e a reforma ortográfica do alfabeto*, a dedicatória do *Theogenius* a Lionello d'Este e, o mais significativo, a primeira gramática da língua toscana, a *Grammatichetta*. Alberti era um defensor do uso do toscano e do uso do vulgar para tratar de assuntos literários e elevados, contra a opinião de Leonardo Bruni que considerava o vulgar somente uma distorção do latim.

No segundo temos a proposta de uma língua cortesã sustentada por Baldassare Castiglione, na dedicatória do *Cortesão* ao Reverendo e ilustre Senhor Dom Miguel da Silva e nos capítulos de XXVIII a XXXIX do referido livro.

No último texto temos a defesa do florentinismo popular e falado contra a tese prevalecente de Bembo, sustentada no *Diálogo sobre a nossa língua*, escrito por Maquiavel.

Esperamos, dessa forma, por um lado oferecer ao leitor e aos estudiosos brasileiros um importante instrumento para aprofundar um momento e uma questão fundamental para o



*Prefácio*

entendimento da Língua Italiana de sua Cultura e, por outro, estimular pesquisas nesse sentido no Brasil.

*Professor Sergio Romanelli*

(DLLE/PGET-UFSC)

Organizador



# Leon Battista Alberti



## Leon Battista Alberti e os Textos Sobre o Vulgar

**P**odemos considerar Leon Battista Alberti (Gênova, 1404 – Roma 1472), arquiteto e letrado italiano, um dos primeiros e maiores defensores do vulgar, por isso apresentamos aqui, além da primeira tradução da primeira gramática da língua toscana, também outros três textos inéditos, em língua portuguesa, em defesa do então vulgar toscano. Alberti, de fato, se esforçou para, não somente defender o vulgar, mas melhorá-lo por meio de uma comparação constante com o latim. Ele é contra a ideia, típica da sociedade italiana da segunda metade do século XV, do vulgar como uma língua instrumental e somente secundária em relação ao latim. A tese defendida por Alberti, e outros letrados que participaram da *Questione della Lingua*, é a de que muitos traços do latim do século XIV, decorrentes da interferência do vulgar, estariam na verdade já presentes no latim medieval e até no latim clássico. Alberti leva adiante essa tese até no estilo da sua prosa latina e vulgar que se caracterizam quase como uma transfusão de características de uma língua na outra. Não vamos retomar toda a querela sobre as relações entre latim e vulgar, mas vale lembrar que Alberti tratou disso a partir do ano de 1435 dando séquito a uma discussão que começara naquela época em Florença acerca da natureza da língua usada na Roma Antiga da qual participaram os humanistas mais conceituados do século XIV. A querela pode ser resumida ao redor dos posicionamentos de Biondo Flavio e de Leonardo Bruni: o primeiro defendia a tese da existência de um latim comum falado por todos – tanto pelos letrados quanto pela plebe; enquanto o segundo defendia a tese da existência de uma diglossia igual àquela que existia, naquela época, entre vulgar e latim, ou

seja, a existência de um vulgar falado pelo povo e de um latim falado pelos letrados. Para Bruni, o vulgar se originara de uma corrupção do latim com as invasões barbarias. Alberti entra na discussão para defender o fato de que o vulgar é uma língua gramatical, o seu esforço então foi para com uma discussão das estruturas e das possibilidades da língua moderna. Nesse sentido têm que ser lidas e analisadas as traduções dos textos que apresentamos aqui pela primeira vez em português.

O primeiro texto é o *Proêmio* ao III dos *Libri de Familia* em que ele tenta responder questões levantadas por Bruni. O *Proêmio* foi adicionado por Alberti aos *Libri de Familia* e se insere num conjunto de textos que ele produziu em vulgar entre 1434 e 1442. Em modo específico, o *Proêmio* foi escrito entre 1436 e 1437 e se apresenta sob a forma de uma carta dedicatória para Francesco d'Altobianco Alberti. Para Alberti, a volta à grandeza clássica precisava ser feita usando a nova língua vulgar tentando melhorá-la com a comparação constante com a antiga. Alberti tenta, neste texto, defender a tese de que o latim não foi somente a língua dos notáveis e da cultura, mas, também, a dos subalternos e a da economia da época. Tenta, então, com vários argumentos, destruir a tese bruniana de que os plebeus não conseguiriam declinar o latim afirmando existir a mesma dificuldade com o vulgar; já que o vulgar também possuía uma gramática, desinências e concordâncias específicas. Ele conclui afirmando que, como na antiguidade o latim era a língua falada por todos e por isso os letrados a utilizavam para escrever suas obras, da mesma forma agora se deveria utilizar a nova língua comum, melhorando-a continuamente.

O segundo texto que apresentamos aqui é um fragmento da *Grammaticetta*, a *Ordem das letras da língua toscana e a reforma ortográfica do alfabeto*. Trata-se do primeiro núcleo do que viria a ser a primeira gramática da língua toscana e é um esboço do quadro que se encontra na *Grammaticetta* chamado de *Ordine delle lettere*. Alberti mostra nessa tabela o resultado

de uma grande pesquisa e catalogação feita anteriormente num corpus muito grande. O critério seguido por Alberti para ordenar os elementos é a forma das letras; Patota lembra que esse critério é fundamental, pois, na Toscana mercantil dos séculos XIII e XIV, aprender a escrever bem em vulgar significava, sobretudo, aprender a escrever bem as letras do alfabeto. A relevância do trabalho feito por Alberti está na utilização de signos diacríticos do sistema gráfico grego e latino: o acento agudo, o signo da sílaba breve, etc. Uma novidade do ponto de vista ortográfico, pois esses signos são inseridos num sistema ortofônico original do vulgar completo, mas carente de um sistema gráfico. Esse é um mérito de Alberti, assim como o de ter utilizado signos destinados ao grego no sistema gráfico do vulgar. Como afirma Patota<sup>3</sup> os dois textos de Alberti, aqui apresentados, *Ordine delle lettere della lingua toscana* e a *Grammaticetta*:

Antecipam cerca de trinta anos o Glossário de Giovanni Ridolfi no qual temos a primeira utilização do acento num glossário vulgar e uma das primeiras extensões ao italiano do sistema grego; e antecipa de mais que setenta anos o projeto de reforma e definição ortográfica atuado por Gian Giorgio Trissino na *Epistola delle lettere nuovamente aggiunte ne la lingua italiana* (1524).

O terceiro texto aqui traduzido e apresentado é a *Grammatica*, tradicionalmente indicada como *Grammaticetta vaticana* porque a única cópia existente é guardada na Biblioteca Apostólica Vaticana. Nas várias cópias existentes do livro, o título é sempre diferente, às vezes em italiano, outras em latim; por esse motivo, ainda que haja como única constante a referência à língua toscana, os estudiosos preferiram e preferem manter o apelido que adquiriu ao longo do tempo, ou seja, *Grammaticetta* (Pequena

<sup>3</sup> PATOTA, Giuseppe (a cura di). Leon Battista Alberti. *Grammaticetta e altri scritti sul volgare*. Roma: Salerno Editrice, 1996, p. XXX. Esta foi também a edição usada para a tradução do italiano para o português.

Gramática). Acerca da data de composição também não há consenso entre os estudiosos, mas o período mais provável vai da redação do *Proêmio* ao III dos livros da *Família* e à disputa com Bruni (1435) e outubro de 1441, sendo mais provável o período 1438-1440. Como já mencionamos, o mais importante é que a *Grammatichetta* é uma resposta ideológica e crítica às teses de Leonardo Bruni o qual sustentava que a língua latina tinha sido a língua falada na Roma Antiga somente pelos doutos e não por todos e que essa língua era a única gramatical. Nos seus textos, Alberti sustenta exatamente o contrário, ou seja, que se podem usar os mesmos critérios elaborados pelos gramáticos antigos para analisar e descrever o vulgar e que, por isso, o vulgar também é uma língua gramatical. Toda a análise de Alberti se desenvolve, então, nessa direção, pois sua metodologia trata de analisar o *corpus* linguístico vulgar com parâmetros usados para classificar as categorias gramaticais do latim, desmontando como um verdadeiro advogado filólogo as teses de seus opositores, chegando à conclusão de que entre vulgar e latim existe uma homologia total de estruturas.

A *Grammatichetta* foi escrita muito rapidamente, pois para Alberti era fundamental responder logo e cientificamente as teorias de Bruni, por isso, como ele admite no seu texto, elas têm consistência mais de anotações; de qualquer forma constituem um todo fechado que se baseia na sequência das categorias gramaticais propostas por Prisciano nos livros X-XVI das *Institutiones*. Nesses livros, assim como no de Alberti, se aborda: o nome, o verbo, o pronome, a preposição, o advérbio, a interjeição, a conjunção e a construção; também igual é a subdivisão interna a cada categoria gramatical. Cabe ressaltar que muitas dessas categorias (*appellativo, assertivo, asseverativo, caso*, etc.) aparecem pela primeira vez no contexto gramatical do italiano. Outro ponto que poderíamos definir revolucionário em relação à época é o uso no texto de Alberti de uma fraseologia explicativa não baseada nos autores clássicos de referência (Dante, Petrarca e Boccaccio),

mas baseada na língua falada pelos seus contemporâneos. Alberti é um linguista descritivo *ante litteram*, pois se esforçou para descrever e não prescrever, pondo no mesmo plano, assim como teriam feito muitos séculos depois os linguistas ao fundamentar a disciplina, língua falada e língua escrita: ele não descartou, como fez depois o Bembo, estrangeirismos, pronúncias específicas ou peculiares, apocopes, sincopes; o fato, ainda, de elaborar e dar maior peso a um alfabeto fonético, como aparece no esquema com a ordem das letras, mostra a sua profunda persuasão da importância da gramaticalidade da língua oral.

O quarto texto é a dedicatória do *Theogenius* a Lionello d'Este em que volta a defender, assim como já tinha feito no *Proêmio*, a sua escolha de escrever em vulgar e não em latim, pois seu intento é de utilidade pública: ser compreendido por muitos e não por um grupo seleto de doutos e para reforçar que até a prosa vulgar poderia expressar conceitos e pensamentos clássicos.

O último texto que aqui apresentamos é um *Protesto* muito polêmico contra a decisão dos juizes de entregar a coroa de prata à Igreja de Santa Maria Del Fiore. Alberti critica a incoerência dos juizes que, num primeiro momento, tinham defendido a iniciativa do *Certame Coronario* acontecido em 22 de outubro de 1441 e depois o tinham boicotado. A competição poética teve uma grande participação de público e Alberti aponta os seguintes motivos como causa da traição dos juizes: a inveja em relação aos cidadãos que poderiam, por meio da competição poética, dar fama e dignidade à pátria; a possibilidade de utilizar o vulgar em obras de estilo alto; a oposição entre os juizes que, como humanistas monolíngues, defendiam o uso exclusivo do latim; os concorrentes e os promotores do evento que, como humanistas bilíngues, defendiam o uso do vulgar. O *Protesto* (incompleto) é guardado no códice Palatino 215 da Biblioteca Nacional de Florença. Podemos concluir que neste texto, assim como em todos os outros aqui propostos, o leitor observará a coerência do projeto linguístico e ideológico do Alberti, ou seja,

a sua defesa da autoridade dos antigos, o seu exemplo e a sua língua totalmente similar à língua da sua época, o vulgar, tanto nas origens quanto na estrutura gramatical.

Alguns poucos acenos para finalizar esta breve apresentação acerca dos critérios adotados na tradução. No processo tradutório do texto de partida para o português, buscamos manter os termos italianos que não têm um correspondente em língua portuguesa colocando uma nota explicativa; e ainda que tentássemos tornar o texto o mais legível possível, optamos para manter a estrutura típica tanto da prosa albertiana quanto do vulgar da época para dar ao leitor a possibilidade de perceber, até em português, a construção peculiar e híbrida daquela língua que estava se constituindo.

*Professor Dr. Sergio Romanelli*  
(DLLE/PGET-UFSC)



## Proemio al III dei *Libri de Familia*

A Francesco d'Altobianco Alberti

[r] Messere Antonio Alberti, uomo litteratissimo tuo zio, Francesco, quanto nostro padre Lorenzo Alberti a noi spesso referiva, non raro solea co' suoi studiosi amici in que' vostri bellissimoi orti passeggiando disputare quale stata fosse perdita maggiore o quella dello antiquo amplissimo nostro imperio, o della antiqua nostra gentilissima lingua latina. [2] Né dubitava nostro padre a noi populi italici cosí trovarci privati della quasi devuta a noi per le nostre virtù da tutte le genti riverenza e obediencia, molto essere minore infelicitá che vederci cosí spogliati di quella emendatissima lingua, in quale tanti nobilissimi scrittori notorono tutte le buone arti a bene e beato vivere. [3] Avea certo in sé l'antico nostro imperio dignità e maiestà maravigliosa, ove a tutte le genti amministrava intera iustizia e summa equità, ma tenea non forse minore ornamento e autorità in un principe la perizia della lingua e lettere latine che qualunque fosse altro sommo grado a lui concesso dalla fortuna. [4] E forse non era da molto maravigliarsi se le genti tutte da natura cupide di libertà suttrassero sé, e contumace sdegnorono e fuggirono editti nostri e leggi. Ma chi stimasse mai sia stato se non propria nostra infelicitá cosí perdere quello che niun ce lo sottrasse, niun se lo rapí? [5] E pare a me non prima fusse estinto lo splendor del nostro imperio che ocecato quasi ogni lume e notizia della lingua e lettere latine. [6] Cosa maravigliosa in tanto trovarsi corrotto o mancato quello che per uso si conserva, e a tutti in que' tempi certo era in uso. [7] Forse potrebbesi giudicare questo conseguisse la nostra suprema calamità. Fu Italia piú volte occupata e posseduta da varie nazioni: Gallici, Goti, Vandali, Longobardi, e altre

## Proêmio ao III dos Livros da Família

Para Francesco d’Altobianco Alberti

Francesco, o Senhor Antonio Alberti, seu tio e homem extremamente culto, conforme nos contava frequentemente nosso pai Lorenzo Alberti, costumava, com certa frequência, enquanto passeava nos seus belíssimos jardins, conversar com os seus amigos estudiosos acerca de qual se poderia considerar a perda maior: a do nosso antigo império ou a da nossa muito nobre e antiga língua latina. Nosso pai não tinha dúvida de que fosse uma infelicidade menor, para nós itálicos, estarmos privados da admiração e obediência que, pelas nossas grandes virtudes, todos os povos nos deveriam, que ficar quase que despidos daquela língua tão perfeita com a qual tantos escritores muito conceituados descreveram todas as belas artes necessárias para uma vida feliz. Certamente, o nosso antigo império continha em si uma dignidade e uma majestade maravilhosas e, por isso, garantia a todos os seus cidadãos justiça e equidade. Mas, considerava também que o conhecimento apurado da língua e da literatura latinas fosse, para um príncipe, uma virtude e um motivo de prestígio talvez não de menor importância do que qualquer outra condição de privilégio concedida a ele pela sorte. Então, não devemos ficar surpresos se todos os povos, por sua natureza, desejosos de liberdade, se afastaram e, rebeldes, desprezaram e se esquivaram dos nossos decretos e das nossas leis. Mas, quem poderia pensar que foi somente uma infelicidade nossa o fato de ter perdido, dessa forma, algo que ninguém nos tirou nem pelo engano nem pela força? E me parece que o esplendor do nosso império não tenha se apagado totalmente se não quando foram quase que completamente destruídos o prestígio e a fama da língua e da literatura latinas. Desperta maravilha o fato de que se apresente alterado ou se perca aquilo que se perpetua



simili barbare e molto asprissime genti. [8] E, come necessità o volontà inducea, i popoli, parte per bene essere intesi, parte per piú ragionando piacere a chi essi obediano, cosí apprendevano quella o quell'altra lingua forestiera, e quelli strani e avventizii uomini el simile se consuefaceano alla nostra, credo con molti barbarismi e corruttela del proferire. Onde per questa mistura di dí in dí insalvatichí e viziosi la nostra prima cultissima ed emendatissima lingua.

[9] Né a me qui pare da udire coloro, e quali di tanta perdita maravigliandosi, affermano in que' tempi e prima sempre in Italia essere stata questa una qual oggi adoperiamo lingua commune, e dicono non poter credere che in que' tempi le femmine sapessero quante cose oggi sono in quella lingua latina molto a' bene dottissimi difficile e oscure, e per questo concludono la lingua in quale scrissero e dotti essere una quasi arte e invenzione scolastica piú tosto intesa che saputa da' molti. [10] Da' quali, se qui fusse luogo da disputare, dimanderei chi apresso gli antichi non dico in arti scolastiche e scienze, ma di cose ben vulgari e domestiche ma' scrivesse alla moglie, a' figliuoli, a' servi in altro idioma che solo in latino, [11] E domanderei chi in publico o privato alcuno ragionamento mai usasse se non quella una, quale perché a tutti era commune, però in quella tutti scrivevano quanto e al popolo e tra gli amici proferiano. [12] E ancora domanderei se credono meno alle strane genti essere difficile, netto e sincero profferire questa oggi nostra quale usiamo lingua, che a noi quella quale usavano gli antichi. [13] Non vediamo noi quanto sia difficile a' servi nostri profferire le dizioni in modo che sieno intesi, solo perché non sanno, né per uso possono variare casi e tempi, e concordare, quanto ancora nostra lingua oggi richiede? [14] E quante si trovarono femmine a que' tempi in ben profferire la lingua latina molto lodate, anzi quasi di tutte piú si lodava la lingua che degli uomini, come dalla conversazione dell'altre genti meno contaminata! [15]

graças ao uso e que, certamente, naquela época, todos usavam. Talvez se pudesse pensar que a nossa desgraça definitiva tenha sido consequência disso. A Itália foi invadida e dominada muitas vezes por vários povos: Gálicos, Godos, Vândalos, Longobardos e outros parecidos com esses e igualmente bárbaros e cruéis. E, conforme a sua necessidade ou desejo, as pessoas do povo, algumas para que fossem compreendidas melhor, outras para que agradassem mais aos que as subjugavam, iam aprendendo uma ou outra daquelas línguas estrangeiras. Ao mesmo tempo e da mesma forma, aqueles estrangeiros se acostumavam à nossa língua, acredito eu, com muitas distorções e impurezas na pronúncia. E, por causa dessa mistura, dia após dia, a nossa língua originária, tão culta e tão perfeita, se tornou selvagem e impura. Nem acho que se deva aqui escutar aqueles que, surpresos de tamanha perda, afirmam que, naquela época e, até antes, sempre existira uma língua comum na Itália, igual àquela que usamos hoje; eles afirmam não conseguir acreditar que, naqueles tempos, as mulheres entendessem em latim coisas que até hoje ficam obscuras e incompreensíveis até para os mais doutos e, por isso, concluem que a língua, por meio da qual escreveram os doutos, fosse quase um artifício inventado nas escolas, muito mais compreendido do que dominado pela maioria. A eles, se este fosse um lugar para discussões, perguntaria quem, junto aos antigos, não digo nas artes escolásticas e nas ciências, mas nas coisas meramente cotidianas e particulares, nunca escrevia para a esposa, para os filhos e para os servos em outra língua se não em latim. E perguntaria quem, em uma conversa pública ou particular, usava outra língua se não aquela, pois era comum a todos; porém, naquela época, todos escreviam o que era pronunciado entre o povo e entre os amigos. E perguntaria ainda se acreditam ser menos difícil, claro e sincero, para os povos estrangeiros, pronunciar a língua que usamos hoje que, para nós, aquela que os antigos usavam. Não observamos quanto seja difícil para nossos escravos pronunciar as palavras de forma que sejam compreendidos, somente porque



E quanti furono oratori in ogni erudizione imperiti al tutto e senza niuna lettera! [16] E con che ragione arebbono gli antichi scrittori cerco con sí lunga fatica essere utili a tutti e suoi cittadini scrivendo in lingua da pochi conosciuta? [17] Ma non par luogo qui stenderci in questa materia; forse altrove piú a pieno di questo disputaréno. Benché stimo niuno dotto negarà quanto a me pare qui da credere, che tutti gli antichi scrittori scrivessero in modo che da tutti e suoi molto voleano essere intesi.

[18] Se adunque cosí era, e tu, Francesco, uomo eruditissimo, cosí reputi, qual giudizio di chi si sia ignorante sarà appresso di noi da temere? E chi sarà quel temerario che pur mi perseguiti biasimando s'io non scrivo in modo che lui non m'intenda? [19] Piú tosto forse e prudenti mi loderanno s'io, scrivendo in modo che ciascuno m'intenda, prima cerco giovare a molti che piacere a pochi, ché sai quanto siano pochissimi a questi di e litterati. E molto qui a me piacerebbe se chi sa biasimare, ancora altanto sapesse dicendo farsi lodare. [20] Ben confesso quella antiqua latina lingua essere copiosa molto e ornatissima, ma non però veggo in che sia la nostra oggi toscana tanto d'averla in odio, che in essa qualunque benché ottima cosa scritta ci dispiaccia. [21] A me par assai di presso dire quel ch'io voglio, e in modo ch'io sono pur inteso, ove questi biasimatori in quella antica sanno se non tacere, e in questa moderna sanno se non vituperare chi non tace. [22] E sento io questo: chi fusse piú di me dotto, o tale quale molti vogliono essere riputati, costui in questa oggi commune troverrebbe non meno ornamenti che in quella, quale essi tanto prepongono e tanto in altri desiderano. [23] Né posso io patire che a molti dispiaccia quello che pur usano, e pur lodino quello che né intendono, né in sé curano d'intendere. Troppo biasimo chi richiede in altri quello che in sé stessi recusa. [24] E sia quanto dicono quella antica appresso di tutte le genti piena d'autorità, solo perché in essa molti dotti

não sabem, nem podem conforme o uso, declinar, conjugar e concordar aquilo que a nossa língua requer ainda hoje? E houve muitas mulheres que foram muito louvadas naquele tempo, pois pronunciavam muito bem a língua latina, aliás, era muito mais louvada sua língua do que a dos homens, pois era menos contaminada pelo contato com outros povos. E quantos foram os oradores dotados de uma grande erudição, mas sem língua alguma! E com qual objetivo teriam buscado os antigos, com muito esforço, ser úteis aos seus concidadãos escrevendo numa língua conhecida por poucos? Mas não nos parece útil nos determos aqui sobre essa questão, pois, talvez, falaremos disso mais apropriadamente em outro momento. Acredito que nenhum douto negará o que eu aqui afirmo, ou seja, que todos os escritores antigos escreviam de forma que fossem bem compreendidos por todos os seus leitores. Se então era assim, e tu, Francesco, homem de muita erudição, assim acreditas, por que deveríamos temer o julgamento de quem é ignorante? E quem seria tão temerário de me perseguir lamentando o fato de que eu escreva de forma que ele não entenda? Talvez, ao contrário, os prudentes me louvarão se eu escrever de modo que todos me entendam, pois eu busco mais ser útil aos demais do que agradar a poucos, pois é sabido que são realmente poucos os que hoje em dia sabem ler e escrever em latim. E me agradaria muito aqui se, quem sabe criticar, também ainda soubesse, ao falar, poder ser louvado. Sinceramente, confesso ser a antiga língua latina consistente e perfeita, mas não vejo, porém, por que deveríamos odiar tanto a nossa língua toscana, pois parece que, qualquer coisa, ainda que ótima, escrita nela, nos incomoda. Parece-me que consigo dizer, com uma precisão mais do que satisfatória, o que quero, de uma forma até compreensível, por isso esses críticos sabem ficar bem calados na língua antiga, mas sabem criticar bem quem, na língua nova, não fica calado. E eu acho o seguinte: quem for mais douto do que eu, ou quem gostaria de ser considerado tal, essa pessoa encontrará nessa língua comum não menos elementos quanto



scrissero, simile certo sarà la nostra s'e dotti la vorranno molto con suo studio e vigilie essere elimata e polita. [25] E se io non fuggo essere come inteso così giudicato da tutti e nostri cittadini, piaccia quando che sia a chi mi biasima o deponer l'invidia o pigliar piú utile materia in qual sé demonstrino eloquenti. Usino quando che sia la perizia sua in altro che in vituperare chi non marcisce in ozio. [26] Io non aspetto d'essere commendato se non della volontà qual me muove a, quanto in me sia ingegno, opera e industria, porgermi utile a' nostri Alberti; e parmi piú utile così scrivendo essercitarmi, che tacendo fuggire el giudizio de' detrattori.

[27] Però, Francesco mio, come vedesti di sopra, scrissi duo libri, nel primo de' quali avesti quanto in le bene costumate famiglie siano e maggiori verso la gioventú desti e prudenti, e quanto a' minori verso de' vecchi sia debito e officio fare, e ancora trovasti quanta diligenza sia richiesta da' padri e dalle madri in allevare e figliuoli e farli costumati e virtuosi. [28] El secondo libro recitò quali cose s'avessero a considerare maritandosi, e narrò quanto allo essercizio de' giovani s'apartenea. [29] Persino a qui adunque abbiàn fatta la famiglia popolosa e avviata a diventar fortunata; ora, perché la masserizia si dice essere utilissima a ben godere le ricchezze, in questo terzo libro troverai descritto un padre di famiglia, el quale credo ti sarà non fastidioso leggere; ché sentirai lo stile suo nudo, semplice, e in quale tu possa comprendere ch'io volli provare quanto i' potessi imitare quel greco dolcissimo e suavissimo scrittore Senofonte. [30] Tu adunque, Francesco, perché sempre amasti me, sempre a te piacquero le cose mie, leggerai questo buon padre di famiglia, da cui vedrai come prima sé stessi e poi ciascuna sua cosa bene governi e conservi. E stimerai ch'io desidero non soddisfare a' meriti tuoi verso di me mandandoti questo libro quasi come pegno e segno della nostra amicizia, ma giudicherai me molto piú a te rendermi obbligato ove io dimanderò da te che tu duri fatica

há na outra, como eles tanto defendem ou querem que os outros defendam. Não consigo entender porque a muitos desagrada aquilo que usam, mas louvam o que nem entendem e nem se preocupam em entender. Lamento muito o fato de que alguns exijam dos outros aquilo que eles mesmos recusam. Ainda que seja como muitos dizem, a língua latina ser a mais conceituada entre os povos antigos, somente porque muitos escritores a usaram, assim também a nossa língua será, caso os doutos, com muito estudo e muita dedicação, a queiram aperfeiçoar e polir. E, se eu não consigo tanto ser compreendido quanto ser julgado por todos os nossos concidadãos, queira, quem me criticar, ou depor a inveja ou se ocupar com um assunto mais útil no qual possa ele demonstrar toda sua eloquência. Que use sua competência em outra coisa que denegrindo quem não apodrece no ócio. Eu não espero ser guiado nada mais que pelo desejo que me move, pela inteligência, trabalho e esforço que eu tenho, a tornar-me útil aos nossos Alberti; e me parece mais útil me ocupar escrevendo, que ficar calado para evitar o julgamento dos detratores.

Porém, meu querido Francesco, como tu viste acima, escrevi dois livros, no primeiro mostrei quanto, nas famílias bem educadas, os mais velhos considerem a juventude com atenção e prudência, e quanto seja necessário que os jovens respeitem os velhos, e ainda mostrei quanto bom-senso seja requerido aos pais e às mães para criar os filhos e torná-los educados e virtuosos. O segundo livro dizia respeito ao que é necessário para o casamento e, também, falava acerca do que cabe ao esforço dos jovens. Até aqui, então, fizemos com que a família ficasse numerosa e pegasse o caminho certo; ora, como se diz que o governo da família é muito útil para desfrutar bem das riquezas, neste terceiro livro, encontrarás a descrição de um pai de família, e acredito será para ti uma leitura prazerosa; tu sentirás o seu estilo cru, simples, e no qual poderás comprovar o quanto eu tenha buscado imitar o escritor grego, Xenofontes, tão doce e suave. Tu, então, Francesco, já que sempre me amaste, sempre te agradaram as

in emendarmi, acciò che noi lasciamo a' detrattori tanto men materia di inculparci. Leggimi, Francesco mio suavissimo, e quanto fai amami.



minhas coisas, lerás acerca desse bom pai de família, e verás como ele governa e perpetua bem, primeiramente, a si próprio e, depois, a todas as coisas. E entenderás que não quero, ao enviar-te este livro, agradecer pelo que fizeste para mim, quase como se fosse um penhor e um sinal de nossa amizade. Mas me julgarás muito mais em dívida contigo, de tal forma que mal te livrarás de mim; com isso nós deixaremos aos nossos detratores muito poucos motivos para nos culpar. Leia-me, Francesco, meu docíssimo e, por quanto podes, me ama.

*Tradução: Professor Sergio Romanelli  
(DLLE/PGET-UFSC)*

*Revisão: Professora Silvana de Gaspari  
(DLLE-UFSC)*



# Ordine dellé lætteré pellá linghua toscana

[1]

i	r	t	
n	u	m	
l	s	f	
c	e	o	
b	d	v	vi, sveglie
p	q	g	
a	x	z	
ç	c <sup>h</sup>	g <sup>h</sup> <sup>1</sup>	çi, c <sup>hi</sup> , g <sup>hi</sup> .

[2] *Io voglio c<sup>h</sup> 'el g<sup>h</sup>iro giri al çio èl zembo<sup>2</sup>*

[3] *Voc<sup>h</sup>ali*

a	æ	è	i	ao	õ	u	<i>sc<sup>h</sup>örse, sc<sup>h</sup>örse</i>
a	<sub>a</sub> e	è	i	ó	õ	u <sup>3</sup>	<i>tõnó a tõrnõ</i> <i>io ripõsi el uino</i> <i>tu ripõsi l'animo</i>

<sup>1</sup> I segni alfabetici sono disposti in base alla forma che hanno; ç, c<sup>h</sup> e g<sup>h</sup> indicano, rispettivamente, l'affricata dentale sorda, la velare sorda e la velare sonora (cfr. *Introduzione*, pp. XXV-XXVII).

<sup>2</sup> *Io voglio... zembo*: «Io voglio che il ghiro giri la schiena allo zio».

<sup>3</sup> Nelle due serie vocaliche, la *e* aperta è indicata da *œ* e da *æ*; la *e* chiusa sempre da *è*, la *o* aperta da *ao* e da *ó*, la *o* chiusa sempre da *õ*: cfr. *Introduzione*, pp. XXVIII-XXIX.

## Ordem das Letras na Língua Toscana

[1]

i	r	t	
n	u	m	
l	s	f	
c	e	o	
b	d	v	vi, sveglie
p	q	g	
a	x	z	
ç	c <sup>h</sup>	g <sup>h4</sup>	çi, c <sup>hi</sup> , g <sup>hi</sup> .

[2] *Io voglio c<sup>b</sup> el g<sup>b</sup>iro giri al çio èl zembo* [O lirão cinzento voltou as costas para o tio].

[3] *Voc<sup>b</sup>ali* [Vogais]

a	æ	è	i	ao	õ	u	<i>sc<sup>b</sup>órse, sc<sup>b</sup>örse</i>	[avistou, passadas]
a	<sub>a</sub> e	è	i	ó	õ	u <sup>5</sup>	<i>tõnó a tõrnõ</i>	[voltou ao redor]
							<i>io ripõsi el uino</i>	[eu guardei o vinho]
							<i>tu ripõsi l'animo</i>	[tu descansas o espírito]

<sup>4</sup> [N. d. T.] Os signos indicam respectivamente a africada dental surda, a velar surda e a velar sonora.

<sup>5</sup> [N. d. T.] /æ/ e /<sub>a</sub>e/ indicam o /e/ aberto; /è/ indica o /e/ fechado; /ao/ e /ó/ indicam o /o/ aberto e /õ/ indica o /o/ fechado.

verbo

articulo

coniunctione

é

è

æ

[4] *I' vóltō èl vólto quando la N<sub>a</sub>era é nèra.*

*æ èlla pörto al portō pèlla pælle é f<sub>a</sub>erri.*



verbo	artigo	conjugação
é	è	æ

[4] *I' vóltō èl vólto quando la N<sub>a</sub>era é n<sub>e</sub>ra* [Eu viro a cara quando a Nera está chateada]

*Ae èlla pörto al portō pèlla pælle è f<sub>a</sub>erri* [E ela levou ao porto as ferramentas que servem para a pele].

*Tradução: Professor Sergio Romanelli  
(DLLE/PGET-UFSC)*

*Revisão: Professora Silvana De Gaspari  
(DLLE-UFSC)*



# Grammatichetta

[1] <Q>ue' che affermano la lingua latina non essere stata comune a tutti è populi latini, ma solo propria di certi docti scolastici<sup>4</sup>, come hoggi la vediamo in pochi, credo deporranno quello errore, vedendo questo nostro opuscholo<sup>5</sup>, in quale<sup>6</sup> io racolsi<sup>7</sup> l'uso della lingua nostra in brevissime annotationi. Qual cosa simile<sup>8</sup> fecero gl'ingegni grandi e studiosi presso a' Gr<sub>a</sub>eci prima, e po' presso' de e Latini; et chiamorno<sup>9</sup> queste simili ammonitioni<sup>10</sup>, apte a scrivere e favellare senza corruptela<sup>11</sup>, suo nome<sup>12</sup>, *Grammatica*<sup>13</sup>. Quèsta arte, quale ella sia in la lingua nostra, leggietemi e intenderetela<sup>14</sup>.

<sup>4</sup> *la lingua latina... docti scolastici*: per l'accusativo con l'infinito con valore oggettivo vd. p. 7 n. 23; per è articolo determinativo maschile plurale vd. *Introduzione*, p. LVII.

<sup>5</sup> *opuscholo*: 'operetta' (cfr. GRAYSON, *Glossario*, p. 76).

<sup>6</sup> *in quale*: per il relativo privo di articolo, più volte ricorrente nel testo (p. es. *qual* 40, 69, 84, 97; *quale* 6, 49, 82, 92, 95; *quali* 44, 46, 74, 89) cfr. p. 4 n. 9.

<sup>7</sup> *racolsi*: per la velare scempia vd. la *Nota ai testi*, p. 65.

<sup>8</sup> *qual cosa simile*: calco del latino *aliquid simile*.

<sup>9</sup> *chiamorno*: desinenza di sesta persona del perfetto indicativo dei verbi di prima classe tipica dell'uso fiorentino quattrocentesco, come l'altra in *-orono*, qui attestata in *variorono*, II: cfr. *Introduzione*, p. LXX.

<sup>10</sup> *ammonitioni*: 'istruzioni' (cfr. GRAYSON, *Glossario*, p. 74).

<sup>11</sup> *corruptela*: 'impurità' (cfr. p. 6 n. 16).

<sup>12</sup> *suo nome*: il costrutto deriva dall'intento di riprodurre l'ablativo apreposizionale latino. *Suo* per il possessivo di sesta persona non solo è accolto nell'uso (cfr. p. 9 n. 35; e qui *co' suoi articoli*, 7; il *suo plurale*, 36; *èl suo participio*, 69), ma è anche codificato nella grammatica (39).

<sup>13</sup> *Grammatica*: cfr. *Introduzione*, pp. XV e sgg.

<sup>14</sup> *Questa arte... intenderetela*: dislocazione a sinistra del tema (*Questa arte*) con successiva ripresa pronominale (*intenderetela*): costrutto tipico del parlato in varia misura attestato nell'arco di tutta la tradizione scritta, soprattutto in testi o sezioni di testi dall'andamento dialogico (cfr. D'ACHILLE, *Sintassi del parlato*, pp. 91-203, in partic. le pp. 194-203).

# Pequena Gramática da Língua Toscana

Aqueles que afirmam que a língua latina não foi a língua comum de todos os povos latinos, mas somente de alguns poucos doutos escolásticos, assim como hoje, que a vemos usada por poucos, acredito que reconsiderarão esse erro após ter lido esta pequena obra, na qual eu fiz brevíssimas anotações acerca do uso da nossa língua. Coisa parecida fizeram, antes de mim, aqueles grandes intelectuais e estudiosos com os Gregos e, em seguida, com os Latinos, e chamaram tais preceitos, com o objetivo de escrever e falar sem erros, pelo nome de gramática. Em que consiste a gramática dessa nossa língua ficará claro ao lerem este meu livro.

## Ordem das letras

i	r	t
n	u	m
c	e	o
l	s	f <sup>a</sup>
d	b	v <sup>b</sup>
p	q	g
a	x	z
ç	ch	g <sup>h</sup>



[2] Ordine dèlle lettere

i	r	t
n	u	m
c	e	o
l	s	f <sup>a</sup>
d	b	v <sup>b</sup>
p	q	g
a	x	z
ç	ch	g <sup>h</sup>

[3] Vochali

a	<sub>a</sub> e	è	i	o	ö	u					
					<sub>a</sub> e	é	è				
<sub>a</sub> e	é	è		Coniunctio		V	e	r	b	u	m
<i>Articulus</i> <sup>15</sup>											

*El g<sup>b</sup>iro giró al çio el zembo.*

*Et volse pörçi a' porci quello chè é pèlla pelle.*

[4] <O>gni parola e dictione toscana finisce in vocale: solo alchuni articholi de' nomi in *l* et alchune preposizioni finiscono in *d, n, r*.

[5] Le chose, in molta parte, hanno in lingua toscana<sup>16</sup> que' medesimi nomi che in latino.

<sup>15</sup> *e* indica la *e* aperta (*e*, conseguentemente, anche la congiunzione copulativa, corredata dalla didascalia *Coniunctio*), è indica la *e* chiusa (*e*, conseguentemente, anche l'articolo determinativo maschile plurale, corredata dalla didascalia *Articulus*). Un segno a parte (*e* con spirito aspro) è riservato alla terza persona del presente di *essere*, indicata nella didascalia col latino *Verbum*.

<sup>16</sup> *in lingua toscana*: per evidente influsso del modello latino, l'articolo è spesso omesso con un complemento preposizionale (qui come in *in singulare e in plurale*, 6 e sgg.; *in uso*, 41, ecc.: cfr. DARDANO, *Sintassi e stile*, p. 348); talvolta, giusta la regola morfossintattica enunciata al par. 27, l'articolo è omesso anche con un soggetto (p. es. *Masculini... hanno articoli*, 9; *Nomi proprii... non hanno* 12; *Proprii masculini... fanno così*, 13, ecc.).

Vogais

a   <sub>a</sub>e   è   i   o   ò   u

<sub>a</sub>e   é   è   *Coniunctio*   *Verbum*   *Articulus*<sup>6</sup>

*El g<sup>h</sup>iro giró al çio el zembo.*<sup>7</sup>

*Et volse pörçi a' porci quèllo chè è pèlla pelle.*<sup>8</sup>

Toda palavra e locução toscana acabam com vogal: somente alguns artigos definidos de nomes, que começam com a letra *l*, e algumas preposições terminam com as letras *d*, *n*, *r*.

As coisas, na maioria dos casos, têm, na língua toscana, os mesmos nomes que tinham em latim.

Os nomes em língua toscana podem ser somente masculinos ou femininos. Os neutros latinos se tornam masculinos. Emprega-se o caso ablativo singular dos nomes latinos e se usa para formar o singular dos nomes em toscano, tanto no masculino quanto no feminino. A última vogal dos nomes masculinos se converte para *i*, e isso se faz com todos os nomes masculinos no plural. A última vogal dos nomes femininos se converte para *e*, e isso se faz com todos os nomes femininos no plural.

O plural de alguns nomes femininos não termina com *e*: como, *la mano* [a mão] que se torna *le mani* [as mãos]. E todos os nomes femininos, cujo singular termine com *e*, têm como plural *i*: é o caso da palavra *la oratione* [a oração], *le orationi* [as orações]; *stagione* [estação], *stagioni* [estações]; *confusioni* [confusões], etc.

6 [N.d.T.] <sub>a</sub>e indica o *e* aberto (*e*, por consequência, também a conjunção copulativa, acompanhada pelo termo *Coniunctio*); è indica o *e* fechado (*e*, por consequência, também o artigo definido masculino plural, acompanhado pelo termo *Articulus*). Outro signo, è, representa a terceira pessoa do presente do verbo *essere* [ser], indicada pelo termo latino *Verbum*.

7 O lirão-cinzeito voltou as costas para o tio.

8 Ele quis pôr nos porcos o que era para as peles.



[6] Non hanno è Toscani fra è nomi altro che mascolino e femminino; è neutri latini si fanno masculini. Pigliasi in ogni nome latino lo ablativo singulare, e questo s'usa in ogni caso singulare, cosí al mascolino come al femminino. A è nomi masculini l'ultima vocale si converte in *-i*, e questo s'usa in tutti è casi plurali. A è nomi femminini l'ultima vocale si converte in *-e*, e questo s'usa in ogni caso plurale per è femminini. Alchuni nomi femminini in plurale non fanno in *-e*: come *la mano* fa *le mani*. Et ogni nome femminino, quale in singulare finisca in *-e*, fa in plurale in *-i*: come *la oratione*, *le orationi*; *stagione*, *stagioni*; *confusioni*, e simili.<sup>17</sup>

[7] È casi de' nomi si notano<sup>18</sup> co' suoi articoli, de i quali<sup>a</sup> sono varii<sup>19</sup> è masculini da è femminini. *Item*,<sup>20</sup> è masculini che cominciano da consonante hanno certi articoli non fatti come quando è cominciano da vocale.

[8] *Item*, è nomi proprii sono varii da gli appellativi.<sup>21</sup>

[9] Masculini che cominciano da consonante hanno articoli simili a questo.

Singolare: *El* cielo, *del* cielo, *al* cielo, *el* cielo, *ó* cielo, *dal* cielo.

Plurale: *È* cieli, *de'* cieli, *a'* cieli, *è* cieli, *ó* cieli, *da'* cieli.

[10] Masculini che cominciano da vocale fanno in singulare simile a questo:

<sup>17</sup> *Et ogni... e simili*: ma nella pratica della scrittura l'Alberti accoglie anche il plurale quattrocentesco in *-e*: *quale*, 82; vd. anche p. 5 n. 13, e *Introduzione*, p. LV.

<sup>18</sup> *si notano*: si distinguono; lo stesso significato in *notati* (41) e *notato* (58): cfr. GRAYSON, *Glossario*, p. 76, e GDLI, s.v. *notare*, 2.

<sup>19</sup> *varii*: diversi (cfr. TB, s.v. *vario*, 1). Un altro es. al par. 32.

<sup>20</sup> *Item*: secondo abitudini cancelleresche (cfr. SCAVUZZO, *Latinismi*, pp. 477-81), l'Alberti accoglie nel testo inserti latini. Le forme latine *optime* e *pexime* sono addirittura inserite in un lungo elenco di avverbi volgari (83).

<sup>21</sup> *Item... appellativi*: la distinzione tra nomi *proprii* e nomi *appellativi* ('comuni': cfr. SGROI, *Retrodatazioni*, p. 253) appartiene alla tradizione grammaticale latina (cfr. VI-NEIS, *Tradizione grammaticale latina*, p. 293).

O gênero dos nomes se distingue pelos artigos, pois os masculinos diferem dos femininos. Da mesma forma, os masculinos, que começam por consoante, têm os artigos diferentes dos que começam por vogal. Igualmente, os nomes próprios diferem dos nomes comuns. Os nomes masculinos, que começam por consoante, têm artigos parecidos com estes:

Singular: *El* cielo, *del* cielo, *al* cielo, *el* cielo, *ó* cielo, *dal* cielo. [O céu, do céu, ao céu, o céu, ó céu, do céu].

Plural: *È* cieli, *de'* cieli, *a'* cieli, *è* cieli, *ó* cieli, *da'* cieli. [Os céus, dos céus, aos céus, os céus, ó céus, dos/pelos céus].

Os nomes masculinos, que começam por vogal, no singular, ficam da seguinte forma:

Singular: *Lo* òrizonte, *dello* òrizonte, *allo* òrizonte, *lo* òrizonte, *ó* orizonte, *dallo* òrizonte. [O horizonte, do horizonte, ao horizonte, o horizonte, ó horizonte, do/pelo horizonte].

Plural: *Gli* orizzonti, *degli* orizzonti, *agli* orizzonti, *gli* orizzonti, *ó* orizzonti, *dagli* òrizonti. [Os horizontes, dos horizontes, aos horizontes, os horizontes, ó horizontes, dos horizontes].

Os nomes masculinos, que começam por s anteposto a uma consoante, têm os mesmos artigos dos que começam por vogal, a saber: *lo* spedo [espeto], *lo* stocco [cabo de lança], *gli* spedi [espetos], etc.

Observem que esses artigos dos casos diretos são diferentes, no singular, daqueles mencionados anteriormente; mas, no plural, todos os artigos variam.

Os nomes próprios masculinos não têm os artigos dos casos diretos e se comportam da mesma forma.

Os nomes próprios masculinos, que começam por consoante no singular, ficam da seguinte maneira:

*C<sub>a</sub>*esare, *di* Cesare, *a* Cesare, Cesare, *o* Cesare, *da* Cesare. [Cesar, de Cesar, para Cesar, Cesar, ò Cesar, De/Por Cesar].



<Singulare:> *Lo* òrizonte, *dello* òrizonte, *allo* òrizonte, *lo* òrizonte, *ó* òrizonte, *dallo* orizonte.

Plurale: *Gli* orizonti, *degli* orizonti, *agli* orizonti, *gli* orizonti, <ó orizonti,> *dagli* òrizonti.

[11] E nomi maschulini che cominciano da *s-* preposta a una consonante<sup>22</sup> hanno articoli simili a quei che cominciano da vocale, e dicesi: *lo* spedo<sup>23</sup>, *lo* stocco, *gli* spedi, e simile. Questi, *vedesti*<sup>24</sup> che sono varii da quei di sopra, nel singulare, èl primo articolo et anque èl quarto;<sup>25</sup> ma nel plurale variorono tutti gli articoli.

[12] Nomi proprii maschulini non hanno èl primo articolo, ne anque èl quartò, e fanno simili<sup>26</sup> a questi.

[13] Proprii maschulini che cominciano da consonante in singulare fanno cosí:

*C*esare, *di* Cesare, *a* Cesare, Cesare, *o* Cesare, *da* Cesare.

[14] Nomi proprii che cominciano da vocale nulla variano da' consonanti,<sup>27</sup> excetto che al terzo<sup>28</sup> vi si aggiugne *-d*, e dicesi: *Agrippa*, *di*<sup>a</sup> *Agrippa*, *ad* *Agrippa*, ecc.

<sup>22</sup> *s-* preposta a una consonante: è la cosiddetta *s* complicata o impura.

<sup>23</sup> *lo spedo*: tipo non dittongato proveniente da una base gotica, diversa da quella galloromanza che continua nel tipo dittongato: cfr. REW, 8163.

<sup>24</sup> *vedesti*: non è possibile stabilire se questo *vedesti*, come anche i due successivi (38 e 41), indichino una seconda o una quinta persona del perfetto (che nell'Alberti si presenta normalmente con *-i* finale, sia nell'uso sia nella codificazione normativa: cfr. *Introduzione*, p. LXXVI, e, nella *Grammatichetta*, *fusti*, 48; *desti*, 70 e 71; *facesti*, *havesti*, *andasti*, *stesti*, *traèsti*, 70; *amasti* e *legesti*, 71): rivolgendosi a chi legge, infatti, l'Alberti adopera ora la seconda (p. es.: *Non troverrai*, 33; *Muta -o in -i, e harai èl plurale, e dirai*, 34) ora la quinta persona (p. es.: *leggietemi e intenderetela*, 1; *Cittadini miei, pregovi... habbiate a grado... piacciavi emendarmi... vedete errore*, 100).

<sup>25</sup> *èl primo... quarto*: gli articoli dei casi diretti. *Anque*: anche; e cosí sempre nel testo: vd. la *Nota ai testi*, p. 65 n. 4.

<sup>26</sup> *simili*; ha funzione predicativa, come in *Et simili ...de' numeri*, 18; *si pronuntiano simili a è nomi proprii*, 19; *si pronuntiano simili a è proprii nomi*, 20; *quali s'osservano simili a queste*, 46.

<sup>27</sup> *nulla... da'consonanti*: *nulla* è usato come avverbio: cfr. GDLI, s.v. *nulla*, 10; *da'consonanti* significa 'dai nomi propri che cominciano per consonante'.

<sup>28</sup> *al terzo*: al terzo caso, cioè al dativo.

Os nomes próprios, que começam por vogal, não diferem em nada dos que começam por consoante, exceto que, ao terceiro caso, o dativo, se acrescenta a letra -d, e se diz: Agrippa, *di*<sup>a</sup> Agrippa, *ad* Agrippa, etc. [Agrippa, de Agrippa, para Agrippa].

Não se usam os nomes próprios no plural e, ainda que se usassem, seria na função de nome comum (apelativo).

Os nomes femininos, tanto próprios quanto comuns, seja que comecem por vogal seja por consoante, ficam todos da seguinte forma.

Singular: *La stella, della stella, alla stella, la stella, ó stella, dalla stella* [A estrela, da estrela, para a estrela, ó estrela, da/pela estrela]. *La aura, della aura, alla aura, la aura, ó aura, dalla aura* [A aura, da aura, para a aura, a aura, ó aura, da/pela aura].

Plural: *Le stelle, delle stelle, alle stelle, le stelle, ó stelle, dalle stelle* [As estrelas, das estrelas, para as estrelas, as estrelas, ó estrelas, das/pelas estrelas].

*Le aure, delle aure, alle aure, le aure, ó aure, dalle aure* [As auras, das auras, para as auras, as auras, ó auras, das/pelas auras].

Os nomes de cidades são considerados como os próprios e se diz: *Roma superò Carthagine* [Roma derrotou Cartago].

E também os numerais<sup>9</sup> são usados à guisa de nomes próprios: *uno, due, tre, e cento e mille* [um, dois, três e cem e mil] e assim por diante; e se diz: *tre persone* [três pessoas], *uno Dio* [um Deus], *nove cieli* [nove céus], etc.

E aqueles nomes que se referem a números indeterminados como *ogni* [cada], *ciascuno* [cada um], *qualunque* [qualquer], *niuno* [nenhum], etc.; e como *tutti* [todos], *parecchi* [muitos],

---

<sup>9</sup> [N.d.T] Na categoria dos pronomes, Alberti inclui também aqueles que a tradição gramatical sucessivamente consideraria como pronomes pessoais, adjetivos e pronomes demonstrativos (os dois grupos são qualificados como *pronomi primitivi* [pronomes primitivos], adjetivos e pronomes possessivos (que ele chama *pronomi derivativi* [pronomes derivativos])). Da mesma forma, os numerais, assim como os indefinidos, os interrogativos e os correlativos – tanto adjetivos quanto pronomes – pertencem para ele à categoria dos nomes.



[15] In plurale, non s'adoperano è nomi proprii; e se pur s'adoperassero, tutti fanno come appellativi.

[16] È nomi femminini, ó proprii o appellativi, o in vocale o in consonante che è cominciano, tutti fanno simile a questo.

Singulare: *La stella, della stella, alla stella, la stella, ó stella, dalla stella. La aura, della aura, alla aura, la aura, ó aura, dalla aura.*

Plurale: *Le stelle, delle stelle, alle stelle, le stelle, ó stelle, dalle stelle. Le aure, delle aure, alle aure, le aure, ó aure, dalle aure.*

[17] È nomi delle terre s'usano come proprii, e dicesi: *Roma superò Cartilagine.*

[18] Et simili a' nomi proprii s'usano e' nomi de' numeri:<sup>29</sup> *uno, due, tre e cento e mille*, e simili; e dicesi: *tre persone, uno Dio, nove cieli*, e simili.

[19] Et quei nomi che si referiscono a numeri non determinati, come *ogni, ciascuno, qualunque, niuno* e simili; e come *tutti, parecchi, pochi, molti* e simili, tutti si pronuntiano simili a è nomi proprii senza primo e quarto articolo.<sup>30</sup>

[20] E nomi che importano<sup>31</sup> seco interrogazione, come *chi* e *che* e *quale* e *quanto* e simili, quei nomi che si riferiscono<sup>32</sup> a questi interrogatorii, come *tale* e *tanto* e *cotale* e *cotanto*, si

---

<sup>29</sup> *è nomi de' numeri*: i numerali. Nella categoria dei *pronomi* l'Alberti fa rientrare quelli che la tradizione grammaticale avrebbe successivamente indicato come pronomi personali, aggettivi e pronomi dimostrativi (i due gruppi sono qualificati come *pronomi primitivi*), aggettivi e pronomi possessivi (detti *pronomi derivativi*). Così i numerali come gl'indeiniti, gl'interrogativi e i correlativi – aggettivi o pronomi che siano – rientrano nella categoria dei nomi, proprio come nelle *Institutiones* priscianee (cfr. *ivi*, to. I pp. 56-62) e vengono indicati con perifrasi. Segnatamente, i numerali sono detti *nomi de' numeri* (18); gl'indeiniti *nomi che si referiscono a numeri non determinati* (19); gl'interrogativi *nomi che importano seco interrogazione o interrogatorii* (20); gl'indeiniti correlativi 'tale' e 'tanto' *nomi che si riferiscono a questi interrogatorii* (*ibid.*).

<sup>30</sup> *senza... articolo*: privi di articolo nei casi diretti (l'espressione ricorre identica al par. 27).

<sup>31</sup> *importano*: implicano.

<sup>32</sup> *riferiscono*: per la labiodentale intensa cfr. la *Nota ai testi*, p. 65 n. 55.

*pochi* [poucos], *molti* [muitos], etc., todos se pronunciam como os nomes próprios privados de artigo nos casos diretos.

E os nomes que implicam uma interrogação como *chi* [quem] e *che* [que] e *quale* [qual] e *quanto* [quanto] etc., os nomes que se referem a estes interrogativos como *tale* [tal] e *tanto* [tanto] e *cotale* [tal qual] e *cotanto* [tão] se pronunciam como os nomes próprios, ainda que privados de artigo nos casos diretos, e se diz: *Io sono tale, quale vorresti essere tu;* e *Amai tale, che odiava me.* [Eu sou tal qual você gostaria de ser; e Amei alguém que me odiava].

*Chi* [quem] se usa para as pessoas e se diz: *Chi scrisse?* [Quem escreveu?].

*Che* [Que] corresponde ao que, para os latinos, era *qui* e *quid*. Usa-se *quid* quando se faz referência a coisas e se diz: *Che leggi?* [o que lê?]. Usa-se *qui* quando se faz referência a pessoas e se diz: *Io sono cholui che scrissi* [Eu sou aquele que escreveu]. *Chi* [Quem], por sua natureza, serve para o masculino, mas, acrescentando-lhe o verbo *sono*, *sei*, *è*, [sou, és, é], serve para o masculino e para o feminino e se diz: *Chi sarà la tua sposa? Chi fu il maestro?* [Quem será a tua esposa? Quem foi o professor?].

*Chi* [Quem] sempre antecede o verbo; *Che* [O quê] pode vir antes ou depois do verbo.

*Che*, quando antecede o verbo, significa o que *quid* e *quantum* significavam em latim e *quale*, a saber: *Che dice? Che leggi? Che huomo ti paio? Che ti costa?* [O que diz? O que lê? Que tipo de homem achas que eu sou? Que te custas?].

*Che* [O quê], após o verbo, significa o mesmo que *ut* e *quod* para os latinos, a saber: *I' voglio che tu mi legga; Scio che tu me amerai* [Eu quero que tu me leias; Sei que me amarás].

Os nomes, quando eles indicam algo incerto e indeterminado, se pronunciam sem os artigos dos casos diretos, a saber: *Io sono studioso* [Eu sou estudioso], *Invidia lo move* [A inveja o move], *Tu mi porti amore* [Tu me trazes amor]. Mas, quando eles se



pronuntiano simili a è proprii nomi, pur senza primo e quarto articolo, e dicesi: *Io sono tale, quale voresti essere tu; et Amai tale, che odiava me.*

[21] *Chi* s'usa circa alle persone, e dicesi: *Chi scrisse?*

[22] *Che* significa quanto<sup>33</sup> presso a è Latini *qui et quid*. Significando *quid*, s'usa circa a<sup>34</sup> le cose, e dicesi: *Che leggi?* lignificando *qui*, s'usa circa alle persone, e dicesi: *Io sono cholui che scrissi.*

[23] *Chi*, di sua natura, serve al mascolino; ma aggiunto a questo verbo: *sono, sei, è*, serve al mascolino e al feminino, e dicesi: *Chi sarà tua sposa? Chi fu el maestro?*

[24] *Chi* sempre si prepone al verbo; *che* si prepone e post-pone.

[25] *Che*, pr<sub>a</sub>eposto al verbo, significa quanto presso a è Latini *quid et quantum* e *quale*, come: *Che dice? Che leggi? Che huomo ti paio? Che ti costa?*

[26] *Che*, postposto al verbo, significa quanto apresso<sup>35</sup> è Latini *ut et quod*, come dicendo: *I'voglio che tu mi legga; Scio<sup>36</sup> che tu me amerai.*

[27] È nomi, quando è dimostrano<sup>37</sup> cosa non certa e diterminata, si pronuntiano senza primo e quarto articolo, come dicendo: *Io sono studioso, Invidia lo move, Tu mi porti amore.* Ma quando egli<sup>38</sup> importano dimostratione certa e diterminata, allhora si pronuntiano coli'articolo, come qui: *Io sono lo studioso e tu el docto.*

<sup>33</sup> *quanto*: quello che [significa].

<sup>34</sup> *circa a*: per quanto riguarda.

<sup>35</sup> *apresso*: presso. Vd. la *Nota ai testi*, p. 63 n. 35.

<sup>36</sup> *Scio*: so; ma non si tratta di latinismo: cfr. la *Nota ai testi*, p. 60 n. 26.

<sup>37</sup> *dimostrano*: indicano (come in *dimostrano* 42, *dimostrare* 57). Allo stesso modo, il successivo *dimostrazione* (27 e 43) vale 'indicazione', con l'accezione tecnica codificata dalla terminologia grammaticale latina (cfr. VINEIS, *Tradizione grammaticale latina*, p. 294).

<sup>38</sup> *egli*: essi; cfr. *Introduzione*, p. LXXX.

referem a algo certo e definido, então, vêm acompanhados de artigo, como neste caso: *Io sono lo studioso e tu el docto* [Eu sou o estudioso e tu o sábio].

Os nomes parecidos com estes: *primo, secondo, vigesimo* [primeiro, segundo, vigésimo], se vêm após o seguinte verbo, *sono, sei, è* [sou, és, é], frequentemente se pronunciam sem o artigo quando desenvolvem a função de sujeito e se diz: *Tu fosti terzo et io secondo* [Tu ficaste em terceiro e eu em segundo]; e ainda se diz: *Chostui fu el quarto, el primo, el secondo*, etc. [Este foi o quarto, o primeiro, o segundo].

*Uno, due, tre*, etc. [um, dois, três], quando se referem à ordem, vêm acompanhados por artigo e se diz: *Tu fusti 'el tre, et io l'uno; Il dua è numero paro*, etc. [Tu foste o terceiro, e eu o primeiro. O dois é numero par].

Dentre todos os nomes comuns usados, o nome de Deus se usa como nome próprio e se diz: *Lodato Dio* [Louvado Deus]; *Io adoro Dio* [Eu adoro Deus].

Os artigos se assemelham muito com os pronomes e, por sua vez, os pronomes têm grande semelhança com os relativos aqui citados. Vale, então, acrescentá-los depois dos pronomes; os pessoais são estes: *io, tu, esso, questo, quello, chostui, lui, cholui* [eu, tu, ele, este, aquele, esse, ele, aquele]. Muda-se a última vogal para *-a* e se faz o feminino, e se diz: *questa, quella, essa* [esta, aquela, ela]. Somente *io* e *tu* [eu e tu] têm uma única forma para o masculino e para o feminino.

O plural desses pronomes pessoais varia e o singular também. Caracterizam-se da seguinte forma:

*Io et i'; di me; a me e mi; me e mi; da me* [Eu; de mim; a mim e me; me; por mim].

*Noi; di noi; a noi et ci; noi e ci; da noi* [Nós; de nós; para nós e nos; nós e nos; por nós].

*Tu; di te; a te e ti; te e ti; ó tu; da te*. [Tu; de ti; para ti e te; te e ti; ó tu; por ti].



[28] È nomi simili a questo: *primo, secondo, vigesimo*, posti dietro a questo verbo, *sono, sei*, è, non raro si pronuntiano senza èl primo articolo<sup>39</sup>, e dicesi: *Tu fusti*<sup>40</sup> *terzo et io secondo*; e anchora, si dice: *Chostuifu el quarto, el primo, el secondo*, etc.

[29] *Uno, due, tre* e simili, quando è significano ordine, vi<sup>a</sup> si pone l'articolo<sup>41</sup>, e dicesi: *Tu fusti èl tre, et io l'uno*; *Il dua*<sup>42</sup> *è numero paro*, etc.

[30] Fra tutti gli altri nomi appellativi, questo nome, *Dio*, s'usa come proprio, e dicesi: *Lodato Dio*; *Io adoro Dio*.

[31] Gli articoli hanno molta convenientia<sup>43</sup> co' pronomi; e anchora è pronomi hanno grande similitudine con questi nomi relativi qui recitati: *adonque*<sup>44</sup> *suggiungeremogli*<sup>45</sup>.

[32] De' pronomi, è primitivi sono questi: *io, tu, esso, questo, quello, chostui, lui, cholui*. Mutasi l'ultima vocale in *-a* e fassi il femminile, e dicesi: *questa, quella, essa*. Solo *io* et *tu*, in una voce, serve al maschile e al femminile. È plurali di questi primitivi pronomi sono varri, e anque è singolari. Declinansi così:

*Io et i'*; *di me; a me e mi; me e mi; da me*.

*Noi; di noi; a noi et ci; noi et ci; da noi*.

*Tu; di te; <a te> e ti; te e ti; ó tu; da te*.

*Voi; di voi; a voi e vi; <voi e vi; > ó voi; da voi*.

*Esso et è; di se; <a se> e si; se e si; da se (et egli)*.

<sup>39</sup> *senza èl primo articolo*: privi di articolo se in funzione di soggetto.

<sup>40</sup> *fusti*: cfr. *Introduzione*, p. LXV.

<sup>41</sup> *Uno... vi si pone l'articolo*: struttura anacolutica.

<sup>42</sup> *dua*: due; cfr. *Introduzione*, p. LXII.

<sup>43</sup> *convenientia*: somiglianza (cfr. GDLI, s.v. *convenienza*, 1).

<sup>44</sup> *adonque*: diffuso in quasi tutti i dialetti toscani medievali, il tipo *adonque, donque* compare nel fiorentino contadinesco dal Quattrocento in poi (cfr. CASTELLANI, *Tipo fonetico italiano*, pp. 77-78 e nn.).

<sup>45</sup> *suggiungeremogli*: *suggiungere* (part. *subiuncti*, 38; *subiuncto*, 90) vale 'aggiungere dopo' (cfr. GRAYSON, *Glossario*, p. 77).

*Voi; di voi; a voi e vi; voi e vi; ó voi; da voi* [Vós, de vós, para vós e vos; vós e vos; ó vós; por vós]. *Esso et è; di se; a se e si; se e si; da se* (et *egli*) [Ele; de si; a si e si; si e si; por si (e ele)].

Na língua toscana, exceto nestes três pronomes: *io, tu, esso* [eu, tu, ele], não se encontram casos transformados na sua forma gramatical autônoma e distinta. Os outros demonstrativos se declinam assim:

*Questo, di questo, a questo, questo, da questo* [Este, deste, para este, este, por este].

*Quello, di quello, a quello, quello, da quello* [Aquele, daquele, para aquele, aquele, por aquele].

Se colocar a vogal *-i* no lugar da vogal *-o* terá o plural, e dirá: *questi, di questi, a questi, questi, da questi* [Estes, destes, para estes, estes, por estes]; e a mesma coisa acontece com *quelli* [aqueles].

E assim acontecerá com *costui e lui e cholui* [este e ele e aquele], parecidos com os outros no singular; mas no plural *chostui* [este] se torna *costoro* [estes], *lui* [ele] se torna *loro* [eles], *colui* [aquele] se torna *coloro* [aqueles], *di coloro* [daqueles], *a choloro* [para aqueles], *coloro* [aqueles], *da choloro* [por aqueles].

*Questo e quello* [este e aquele] mudam a vogal *-o* para *-a* e se forma o singular feminino, e se diz: *questa* [esta] e *quella* [aquela]; e se forma o seu plural *queste* [estas], *di quelle* [daquelas], *a quelle* [àquelas].

*Lui* [Ele], *chostui* [este], *cholui* [aquele] mudam a vogal *-u* para *-i* e formam o singular feminino, e se diz: *costei* [esta], *lei* [ela], *cholei* [aquela], *di colei* [daquela], etc. No plural, têm a mesma forma que os masculinos, ou seja, *loro* [eles, elas], *coloro* [aqueles, aquelas], *costoro* [estes, estas], *di costoro* [destes, destas], *a costoro* [a estes, a estas], etc.

Viu-se como, da mesma forma que com os nomes próprios, esses pronomes pessoais não têm o artigo nos casos diretos.



[33] Non troverai<sup>46</sup> in tutta la lingua toscana casi mutati in voce altrove che in questi tre pronomi: *io, tu, esso*. Gli altri primitivi se declinano cosí:

*Questo, di questo, a questo, questo, da questo.*

*Quello, di quello, a quello, quello, da quello.*

[34] Muta *-o* in *-i*, e harai<sup>47</sup> èl plurale, e dirai: *questi, di questi, a questi, questi, da questi*; e il somigliante fa *quelli*.

[35] Et cosí, sarà *costui* e *lui* e *cholui* simili a quegli in singulare; ma in plurale, *chostui* fa *costoro*, *lui* fa *loro*, *colui* fa *coloro*, *di coloro*, *a choloro*, *coloro*, *da choloro*.

[36] *Questo* e *quello* mutano *-o* in *-a*, e fassi èl femminino singulare, e dicesi: *questa* e *quella*; e fassi il suo plurale *queste*, *di quelle*, *a quelle*.

[37] *Lui*, *chostui*, *cholui* mutano *-u-* in *-e-*, e fassi el singulare femminino, e dicesi: *costei*, *lei*, *cholei*, *di colei*, etc. In plurale, hanno quella voce che è masculini<sup>48</sup>, cioè *loro*, *coloro*, *costoro*, *di costoro*, *a costoro*, etc.

[38] Vedesti come, simile a' nomi propri, questi pronomi primitivi non hanno el primo articolo ne anque èl quarto<sup>49</sup>. A questa similitudine fanno è pronomi derivativi, quando è sono subiuncti a è proprii nomi; ma quando si giungono<sup>50</sup> a gli appellativi, si pronuntiano co' suoi articoli.

[39] Derivativi pronomi sono questi, e declinansi cosí:

*El mio, del mio*, etc; et pluraliter: *è miei, de' miei*, etc.

*El nostro, del nostro*, etc; et pluraliter: *è nostri, de' nostri*, etc.

*El tuo; pluraliter: è tuoi*.

<sup>46</sup> *troverrai*: per *-rr-* cfr. p. 10 n. 41.

<sup>47</sup> *harai*: cfr. *Introduzione*, p. LXIV.

<sup>48</sup> *quella... masculini*: la medesima forma grammaticale dei maschili.

<sup>49</sup> *non hanno... quarto*: non hanno l'articolo nei casi diretti.

<sup>50</sup> *si giungono*: si conettono (cfr. GDLL, s.v. *giungere*, 1). Altri esempi: *si giungono*, 44; *giunti*, 84.

Comportamento parecido têm os pronomes possessivos, quando eles acompanham os nomes próprios; mas, quando se juntam aos nomes comuns, se pronunciam com os seus artigos.

Os pronomes possessivos são os seguintes e se declinam da seguinte forma:

*El mio* [o meu], *del mio* [do meu], etc.; e plural: *è miei* [os meus], *de' miei* [dos meus], etc.

*El nostro* [o nosso], *del nostro* [do nosso], etc.; e plural: *è nostri* [os nossos], *de' nostri* [dos nossos], etc.

*El tuo* [o teu]; plural: *è tuoi* [os teus].

*El vostro* [o vosso]; plural: *è vostri* [os vossos].

*El suo* [o seu]; e plural: *è suoi* [os seus], etc.

Muda-se, como com os nomes, a última vogal para *-a* e se forma o singular feminino; pegando a vogal *-a* e mudando para *-e* se forma o plural e se diz: *mia* [minha] e *mie* [minhas], *vostra* [vossa] e *vostre* [vossas], *sua* [sua] e *sue* [suas].

No uso, não se utilizam todos esses pronomes sempre da mesma forma.

Os possessivos acompanhados por estes nomes: *padre* [pai], *madre* [mãe], *fratello* [irmão], *zio* [tio], etc. são pronunciados sem o artigo, e se diz: *mio padre* [meu pai], *nostra madre* [nossa mãe], e *tuo zio* [teu tio], etc. *Mi* e *me* [a mim e me], *ti* e *te* [a ti e te], *ci* e *noi* [nos e nós], *vi* e *voi* [vos e vós] são ao mesmo tempo dativos e acusativos, como se viu anteriormente; mas, no caso se forem usados prepostos ao verbo, se diz *mi*, *ti*, *ci*, etc. [me, te, nos, etc.], como nestes casos: *è mi chiama* [ele me chama], *è ti vuole* [ele te quer], *que' vi chieggono* [aqueles vos querem], *io mi sto* [eu estou me...], *e' si crede* [ele se acha]; pospostos ao verbo, se esse verbo precede outro pronome ou outro nome, e se dirá o seguinte: *Io amo te* [eu te amo] e *voglio voi* [eu vos quero]; no caso em que não será adicionado outro nome ou pronome, se dirá o seguinte: *aspettaci* [nos espere], *restaci* [permaneça lá/ali/aí], *scrivetemi* [me escrevam].

*El vostro?* pluraliter: *e `vostri*.

*El suo;* et pluraliter: *è `suoi*, etc.

[40] Mutasi come a `è nomi l'ultima in *-a* e fassi el singulare femminino; qual *-a* converso in *-e*,<sup>51</sup> fassi el plurale, e dicesi: *mia* e *mie*, *vostra* <e> *vostre*, *sua* e *sue*.

[41] In uso, s'adoprano questi pronomi non tutti a un modo.<sup>52</sup> E derivativi, giunti a questi nomi: *padre*, *madre*, *fratello*, *zio* e simili, si pronuntiano senza articolo, e dicesi: *mio padre*, *nostra madre* e *tuo zio*<sup>53</sup>, etc. *Mi* e *me*, *ti* e *te*, *ci* e *noi*, *vi* e *voi*, *si* e *se* sono dativi insieme et accusativi, come di sopra gli vedesti notati; ma hanno questo uso, che, preposti al verbo, si dice *mi*, *ti*, *ci*, etc, come qui: *e mi` chiama*, *e ti `vuole*, *que' vi chieggono*<sup>54</sup>, *io mi sto*<sup>55</sup>, *e si` crede*; postposti al verbo, se a quel verbo sarà inanzi altro pronome o nome, si dirà, come qui: *Io amo te e voglio voi*; si al verbo non sarà aggiunto inanzi altro nome o pronome, si dirà *-i*, come qui: *aspettaci*, *restaci*, *scrivetemi*.

[42] *Lui* e *cholui* dimostrano persone, come dicendo: *lui andò*, *cholei venne*.

---

<sup>51</sup> *qual... -e*: da segnalare l'accumulo di strutture latineggianti: *coniunctio relativa* (frequente nella prosa dell'Alberti: cfr. DARDANO, *Sintassi e stile*, p. 317) e participio passato assoluto (cfr. *ivi*, p. 333). *Converso* vale 'mutato', 'trasformato' (cfr. GDLI, s.v. *converso*<sup>1</sup>, 6)

<sup>52</sup> *s'adoprano... modo*: dall'archivio LIZ risulta che il tipo sincopato *adoprare* è attestato nel fiorentino letterario a partire dal Trecento (es. in BOCCACCIO, *Filostrato*; PETRARCA, *Canzoniere*, SACCHETTI, *Rime e Trecentonovelle*).

<sup>53</sup> *È derivativi... zio*: l'Alberti generalizza il fenomeno dell'omissione dell'articolo davanti al possessivo che accompagna i nomi di parentela. La Castellani Pollidori (*Costrutti col possessivo*, pp. 67-72) avverte che nell'uso fiorentino quattrocentesco quest'abitudine era applicata con regolarità assoluta soltanto con *padre* e *madre*; con gli altri singenionimi il fiorentino schietto ammetteva anche l'articolo, che era la regola con la parola *figliuolo*. Peraltro lo stesso Alberti, nei *Libri de Familia*, non applica in modo sistematico la regola enunciata nella *Grammatichetta*.

<sup>54</sup> *chieggono*: questa forma di presente in *-go*, attestata nei *Libri de Familia* dell'Alberti e nel *Morgante* del Pulci, affianca l'altra *cheggio*, normale in Dante, Cino, Petrarca, Boccaccio, Sacchetti, Poliziano (cfr. LIZ e ROHLFS, 535).

<sup>55</sup> *io mi sto*: la lessicalizzazione del pronome clitico col verbo *stare* è frequente nell'italiano letterario sin dalle origini (cfr. BRAMBILLA AGENO, *Verbo italiano antico*, p. 137; VIGNUZZI, *Stare*, pp. 412-413).

*Lui e colui* [ele e aquele] indicam pessoas, como dizer que: *lui andò* [ele foi], *cholei venne* [ela veio].

*Questo e quello* [este e aquele] servem para todo tipo de demonstração e se diz: *Questo exercito predò quella provincia* [Este exército depredou aquela província]; e *Questo Scipione superò quello Hannibale* [Este Cipião ultrapassou aquele Aníbal].

*È* e *el* [eles e ele], *lo* e *la* [o e a], *le* e *gli* [as e os] os quais, se acompanhados por nomes, têm a função de artigos, quando acompanham os verbos se tornam pronomes e querem dizer *quello* [aquele], *quella* [aquela], *quelle* [aquelas] etc., e se diz: *Io la amai* [eu a amei], *Tu le biasimi* [Tu as culpa]; *Chi gli vuole?* [Quem os quer?].

Mas, desses, *egli* e *è* [ele e eles] têm significado singular e plural; e quando prepostos a uma consoante diremos *è* [ele/eles] como neste caso: *è fa bene* [ele é bom]; *è corsono* [eles são]; e, quando prepostos a uma vogal, se acrescenta *è* e *gli* [ele e eles] e se diz: *ègli andò* [ele foi]; *ègli udivano* [eles ouviam]. E, quando se encontram antes de uma palavra começando por – s mais uma consoante, novamente dizemos: *ègli spiega* [ele explica]; *ègli stavano* [eles estavam].

Poderíamos, no caso desses pronomes, sermos prolixo, investigando um número maior de “coisas” do que se pode realmente observar, como estas: *vi*<sup>10</sup> posposto a formas monossilábicas do presente dos verbos no indicativo é escrito na primeira pessoa e na terceira com dois *vv*, e, da mesma forma, na segunda pessoa do presente do imperativo, como *stavvi* [está lá] e *vavvi* [vai lá] e nos verbos com uma ou mais sílabas, como na primeira do singular do futuro indicativo, a saber *amerovvi* [vos amarei], *leggerovvi* [vos lerei], *darotti* [te darei], *adoperrocci* [os usarei], etc. Mas, talvez, desses assuntos mais específicos falaremos em outra parte deste livro.

Apresentamos agora os verbos:

---

<sup>10</sup> [N.d.T.] A partícula pronominal *vi* substitui o adjunto adverbial de lugar.

[43] *Questo e quello* serve a ògni dimostratione, e dicesi: *Questo exercito predò quella provincia; e Questo Scipione superò quello Hannibale.*

[44] È et èl, lo e la, le e gli, quali, giunti a' nomi, sono articoli, quando si giungono a è verbi, diventano pronomi, e significano *quello, quella, quelle* etc, et dicesi: *Io la amai, Tu le biasimi, Chi gli vuole?*

[45] Ma di questi, *egli* et è hanno significato singulare e plurale; e preposti a la consonante, diremo *è*, come qui: *è fa bene, è corsono*;<sup>56</sup> e preposti alla vocale, si giugne *è* et *gli*, e dicesi: *ègli andò; ègli udivano.* Et quando loro <segue> *s* preposta a una consonante, ancora diremo: *ègli spiega; ègli stavano.*

[46] Potrei, in questi pronomi, esser prolixo, investigando piú chose quali s'osservano simili a queste: *vi*, postposto a' presenti singolari indicativi d'una syllaba, si scrive in la prima e terza persona per due *vv*, e simile in la seconda persona presente imperativa, comè *stavvi e vavvi* e, ne' verbi d'una e di piú syllabe, la prima singulare indicativa al futuro, come *amerovvi, leggerovvi, darotti, adoperrocci*<sup>57</sup>, e simile. Ma forse, di queste cose piú particolari diremo altrove.

[47] Sequitano è verbi

Non ha la lingua toscana verbi passivi in voce, ma, per exprimere èl passivo, compone con questo verbo: *sono, sei, è*, èl participio preterito passivo<sup>58</sup> tolto da è Latini in questo modo: *Io sono amato, tu sei pregiato, cholei è odiata*; e simile, si giugne a tutti è numeri et tempi e modi di questo verbo: adonque lo porremo qui distinto.

<sup>56</sup> *corsono*: nei perfetti forti la desinenza *-ono*, ricostruita analogicamente sull' uscita di sesta persona del presente indicativo, convive, già nel fiorentino trecentesco, con la desinenza etimologica *-ero* (cfr. NENCIONI, *Caso polimorfia*, e, per un quadro riassuntivo, MANNI, *Toscana*, p. 316).

<sup>57</sup> *vi, postposto... adoperrocci*: è qui segnalata, per il clitico *vi* (e, in un esempio, anche per il clitico *ci*), la tendenza all'espressione grafica del raddoppiamento fonosintattico (cfr. SERIANNI, *Grammatica italiana*, p. 23).

<sup>58</sup> *participio preterito passivo*: è il nostro participio passato (cfr. *Introduzione*, p. XL).

A língua toscana não tem verbos na voz passiva, então, para expressar a voz passiva, usa-se o auxiliar *essere* [ser]: *sono, sei, è, [sou, és, é]* e o particípio passado herdado dos latinos da seguinte forma: *Io sono amato* [Eu sou amado], *tu sei pregiato* [você é estimado], *cholei è odiata* [ela é odiada]; e da mesma forma se faz com todas as pessoas, tempos e modos desse verbo, como detalhadamente mostra-se:

Indicativo:

*Sono, sei, è*; plural: *siamo, sete, sono* [Sou, és, é, somos, sois, são].

*Ero, eri, era*; plural: *eravamo e savamo*<sup>11</sup>, *eravate e savate, erano* [Era, eras, era, éramos, éreis, eram].

*Fui, fusti, fu*; plural: *fumo, fusti, furono* [Fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram].

*Ero, eri, era stato*; plurale: *eravamo e savamo, eravate e savate, erano stati*. [Tinha, tinha, tinha, tínhamos, tínheis, tinham sido].

*Sarò, sarai, sarà*; plural: *saremo, sarete, saranno* [Será, serás, será, seremos, sereis, serão].

Os toscanos têm um pretérito perfeito que, com este verbo, se conjuga da seguinte maneira:

*Sono, sei, è stato*; plural: *siamo, siete, sono stati*. [Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram]

E se diz: *Hieri fui ad Hostia; hoggi sono stato a Tibuli* [Ontem fora para Ostia, hoje fui para Tivoli].

Imperativo:

*Sie tu, sia lui*; plural: *siamo, siate, siano*. [Sê tu, seja você, sejamos nós, sede vós, sejam vocês].

*Sarai tu, sarà lui*; plural: *saremo*, etc. [Serás tu, será ele, seremos nós].

Subjuntivo imperfeito:

<sup>11</sup> [N.d.T.] *Savamo* e *savate* são variantes arcaicas de *eravamo, eravate*.

[48] Indicativo

*Sono, sei, è; plurale: siamo, sete,<sup>59</sup> sono.*

*Ero, eri, era; plurale: eravamo e savamo, eravate e savate<sup>60</sup>, erano.*

*Fui, fusti, fu; plurale: fumo<sup>61</sup>, fusti, furono.*

*Ero, eri, era stato; plurale: eravamo e savamo, eravate et savate, erano stati.*

*Sarò, sarai, sarà; plurale: saremo, sarete, saranno.*

[49] Hanno e Toscani, in voce, uno preterito quasi testé<sup>62</sup>, quale in questo verbo si dice così:

*Sono, sei, è stato; plurale: siamo, sete, sono stati.*

E dicesi: *Hieri fui ad Hostia; hoggi sono stato a Tibuli.*

[50] Imperativo

*Sie<sup>63</sup> tu, sia lui; plurale: siamo, siate, siano.*

*Sarai tu, sarà lui; plurale: saremo, etc.*

[51] Optativo

*Dio ch'io<sup>a</sup> fussi, tu fussi, lui fusse; plurale: fussimo, fussi, fussero.*

*Dio ch'io sia, sii, sia stato; plurale: siamo, siate, siano stati.*

*Dio ch'io fussi, fussi, fusse stato; plurale: fussimo, fussi, fussero stati.*

*Dio ch'io sia, sii, sia; plurale: siamo, siate, siano.*

---

<sup>59</sup> *sete*: forma fiorentina quattrocentesca privilegiata dal grammatico e dallo scrittore: cfr. *Introduzione*, p. LXIII.

<sup>60</sup> *Ero... savate*: per la prima persona dell'imperfetto cfr. *Introduzione*, p. LXVII. La quarta e la quinta persona "affiancano gli arcaismi-demotismi *savamo, savate* ai normali *eravamo, eravate*" (NENCIONI, *Caso polimorfia*, p. 145; sull'uso di queste forme nel Quattrocento a Firenze vd. anche FOLENA, *Appunti sulla lingua*, p. 370).

<sup>61</sup> *fumo*: quarta persona del perfetto indicativo con *m* desinenziale scempia, tipica del fiorentino quattrocentesco, come in *demo, facemo, havemo, andamo, stemo, traèmo, 70; Dicemo, 75* (cfr. *Introduzione*, p. LXIX).

<sup>62</sup> *preterito quasi testé*: è il nostro passato prossimo (cfr. PFISTER, *Retrodatazioni*, p. 338; SGROI, *Retrodatazioni*, p. 256).

<sup>63</sup> *Sie*: forma congiuntiva d'imperativo propria dell'italiano antico (cfr. la successiva n. 73 e ROHLFS, 609).

*Dio ch 'io fussi, tu fussi, lui fusse; plural: fussimo, fussi, fussero.* [Oxalá eu fosse, tu fosses, ele fosse, nós fôssemos, vós fôsseis, eles fossem].

*Dio ch'io sia, sii, sia stato; plural: siamo, siate, siano stati.* [Oxalá eu tenha sido, tu tenhas sido, ele tenha sido, nós tenhamos sido, vós tendais sido, eles tenham sido].

*Dio ch'io fussi, fussi, fusse stato; plurale: fussimo, fussi, fussero stati.* [Oxalá eu tivesse sido, tu tivesses sido, ele tivesse sido, nós tivéssemos sido, vós tivésseis sido, eles tivessem sido].

*Dio ch'io sia, sii, sia; plural: siamo, siate, siano.* [Oxalá eu seja, tu sejas, ele seja, nós sejamos, vós sejais, eles sejam]

Subjuntivo:

*Bench'io, tu, lui sia; plural: siamo, siate, siano.* [Ainda que eu seja, tu sejas, ele seja, nós sejamos, vós sejais, eles sejam].

*Bench'io fussi, tu fussi, lui fusse; plural: fussimo, fussi, fussero.* [Ainda que eu fosse, tu fosses, ele fosse, nós fôssemos, vós fôsseis, eles fossem].

*Bench'io sia, sii, sia stato; plural: siamo, siate, siano stati.* [Ainda que eu tenha sido, tu tenhas sido, ele tenha sido, nós tenhamos sido, vós tendais sido, eles tenham sido].

*Bench'io fussi, fussi, fusse stato; plural: fussimo, fussi, fussero stati* [Ainda que eu tivesse sido, tu tivesses sido, ele tivesse sido, nós tivéssemos sido, vós tivésseis sido, eles tivessem sido].

*Bench'io sarò, sarai, sarà stato; plural: saremo, sarete, saranno stati* [Ainda que eu tiver sido, tu tiveres sido, ele tiver sido, nós tivermos sido, vós tiverdes sido, eles tiverem sido].

E se usa o indicativo desse e de todo e qualquer verbo, quase como se fosse um subjuntivo, quando ele está acompanhado por uma destas locuções: *se, quando, benché*, etc. [se, quando, ainda que]. E se diz: *bench'io fui; se e' sono; quando e' saranno* [Ainda que eu fora; se eles são; quando eles serão].



[52] Subiencitivo<sup>64</sup>

*Bench'io, tu, lui sia; plurale: siamo, siate, siano.*

*Bench'io fussi, tu fussi, lui fusse; plurale: fussimo, fussi, fussero.*

*Bench'io sia, sii, sia stato; plurale: siamo, siate, siano stati.*

*Bench'io fussi, fussi, fusse stato; plurale: fussimo, fussi, fussero stati.*

*Bench'io sarò, sarai, sarà stato; plurale: saremo, sarete, saranno stati.*

[53] Et usasi tutto l'indicativo – di questo e d'ogni altro verbo – quasi come subiencitivo, prepostovi qualche una di queste dicrioni: *se, quando, benché* e simili; e dicesi: *bench'io fui*;<sup>65</sup> *sè è sono; quando è saranno.*

[54] Infinito: *Essere; essere stato.*

[55] Gerundio: *Essendo.*

[56] Participio: *Essente.*

[57] Dirassi adonque, per dimostrare èl passivo: *io sono stato amato; fui pregiato e sarò lodato; tu sei reverito.*

[58] Hanno è Toscani certo modo subiencitivo in voce, non notato da e' Latini; e parmi da nominarlo asseverativo,<sup>66</sup> come questo: *sarei, saresti, sarebbe; pluraliter: saremo*<sup>67</sup>, *saresti,*

<sup>64</sup> *Subiencitivo*: congiuntivo (cfr. SGROI, *Retrodatazioni*, p. 257).

<sup>65</sup> *bench'io fui*: l'uso dell'indicativo in luogo del congiuntivo con la congiunzione concessiva *benché* è ben documentato nell'italiano antico (cfr. SERIANNI, *Grammatica italiana*, p. 504): interrogando l'archivio LIZ e limitando l'indagine ai testi fiorentini trecenteschi, si ricavano casi di indicativo con *benché* nella *Cronica* del Compagni, nei *Trionfi* del Petrarca, nel *Filostrato*, nel *Ninfale fiesolano* e nel *Decameron* del Boccaccio, nel *Trecentonovelle* del Sacchetti. L'abitudine è abbastanza diffusa anche nell'uso fiorentino quattrocentesco (esempi in Alberti, Pulci, Poliziano, Lapo Sirigatti: cfr. GHINASSI, *Poliziano*, p. 66, e BEC, *Sirigatti*, p. 38).

<sup>66</sup> *asseverativo*: è il nostro condizionale: cfr. *Introduzione*, p. XL.

<sup>67</sup> *saremo*: la quarta persona del condizionale con *m* desinenziale scempia anziché doppia (certamente dovuta all'influsso della forma omologa del perfetto indicativo, per la quale vd. *Introduzione*, p. LXIX), codificata non solo nel paradigma di *essere* ma anche in quello di *amare* (65), è modicamente documentata nell'uso dell'Alberti (cfr. GRAYSON, *Nota sulla grafia*, p. 96), ma ampiamente attestata nell'uso fiorentino quattrocentesco, soprattutto in testi di tono popolare o popolareggiante (cfr. BONGRANI, *Nuovi contributi*, pp. 94-100).

Infinito:

*Essere, essere stato* [ser, ter sido].

Gerúndio:

*Essendo* [sendo].

Particípio:

*Essente* [sido]

Dir-se-á, então, para formar a voz passiva: *Io sono stato amato; fui pregiato; e sarò lodato; tu sei reverito* [eu fui amado; eu fora elogiado; serei louvado, tu serás respeitado].

Os toscanos usam um tempo verbal parecido com o subjuntivo, que não pertence à língua latina, que é chamado de condicional, a saber: *Sarei, saresti, sarebbe*. Plural: *saremo, saresti, sarebbero* [seria, serias, seria, seríamos, sériéis, seriam].

E se dirá o seguinte: *S'tu fussi docto, saresti pregiato; Se fussero amatori della patria, e' sarebbero piú felici* [Se tu fosses douto, serias elogiado; se fossem amantes da pátria, eles seriam mais felizes].

Seguem os verbos ativos:

Na língua toscana, a conjugação dos verbos ativos é obtida eliminando as últimas três letras do gerúndio latino: *-ndo*; e com o que resta se forma a terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Segue um exemplo: *amando*. Tirando *-ndo*: permanece *ama* [ama]; *scrivendo*: permanece *scrive* [escreve]. Trata-se então de duas conjugações, uma que termina por *-a* e outra que termina por *-e*. Se, na conjugação que termina por *-a*, usarmos a vogal *-o*, obtemos a primeira pessoa do singular do presente do indicativo; e se usarmos a vogal *-i* obtemos a segunda pessoa; e assim todas as formas do verbo, como poderemos observar nos exemplos a seguir.

Indicativo:

*Amo, ami, ama*; plural: *amiamo, amate, amano* [amo, amas, ama, amamos, amais, amam].



sarebbero. E dirassi così: *s' tu*<sup>68</sup> *fussi docto, saresti pregiato; se fussero amatori de la patria, è sarebbero piú felici.*

[59] Sequitano è verbi attivi

Le coniugazioni de' verbi attivi in lingua toscana si formano dal gerundio latino, levatone le ultime tre lettere: *-ndo*; e quel che resta si fa terza persona singolare indicativa e presente. Ecco l'exemplo: *amando*. Levane *-ndo*: resta *ama*; *scrivendo*: resta *scrive*. Sono adonque due coniugazioni, una che finisce in *-a*, l'altra finisce in *-e*. Alla coniugazione in *-a*, quello *a* si muta in *o*, et fassi la prima persona singolare indicativa e presente; et mutasi in *i*, e fassi la seconda; e così si forma tutto il verbo;<sup>69</sup> come vedrai la similitudine qui in questo exposto.

[60] Indicativo

*Amo, ami, ama*; plurale: *amiamo, amate, amano*.

*Amavo, amavi, amava*; plurale: *amavamo, amavate, amavano*.

<*Amai, amasti, amò*; plurale: *amamo, amasti, amarono*.>

*Ho, hai, ha amato*; plurale: *habbiamo, havete, hanno amato*.

*Amerò, amerai, amerà*; plurale: *ameremo, amerete, ameranno*.

[61] In questa lingua ogni verbo finisce in *-o* la prima indicativa presente et, in questa coniugazione prima, finisce anchora in *-o* la terza singolare indicativa del preterito.<sup>70</sup> Ma ecci differentia, che quella del preterito fa èl suo *ó* longo, e quella del presente lo fa *õ* breve.

<sup>68</sup> *s' tu*: la forma ridotta della congiunzione *se* (o *si*) davanti al pronome *tu* ricorre anche in altri luoghi della prosa albertiana, ivi comprese le lettere autografe (cfr. GRAYSON, *Glossario*, p. 77).

<sup>69</sup> *Alla coniugazione... il verbo*: il procedimento sostitutivo applicato qui e al par. 74, che attualizza i vari paradigmi di una coniugazione mediante successive trasposizioni morfematiche, trova la sua corrispondenza in Prisciano (to. 11 p. 453) e in altri esponenti della tradizione grammaticale latina: cfr. VINEIS, *Tradizione grammaticale latina*, pp. 295-96.

<sup>70</sup> *preterito*: il passato remoto è indicato ora col semplice s.m. *preterito* (61, 74,75), ora col composto *preterito perfecto* o *perfecto* (70,74): cfr. SGROI, *Retrodatazioni*, pp. 255-56.

*Amavo, amavi, amava*; plural: *amavamo, amavate, amavano* [amava, amavas, amava, amávamos, amáveis, amavam].

*Amai, amasti, amò*; plural: *amamo, amasti, amarono* [amara, amaras, amara, amáramos, amáreis, amaram].

*Ho, hai, ha amato*; plural: *abbiamo, avete, hanno amato* [Amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram].

*Amerò, amerai, amerà*; plural: *ameremo, amerete, ameranno*. [Amarei, amarás, amarà, amaremos, amareis, amarão].

Nesta língua, a primeira pessoa do indicativo do presente de todo verbo termina por -o, e, na primeira conjugação, termina também por -o a terceira pessoa do singular do pretérito mais que perfeito do indicativo. Mas há uma diferença, a saber, o -o, da terceira pessoa do pretérito mais que perfeito, é longo, enquanto o -o do presente é breve.

Imperativo:

*Ama tu, ami lui*; plural: *amiamo, amate, amino*. [ama tu, ame você, amemos nós, amai vós, amem vocês].

*Amerai tu, amerà colui*; plural: *ameremo*, etc. [amarás tu, amarà aquele, amaremos].

Subjuntivo imperfeito:

*Dio ch'io amassi, tu amassi, lui amasse*; plural: *Dio che noi amassimo, voi amassi, loro amassero* [Oxalá eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos, vós amásseis, eles amassem].

*Dio ch'io habbia, tu habbi, lui habbia Amato*; plural: *Dio che noi habbiamo, habbiate, habbino amato* [Oxalá eu tenha amado, tu tenhas amado, ele tenha amado, nós tenhamos amado, vós tendes amado, tenham amado].

*Dio ch'io havessi, tu havessi, lui avesse amato*. Plural: *Dio che noi havessimo, havessi, havessero amato* [Oxalá eu tivesse amado, tu tivesses amado, ele tivesse amado, nós tivéssemos amado, vós tivésseis amado, eles tivessem amado].



[62] Imperativo

*Ama tu, ami lui; plurale: amiamo, amate, amino.*

*Amerai tu, amerà cholui; plurale: ameremo, etc.*

[63] Optativo

*Dio ch'io amassi, tu amassi, lui amasse; plurale: Dio che noi amassimo, voi amassi, loro amassero.*

*Dio ch'io habbia, tu habbi, lui habbia amato; plurale: Dio che noi habbiamo, habbiate, habbino amato.*

*Dio ch'io havessi, tu havessi, lui havesse amato; plurale: Dio che noi havessimo, havessi, havessero amato.*

*Dio ch'io ami, tu <ami>, lui ami; plurale: amiamo, amiate, amino.*

[64] Subiunctivo

*Bench'io, tu, lui ami; plurale: amiamo, amiate, amino.*

*Bench'io, tu amassi, lui amasse; plurale: amassimo, amassi, <amasse>ro.*

*Bench'io habbia, habbi, habbia amato; plurale: habbiamo, habbiate, habbino amato.*

*Bench'io havessi, tu havessi, lui havesse amato; plurale: havessimo, havessi, havessero amato.*

*Bench'io harò, harai, harà amato; plurale: haremo, harete, haranno amato.*

[65] Assertivo

*Amerai, ameresti, amerebbe; plurale: ameremo, ameresti, amerebbero.*

[66] Infinito: *amare, avere amato.*

[67] Gerundio: *amando.*

[68] Participio: *amante.*

[69] Vedi come a è tempi testé perfetti et al futuro del subiectivo manchano sue proprie voci. E per questo si composero simile a' verbi passivi: èl suo participio cho' tempi

*Dio ch'io ami, tu ami, lui ami*; plural: *amiamo, amiate, amino* [Oxalá eu ame, tu ames, ele ame, nós amemos, vós ameis, eles amem].

Subjuntivo:

*Bench'io, tu, lui ami*; plural: *amiamo, amiate, amino* [Ainda que eu ame, tu ames, ele ame, nós amemos, vós ameis, eles amem].

*Bench'io, tu amassi, lui amasse*; plural: *amassimo, amassi, amassero* [Ainda que eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos, vós amásseis, eles amassem].

*Bench'io habbia, habbi, habbia amato*; plural: *habbiamo, habbiate, habbino amato* [Ainda que eu tenha amado, que tu tenhas amado, que ele tenha amado, que nós tenhamos amado, que vós tendeis amado, que eles tenham amado].

*Bench'io havessi, tu havessi, lui avesse amato*; plural: *havessimo, havessi, havessero amato* [Ainda que eu tivesse amado, tu tivesses amado, ele tivesse amado, nós tivéssemos amado, vós tivésseis amado, eles tivessem amado].

*Bench'io harò, harai, harà amato*; plural: *haremo, harete, haranno amato* [Ainda que eu terei amado, que tu terás amado, que ele terá amado, que nós teremos amado, que vós tereis amado, que eles terão amado].

Futuro do pretérito:

*Amerai, ameresti, amerebbe*; plural: *ameremo, ameresti, amerebbero* [Amaria, amarias, amaria, amaríamos amaríeis, amariam].

Infinito: *amare, avere amato* [amar, ter amado].

Gerúndio: *amando* [amando].

Particípio: *amante* [amante].

Veja como ao pretérito perfeito e ao futuro do subjuntivo faltam formas próprias. E, por isso, os temos formado conforme os verbos passivos: o seu particípio mais os tempos e as formas deste verbo: *ho, hai, ha* [tenho, tens, tem].

e voci di questo verbo: *ho, hai, ha*. Qual verbo, benché è sia della coniugazione in *a*, pur non sequita la regola a similitudine de gli altri: però che egli è verbo d'una sillaba. E così tutti è monosyllabi sono anormali.

[70] Né troverai in tutta la lingua toscana verbi monosyllabi altri che<sup>71</sup> questi sei: *Do, Fo, Ho, Vo, Sto, Tro*.<sup>72</sup> Porremogli adonque qui sotto distincti. Ma, per esser breve, not<i>amo che è sono insieme dissimili nè è preteriti perfecti indicativi et nè singolari degli imperativi e nel singulare del futuro optativo. Nè quali è fanno così:

*Do: diedi, desti, dette; plurale: demo, desti, dettero.*

*Fo: feci, facesti, fece; plurale: facemo, facesti, fecero.*

*Ho: hebbi, havesti, hebbe; plurale: havemo, havesti, hebbero.*

*Vo: andai, andasti, andò; plurale: andamo, andasti, andarono.*

*Sto: stetti, stesti, stette; plurale: stemo, stesti, stettero.*

*Tro: tretti, traesti, trette; plurale: traèmo, traèsti, trettero.*

[71] In tutti è verbi, come fa la seconda persona singulare del preterito, così fa la seconda sua plurale (come *amasti, desti, legesti*).

<sup>71</sup> *altri che*: diversi da.

<sup>72</sup> *Tro*: consultando i testi due, tre e quattrocenteschi archiviati nella LIZ, si vede che *tro* 'traggo' è voce rarissima, attestata soltanto nelle *Rime* di Guittone, nelle *Rime* dell'Angiolieri e nell' *Orlando Innamorato* del Boiardo (una occorrenza per ciascuna opera). Delle altre forme di *trarre* codificate dall'Alberti, le uniche documentate con regolarità o con una discreta frequenza sono la seconda, la quarta e la quinta persona del perfetto (*traemmo* e *traeste*) nonché la prima, la seconda e la terza del congiuntivo presente. La terza persona del perfetto indicativo *trette* si trova soltanto nelle novelle *Porretane* di Sabadino degli Arienti (quattro occorrenze); le altre forme non s'incontrano nemmeno una volta. Cfr. anche NANNUCCI, *Analisi critica*, che registra l'esempio boiardo di *tro* (p. 722), mentre COMPAGNONI, *Teorica* (pp. 324-26), e MASTROFINI, *Teoria e Prospetto* (pp. 628-34), accolgono nel paradigma di *trarre* solo *traesti* e *traemmo* e *tragga, traggbi, tragga*. Evidentemente, l'Alberti si preoccupa soprattutto di rendere omogenea la categoria dei «verbi monosyllabi»; il modello, per le voci non attestate, è offerto dal paradigma di *stare* e di *dare*. È significativo che lo scrittore, che per la terza persona del perfetto codifica esclusivamente il tipo *trette*, nei *Libri de Familia* non usi questa forma, bensì *trasse* (Biblioteca Nazionale di Firenze, II IV 38, cc. 34 r, 77v, IIIr [correzione autografa]).

Esse verbo, apesar de pertencer aos que têm conjugação em *-a*, não segue a regra como os outros, pois ele é um verbo monossilábico. Todos os monossilábicos são então irregulares.

E não encontramos, na língua toscana, nenhum outro verbo monossilábico além destes seis: *Do, Fo, Ho, Vo, Sto, Tro* [Dar, Fazer, Ter, Ir, Estar, Trazer]. Eles serão colocados aqui entre as exceções. Mas, para ser breve, podemos observar que eles são todos irregulares no pretérito perfeito do indicativo, nos imperativos singulares e no singular do subjuntivo do presente, os quais se conjugam da seguinte forma:

*Do: diedi, desti, dette*; plural: *demo, desti, dettero* [Dar: dei, deste, deu, demos, destes, deram].

*Fo: feci, facesti, fece*; plural: *facemo, facesti, fecero* [Fazer: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram].

*Ho: hebbi, havesti, hebbe*; plural: *havemo, havesti, hebbero* [tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram].

*Vo: andai, andasti, andò*; plural: *andamo, andasti, andarono* [fui, foste, foi, fomos, fostes, foram].

*Sto: stetti, stesti, stette*; plural: *stemo, stesti, stettero* [Estar: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram].

*Tro: tretti, traesti, trette*; plural: *traêmo, traèsti, trettero* [Trazer: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram].

Em todos os verbos, como se forma a segunda pessoa do singular do pretérito, do mesmo modo se forma a segunda do plural (como *amasti, desti, legesti* [amaste, deste, leste]).

*Do: da tu, dia lui* [dar: dá tu, dê você].

*Fo: fa tu, faccia lui* [fazer: faz tu, faça você].

*Ho: abbi tu, abbia lui* [ter: tem tu, tenha você].

*Vo: va tu, vada lui* [Ir: vai tu, vá você].

*Sto: sta tu, stia lui* [Estar: está tu, esteja você].

*Tro: tra tu, tria lui* [Trazer: Traz tu, traga você].



[72] *Do: da tu, dia lui.*

*Fo: fa tu, faccia lui.*

*Ho: habbi tu, habbia lui.*

*Vo: va tu, vada lui.*

*Sto: sta tu, stia lui.*

*Tro: tra tu, tria lui.*

[73] *Do: Dio ch'io dia, tu dia, lui dia.*

*Fo: faccia, facci, faccia.*

*Ho: habbia, habbi, habbia.*

*Va: vada, vadi, vada.*

*Sto: stia, stii, stia.*

*Tro: tragga, trag<sup>h</sup>g<sup>h</sup>i, tragga.*

[74] Sequita la coniugatione in *-e*

Questa si forma simile alla coniugatione in *-a*: mutasi quello *e* in *o*, e fassi la prima presente indicativa; mutasi in *i*, e fassi la seconda, come qui: *leggente* et *scrivente*; levatone *-nte*, resta *legge*, *scrive*; onde si fa: *leggo*, *leggi*, *leggeva*, *leggerò*, etc. Solo varia dalla coniugatione in *-a* in que' luogh<sup>h</sup>i dove variano è monosyllabi. Ma questa coniugatione in *-e* varia in più modi, benché comune faccia è preteriti perfetti indicativi in *-ssi* per due *ss*, come *leggo*, *lessi*; *scrivo*, *scrissi*. Ma que' verbi che finiscono in *-sco*, fanno è preteriti in *-ii* per due *ii*, come *esco*, *uscii*; *ardisco*, *ardii*; *anighittisco*, *anighittii* (ma, per più suavità,<sup>c</sup> nella lingua toscana non si pronunciano due iuncte vocali). Da questi verbi si exceptuano *cresco* e è suoi compositi: *rincresco*, *accresco* e simili, quali finiscono a' preteriti perfetti in *-bbi*, come *crebbi*, *rincrebbi*. *Item*, *nasco* fa *nacqui*, e *conosco* fa *conobbi*. Et que' verbi che finiscono in *-mo*, fanno e preteriti in *-etti*, come *premo*, *premetti*; e quei che finiscono in *-do*, fanno è preteriti in *-si*, per uno *s*, come *ardo*, *arsi*; *spargo*, *sparsi*, excetto *vedo* (fa *vidi*), *odo* (*udi*), *cado* (*caddi*), *godo* (*godei* e *godetti*). Et quegli che finiscono in *-ndo* fanno <è> preteriti <in> *-si*, per

*Do: Dio ch'io dia, tu dia, lui dia* [Dar: Oxalá que eu dê, que tu dê, que ele dê].

*Fo: faccia, facci, faccia* [Fazer: faça, faça, faça].

*Ho: abbia, abbi, abbia* [Ter: tenha, tenha, tenha].

*Vo: vada, vadi, vada* [Ir: vá, vás, vá].

*Sto: stia, stii, stia* [Estar: esteja, esteja, esteja].

*Tro: tragga, tragghi, tragga* [Trazer: traga, tragas, traga].

Segue a conjugação em *-e*

Essa conjugação se forma de modo semelhante à conjugação em *-a*: mudando o *-e* para *-o* obtemos a primeira pessoa do presente do indicativo; mudando para *-i* obtemos a segunda, a saber: *leggente* e *scrivente*, tirando o sufixo *-nte*, fica *legge*, *scrive* [lê, escreve]; e aí fazemos: *leggo*, *leggi*, *leggeva*, *leggerò*, etc. [leio, lê, lia, lerei]. Varia da conjugação em *-a* apenas nos casos em que variam os monossílabos. Mas, na conjugação em *-e*, varia de diferentes maneiras, embora sejam iguais as formas do pretérito perfeito indicativo dos verbos em *-ssi*, com dois *-ss*, como *leggo*, *lessi*; *scrivo*, *scrissi*. [leio, li; escrevo, escrevi]. Mas os verbos terminados em *-sco* têm o pretérito em *-ii*, com os dois *-ii*, como *esco*, *uscii* [eu saio, saí]; *ardisco*, *ardí* [atrevo-me, me atrevi]; *anighittisco*, *anighittii* [enfraqueço, enfraqueci] (mas, por questões eufônicas, no toscano, não se pronunciam duas vogais próximas). Não seguem essa regra o verbo *cresco* [cresço] e seus derivados: *rinresco*, *accresco* [incomoda-me, acresço] e similares, os quais terminam no pretérito perfeito em *-bbi*, como *crebbi*, *rincrebbi* [cresci, incomodou-me]. Da mesma forma, *nasco* faz *nacqui* [nasço, nasci] e *conosco* faz *conobbi* [conheço, conheci]. E aqueles verbos que terminam por *-mo* formam o pretérito com *-etti*, como *premo*, *premetti* [premo, premi]; e aqueles que terminam com *-do*, formam o pretérito com *-si*, com um *-s*, como *ardo*, *arsi* [queimo, queimei]; *spargo*, *sparsi* [espalho, espalhei], exceto *vedo* (faz *vidi*) [vejo, vi], *odo* (*udi*) [ouço, ouvi], *cado* (*caddi*) [caio, caí], *godo* (*godei* e *godetti*) [gozo, gozei]. Há outras



uno *s*: *prendo, presi; rispondo, risposi; excetto vendo* (fa *vendei e vendetti*). Sonci di queste regole forse altre excettioni, ma per hora basti questo principio di tanta cosa. Chi che sia, a cui diletterà ornare<sup>73</sup> la patria nostra, aggiugnerà qui quello che ci manchi.

[75] Dicemo de' preteriti, resta a dire de gli altri.

[76] Imperativo

*Leggi tu, legga cholui.*

[77] Optativo

Futuro singulare: *Dio ch'io scriva, tu scriva, lui scriva; e chosí fanno tutti.*

[78] Verbi impersonali si formano della terza persona del verbo activo, in tutti è modi e tempi, giuntovi *si*, come *amasi, leggevasi, scrivasì*. Ma questo si suole trasporlo inanzi al verbo, giuntovi *e*, e dicesi: *è si legge*,<sup>74</sup> *e si corre*: et, maxime ne l'optativo e subientivo, sempre si prepone, e dicesi: *Dio che è s'ami, quando è si leggerà*, e simile.

[79] Sequitano le preposizioni

Di queste, alchune non caggiono<sup>75</sup> in compositione<sup>76</sup>, e sono queste: *oltre, sino, dietro, doppo*<sup>77</sup>, *presso, verso, 'nanzi*,<sup>78</sup>

---

<sup>73</sup> *a cui diletterà ornare*: infinito complemento di verbo finito con dativo personale (come in *piacciavi emendarmi*, 100), frequente nella prosa dell'Alberti: cfr. DARDANO, *Sintassi infinito*, pp. 382-85.

<sup>74</sup> *è si legge*: qui, come negli esempi immediatamente successivi, è usato in funzione di soggetto "neutro": cfr. *Introduzione*, p. LXXXII.

<sup>75</sup> *caggiono*: cadono.

<sup>76</sup> *compositione*: come piú avanti (79) *compositione* vale 'unione di piú parole per formare una nuova parola' o anche 'prefissazione' (cfr. SGROI, *Retrodatazioni*, p. 254).

<sup>77</sup> *doppo*: questa forma, che l'Alberti non solo codifica nella grammatica ma accoglie anche nella scrittura, s'affaccia nell'uso fiorentino dell'ultimo Trecento e si diffonde in quello del secolo successivo soprattutto in testi di tono medio, popolare o popolaresco, senza mai intaccare il primato di *dopo*. La prima attestazione di *doppo* a me nota si trova nelle *Rime* di Franco Sacchetti (archivio LIZ). Oltre che nei *Libri de Familia* dell'Alberti, l'opzione per *doppo* è costante nei *Motti e facezie del Piovano Arlotto* (cfr. FOLENA, *Glossario*, p. 394).

<sup>78</sup> *'nanzi*: forma aferetica di *inanzi*.

exceções talvez a essas regras, mas por agora são suficientes esses exemplos. Quem desejar ter o prazer em ornar a nossa pátria poderá acrescentar o que aqui está faltando.

Falamos do pretérito, resta dizer dos outros.

Imperativo:

*Leggi tu, legga cholui* [lê tu, leia ele].

Subjuntivo:

Presente singular: *Dio ch'io scriva, tu scriva, lui scriva* [Oxalá eu escreva, tu escrevas, ele escreva]; e da mesma forma se conjugam todos.

Os verbos impessoais se conjugam na terceira pessoa da voz ativa, em todos os tempos e modos, acrescentando si, como *amasi, leggevasi, scrivasi* [ama-se, lia-se, escreva-se]. Mas esse pronome, costuma-se colocá-lo antes do verbo, junto com o sujeito neutro *è*, e se diz: *è si legge; è si corre* [se lê, se corre]: e, sobretudo, no subjuntivo e no futuro se põe antes e se diz: *Dio che è s'ami, quando è si leggerà*, etc. [Oxalá que se ame, quando se lerá].

Seguem as preposições:

Sobre as preposições, podemos dizer que algumas não se contraem para formar uma nova palavra e são as seguintes: *oltre, sino, dietro, doppo, presso, verso, 'nanzi, fuori, circa* [além, até, atrás, depois, perto, para, diante, fora, acerca].

As preposições que se contraem para formar novas palavras e que se usam também separadas são monossilábicas ou dissilábicas.

As monossilábicas são estas:

*De: de' nostri detractori* [De: dos nossos detratores].

*Ad: ad altri admiratori* [A: a outros admiradores].

*Con: con certi conservatori* [Com: com certos conservadores].

*Per: per tutti pertinace* [Para: para todos pertinaz].

*Di: di tanti diminuti* [De: de tantos diminuídos].



*fuori, circa.* Preposizioni che caggiono in compositione et anchora s'adoperano seiuncte<sup>79</sup> sono di una syllaba o di piú. D'una syllaba sono queste:

<i>De</i>	<i>de' nostri</i>	<i>detractori.</i>
<i>Ad</i>	<i>ad altri</i>	<i>admiratori.</i>
<i>Con</i>	<i>con certi</i>	<i>conservatori.</i>
<i>Per</i>	<i>per tutti</i>	<i>pertinace.</i>
<i>Di</i>	<i>di tanti</i>	<i>diminuti.</i>
<i>In</i>	<i>in casa</i>	<i>importati.</i>

[80] *Di*, preposto allo infinito, ha significato quasi come a<sup>3</sup> Latini *ut*, e dicono: *Io mi sforzo d'esser amato.*

[81] Quelle de piú syllabe sono queste:

<i>Sotto</i>		<i>Sottoposto</i>
<i>Sopra</i>	<i>e dicesi</i>	<i>Sopraposto</i>
<i>Entro</i>		<i>Entromesso</i>
<i>Contro</i>		<i>Contraposto</i>

[82] Preposizioni quale s'adoperano solo in compositione: *re, sub, ob, se, am, tras, ab, dis, ex, pre, circum*, onde si dice: *trasposi e circumspetto.*

[83] Sequitano gli adverbii

Per è tempi, si dice: *hoggi, testé, hora, hieri, crai*<sup>80</sup>, *tardi, homai*<sup>81</sup>, *già, alhora*<sup>82</sup>, *prima, poi, mai, sempre, presto, subito.*

<sup>79</sup> *seiuncte*: divise (cfr. la *Nota ai testi*, p. 68).

<sup>80</sup> *crai*: attestato nell'uso fiorentino del XV secolo, questo tipo non intacca il primato di *domane* e della sua variante quattrocentesca *domani*: cfr. AVOLIO, '*Crai*' ed espressioni affini, in partic. le pp. 101-2; MANNI, *Fiorentino quattrocentesco*, pp. 165-66.

<sup>81</sup> *homai*: dall'interrogazione dell'archivio LIZ si ricava che il tipo *omai* (*homai*) è ampiamente documentato nell'uso fiorentino due, tre e quattrocentesco. Esso si alterna col concorrente *ormai* in testi in prosa e in versi, vari per destinazione, contenuto e livello stilistico.

<sup>82</sup> *alhora*: per la laterale scempia vd. la *Nota ai testi*, p. 63.

*In: in casa importati* [Em: em casa importados].

*Di* preposto ao infinitivo adquire o significado de *ut* dos latinos. E se diz: *Io mi sforzo d'essere amato* [Eu me esforço para ser amado].

As preposições com mais de uma sílaba são as seguintes:

*Sotto* e se diz *Sottoposto* [Sob, sobposto]

*Sopra* *Sopraposto* [Sobre, sobrepuesto]

*Entro* *Entromesso* [Entre, entrometido]

*Contro* *Contraposto* [Contra, contraposto]

Preposições que se usam somente contraídas: *re, sub, ob, se, am, tras, ab, dis, ex, pre, circum*; e, de consequência, se diz: *trasposi* e *circumspetto* [transpus, circumspecto].

Seguem os advérbios:

Para indicar tempo se diz: *hoggi, testé, hora, hieri, crai, tardi, homai, già, alhora, prima, poi, mai, sempre, presto, subito* [hoje, logo, há pouco, ontem, amanhã, tarde, a esta altura, já, então, antes, depois, nunca, sempre, cedo, logo].

Para indicar lugares se diz: *costi, colà, altrove, indi, entro, fuori, circa, quinci, costinci*, e *qui* e *ci*, e *ivi* e *vi*, [aqui, lá, alhures, dali, entre, fora, cerca de, daqui, aqui, ali] de consequência se diz: *Io voglio starci, io ci starò* ao invés de *qui* e *verrovi* e *io vi starò* ao invés de *ivi* [Eu quero estar aqui, eu quero estar; eu irei ali, eu estarei ali].

Para as coisas se usa: *assai, molto, poco, piú, meno* [assaz, muito, pouco, mais, menos].

Para a negação se usa: *nulla, no, niente, né* [nada, não, nada, nem].

Para a afirmação se usa: *sì, anzi, certo, alla fè* [sim, aliás, certamente, seguramente].

Para a interrogação se usa: *perché, onde, quando, come, quanto* [por que, onde, quando, como, quanto].



Per è luog<sup>hi</sup>, si dice: *costí, colà, altrove, indi, entro, fuori, circa, quinci, costinci*<sup>83</sup>, e *qui e ci e ivi e vi*, onde si dice: *io voglio starci, io ci starò pro qui et verrovvi e io vi starò pro ivi*.

Pelle chose, si dice: *assai, molto, poco, piú, meno*.

Negando, si dice: *nulla, no, niente, nè*.

Affermando, si dice: *si, anzi, certo, alla fé*.

Domandando, si dice: *perché, onde, quando, come, quanto*.

Dubitando, <si dice:> *forse*.

Narrando, si dice: *insieme, pari, come, quasi, cosí, bene, male, peggio, meglio, optime, pexime, tale, tanto*.

[84] Usa la lingua toscana questi adverbii in luogo di nomi giuntovi l'articolo, e dice: *èl bene, del bene*, etc. Qual cosa ella anchora fa degli infiniti, e dicono: *èl legere, del legere*. Ma a piú nomi, pronomi e infiniti giunti insieme, solo in principio della loro coniunctione usa preporre non piú che uno articolo, e dicesi: *èl tuo buono amare mi piace*.

[85] *Item*, a similitudine della lingua gallica, piglia èl toscano è nomi singulari feminini adiectivi et agiungevi *-mente*, e usagli pro adverbii, come *saviamente, bellamente, magramente*.

[86] Interiectioni

Sono queste: *heu, hei, ha, o, hau, ma, do*.

[87] Coniunctioni

Sono queste: *mentre, perché, senza, sè, però, benché, certo, adonque, anchora, ma, come, et, nè, o*.

[88] *Et* congiunge; *nè* disiunge;<sup>84</sup> *o* divide; *senza* si lega solo a' nomi et agli infiniti, e dicesi: *senza piú scrivere; tu et io studieremo; che nè lui, nè lei siano indocti; ó piaccia ó dispiaccia questa mia inventione*.

<sup>83</sup> *costinci*: di costí, da codesto luogo (cfr. GDLI, s.v. *costinci*).

<sup>84</sup> *disiunge*: esplica una funzione disgiuntiva (cfr. GDLI, s.v. *disiungere*, 4).

Para a dúvida se usa: *forse* [talvez].

Para a narração se usa: *insieme, pari, come, quasi, così, bene, male, peggio, meglio, optime, pexime, tale, tanto* [junto, igual, como, quase, assim, bem, mal, pior, melhor, ótimo, péssimo, tal, tanto].

A língua toscana usa esses advérbios, no lugar dos nomes, acrescentando o artigo e dizendo: *èl bene, del bene*, etc. [o bem, do bem]. A mesma coisa se faz também com o infinitivo dos verbos dizendo: *èl legere, del legere* [o ler, do ler]. Mas, quando há mais de um nome, pronome e infinitivo juntos se costuma colocar somente um artigo antes do primeiro elemento dizendo: *èl tuo buono amare mi piace* [o teu bem querer me agrada].

Da mesma forma, assim como na língua francesa, o Toscano acrescenta o sufixo *-mente* aos adjetivos femininos e forma os advérbios, a saber: *saviamente, bellamente, magramente* [sabidamente, lindamente, escassamente].

Interjeições:

São as seguintes: *hen, hei, ha, o, hau, ma, do*.

Conjunções:

São as seguintes: *mentre, perché, senza, sè, però, benché, certo, adonque, anchora, ma, come, et, nè, o* [enquanto, porque, sem, se, porém, ainda que, certo, não obstante, ainda, mas, como, e, nem, ou].

*Et* conjuga; *nè* desjunge; *o* divide; *senza* acompanha somente os nomes e os infinitivos, e se diz: *senza piú scrivere; tu et io studieremo; che nè lui nè lei siano indocti; ó piaccia ó dispiaccia questa mia inventione* [sem mais escrever, eu e você escreveremos, que nem eu nem ela sejamos induzidos, ou agrade ou não agrade esta minha invenção].

E esse *ne* tem vários significados e vários usos. Quando se prepõe simplesmente aos nomes, aos verbos e aos pronomes significa negação, como a seguir: *nè tu nè io meritiamo invidia*



[89] Et questo *ne* ha vario significato e vario uso: se si prepone semplice a' nomi, a' verbi, a' pronomi, significa negatione, come qui: *nè tu nè io meritiamo invidia*. Et significa *in*; ma, aggiuntovi *l*, serve a' singolari masculini e femminini, e, senza *l*, serve a' plurali quali comincino da consonante. A tutti gli altri plurali masculini e femminini si dice *nel*; et quando *s* sarà preposta alla consonante, pur si dice: *nello spazo*<sup>85</sup>, *nelle camere*, *ne' letti*, *nello exercito di Dario*, *negli horti*. [90] Et questo *ne*, se sarà subiuncto a nome o al pronome, significa *di qui*, *di questo*, *di quello*, secondo che l'altre dictioni vi si adatteranno, come chi dice: *Cesare ne va*, *Pompeio ne viene*. [91] Et questo *ne*, postposto al verbo, sarà o doppio a' monosyllabi o doppio a quei di piú syllabe; et piú, o significa interrogatione, o affirmatione, o precepto. [92] Adonque, doppo l'indicativo monosyllabo, la interrogatione si scrive, in la prima e terza persona, per due *nn*, la seconda per uno *n*, come interrogando si dice: *Vonne io? vane tu?*<sup>86</sup> *vanne colui?* Nello imperativo, si scrive la seconda per due *nn*, e dicesi: *vanne*, *danne*. La terza si scrive per uno, e dicesi: *diane lui*, *traggane*. Et questi monosyllabi, la prima indicativa presente, afirmando si scrive per due *nn*, e dicono: *fonne*, *vonne*, *honne*. Se sarà el verbo di piú syllabe, la interrogatione et affirmatione si scrive per uno *n* in tutti è tempi, excetto la affirmatione in lo futuro, quale si scrive per due *nn*, come dicendo: *Porterane tu? porteronne*. E questo sino qui detto s'intenda pèr è singolari, però che a' plurali si scrive quello *ne* sempre per uno *n*, come *andiamone*.

[93] Non mi stendo ne gli altri simili usi a questi. Basti quinci intendere è principii; d'investigare lo avanzo.

[94] E vitii del favellare, in ogni lingua, sono ó quando s'introducono alle cose nuovi nomi, ó quando gli usati si

<sup>85</sup> *spazo*: pavimento (cfr. GRAYSON, *Glossario*, p. 77).

<sup>86</sup> *vane*: «senza rafforzamento, secondo una regola ancor oggi vigente in Toscana in cui, per l'eliminazione della *i* dei dittonghi discendenti, per esempio rafforza *ma*, non *ma'* riduzione di *mai*» (POGGI SALANI, *La Toscana*, p. 419).

[nem eu nem você merecemos inveja]. E significa *in* [em]; mas, acrescentando *-l*, serve para os masculinos e para os femininos singulares e sem *-l* serve aos plurais que começam por consoante. Com todos os outros plurais, masculinos e femininos, se diz *nel* [no]; e quando o *s* estiver preposto à consoante se diz: *nello spazzo, nelle camere, ne' letti, nello exercito di Dario, negli horti* [no chão, nos quartos, nas camas, no exército de Dário, nas hortas]. Esse *ne*, se estiver posposto a um nome ou a um pronome, significa *di qui, di questo, di quello*, conforme as várias orações serão formadas, como quem diz: *Cesare ne va, Pompeo ne viene* [Cesar vai embora daqui, Pompeu vem de lá]. Esse *ne* posposto ao verbo virá ou após os monossílabos ou após os vocábulo com mais sílabas; e pode significar interrogação ou afirmação ou preceito. Então, após o indicativo monossílabo, a interrogação se escreve na primeira e na terceira pessoa, com dois *-n*, a segunda com um *-n*, como quando ao interrogar se diz: *Vonne io? Vane tu? Vanne colui?* [Eu vou lá? Tu vais lá? Ele vai lá?]. No imperativo, se escreve a segunda pessoa com dois *n* e se diz: *vanne, danne* [vai embora de lá, dê algum]. A terceira pessoa se escreve com um *-n* e se diz: *diane lui, traggane* [ele dê algum, traga ele algum]. E com esses monossílabos, quando se quiser afirmar, a primeira pessoa do presente indicativo se escreve com dois *-n* e se diz: *fonne, vonne, honne* [fazem, vão, têm]. Se o verbo tiver mais do que uma sílaba, a interrogação e a afirmação se escrevem com um *-n* em todos os tempos, exceto a afirmação no futuro, que se escreve com dois *-n*, como: *Porterane tu? Porteronne* [tu portarás algo? Eles portarão algo]. E o que falamos até agora se refere às formas no singular, pois nos plurais se escreve o *ne* sempre com um *n*, como *andiamone* [vamos embora daqui].

Não vamos nos deter em outros usos similares a esse. Sendo suficiente aqui entender os princípios; já que a análise deixamos com os leitores.

Os vícios de fala, em cada língua, acontecem ou quando se criam neologismos ou quando os termos existentes são mal usados.



adoperano male. Adoperanosi male discordando persone e tempi, come chi dicesse: *Tu hieri andaremo alla mercati*. Et adoperanosi male usandogli in altro significato alieno, come chi dice *processione* pro *possessione*. Introduconsi nuovi nomi o in tutto alieni et incogniti o in qualunque parte mutati.

[95] Alieni sono, in Toscana, piú nomi barbari, lasciati da gente germana, quale piú tempo militò in Italia, come: *helm, vlasc, saccman, bandier*<sup>87</sup> e simili.

[96] In qualche parte mutati saranno quando alle dictioni s'aggiugnerà ó minuirà qualche lettera, come chi dicesse *paire* pro *patre* e *maire* pro *matre*. Et mutati saranno come chi dicesse *replublica* pro *republica*, et *occusfato* pro *offuscato*, e quando si ponesse una lettera per un'altra, come chi dicesse *aldisco* pro *ardisco*, *inimisi* pro *inimici*.

[97] Molto studia la lingua toscana d'essere breve et expedita, e per questo scorre non raro in qualche nuova figura qual sente di vitio. Ma questi vitii, in alchune ditioni e prolationi,<sup>88</sup> rendono la lingua piú apta, come chi, diminuendo, dice *spirto* pro *spirito*,<sup>89</sup> et maxime l'ultima vocale, e dice *Papi* et *Zanobi* pro *Zanobio*,<sup>90</sup> *credon far quel ben*.<sup>91</sup> Onde s'usa che a tutti gl'infiniti,<sup>c</sup> quando loro segue alchuno pronome in *i*, allhora si getta l'ultima vohale, e dicesi: *farti, amarvi, starci*, etc.

---

<sup>87</sup> *helm, vlasc, saccman, bandier*: elmo, fiasco, saccomanno, bandiera. Per *elmo* vd. *Protesta*, par. 26. Le quattro parole, che l'Alberti riproduce senza gli adattamenti subiti in toscano, sono, in effetti, quattro prestiti di provenienza germanica: cfr. ARCAMONE, *Elemento germanico*, pp. 766-67 e 781; REW, 929; infine la *Nota ai testi*, p. 69.

<sup>88</sup> *prolationi*: pronunce (cfr. SGROI, *Retrodatazioni*, pp. 257-58).

<sup>89</sup> *spirto pro spirito*: è il fenomeno della sincope della vocale interfonica nelle parole proparossitone: cfr. ROHLFS, 311.

<sup>90</sup> *Papi... Zanobio*: *Papi*, ipocoristico di *Iacopo*, è interpretato dall'Alberti come un derivato da PAPIUS, attraverso la trafila PAPIUS > *Papio* > *Papi* parallela a quella di ZENOBIVS > *Zenobio* > *Zanobi*: cfr. BONGRANI, *Nuovi contributi*, p. 88.

<sup>91</sup> *credon far quel ben*: è il fenomeno dell'apocope vocalica (cfr. SERIANNI, *Grammatica italiana*, pp. 26-28).

Usam-se mal quando não se concorda o sujeito com o verbo e o verbo com o objeto, como quando se diz: *tu hieri andaremo alla mercati* [tu ontem iremos ao mercados]. E se usa mal também quando o termo for utilizado com um significado diferente, como quem diz: *processione* ao invés de *possessione* [procissão – possessão]. Introduzem-se nomes novos ou totalmente estrangeiros ou desconhecidos e de alguma forma modificados.

São estrangeiros, na toscana, muitos nomes bárbaros, deixados por povos germânicos, que há muito tempo passaram na Itália, como *elm*, *vulasc*, *sacoman*, *bandier*, etc. Serão modificados de alguma forma quando se acrescentar ou retirar alguma letra, como quem disser: *paire* ao invés de *patre* [pai], e *maire* ao invés que *matre* [mãe]. E modificados serão também considerados os seguintes: *replublica* ao invés de *repubblica* [república], e *occusfato* ao invés de *offuscato* [ofuscado]; e quando se puser uma letra em lugar de outra, a saber: *aldisco* ao invés de *ardisco* [ousos], *inimisi* ao invés de *inimici* [inimigos].

A língua toscana tenta ser concisa e veloz e, por isso, aceita frequentemente alguns neologismos, que parecem vícios de fala. Mas esses presumidos vícios de fala, em algumas expressões e pronúncias, tornam a língua mais adequada, como no caso de quem, tirando a vogal, diga *spirto* ao invés de *spirito* [espírito]; e, sobretudo, a última vogal e se diz *Papi* e *Zanobi* ao invés de *Zanobio*, *credon far quel bene* [acredito fazer o bem]. Acontece também com todos os infinitivos quando são acompanhados por algum tipo de pronome com *i*, então se elimina a última vogal e se diz: *farti*, *amarvi*, *starci*, etc. [fazer-te, amar-vos, estar aqui].

E, mudando as letras, dizem *mie* [minhas] ao invés de *mio* [meu] e *mia* [minha], *chiengo* ao invés de *chiedo* [peço], *paio* ao invés de *paro* [pareço], *inchiuso* ao invés de *incluso* [incluído], *chiave* ao invés de *clave* [chave]. E, acrescentando uma letra, se diz *vuole* por *vole* [quer], *scuola* por *scola* [escola], *cielo* por *celo* [céu]. E modificando a forma completamente se diz *vi* por *quivi* [aqui], e do mesmo modo *stievi* por *stia ivi* [esteja aqui].



[98] E, mutando lettere, dicono *mie* pro *mio*<sup>92</sup> e *mia*, *chieggo* pro *chiedo*, *paio* pro *paro*, *inchiuso* pro *incluso*, *chiave* pro *clave*.

Et, aggiugnendo, dice *vuole* pro *vole*, *schuola* pro *scola*, *cielo* pro *celo*<sup>93</sup> e, in tutto troncando<sup>94</sup> le dictioni, dice *vi* pro *quivi*, e similiter *stievi* pro *stia ivi*.

[99] Si questo nostro opuscolo sarà tanto grato a chi mi leggerà quanto fu laborioso a me èl congettarlo,<sup>95</sup> certo mi dilecterà riaverlo promulgato, tanto quanto mi dilettava investigare e raccorre<sup>96</sup> queste cose, a mio iuditio degne e da pregiarle. Laudo Dio che in la nostra lingua habbiamo homai è primi principii di quello ch'io al tutto mi disfidava potere assequire.

[100] Cittadini miei, pregovi: se presso di voi hanno luogo le mie fatighe, habbate a grado questo animo mio, cupido di honorare la patria nostra; et insieme, piacciavi emendarmi piú che biasimarmi, se in parte alchuna ci vedete errore.

<sup>92</sup> *mie*: forma di possessivo invariabile, tipica dell'uso fiorentino quattrocentesco: cfr. *Introduzione*, p. LVIII.

<sup>93</sup> *paio... celo*: anche questo elenco dovrebbe comprendere «viti del favellare», che in realtà non ci sono: il primo termine di ciascuna coppia rappresenta un normale esito volgare; il secondo rappresenta, invece, la forma vicina al modello latino.

<sup>94</sup> *troncando*: accorciando di una sillaba (cfr. SGROI, *Retrodatazioni*, p. 25).

<sup>95</sup> *congettarlo*: metterlo insieme: *hapax* albertiano formato sul lat. *coniecto*.

<sup>96</sup> *raccorre*: forma sincopata di *raccogliere*; la forma base *corre* è frequente nei testi di autori fiorentini due, tre e quattrocenteschi archiviati nella LIZ.

Se esse opúsculo agradará quem quiser lê-lo, tanto quanto foi trabalhoso para mim realizá-lo, certamente terá sido um prazer tê-lo publicado, assim como me agradara investigar e pesquisar esse assunto, a meu ver, digno e merecedor de atenção.

Louvo a Deus, pois na nossa língua temos os primeiros princípios daquilo que eu não imaginava poder encontrar.

Meus concidadãos, eu rogo-lhes, se têm em consideração meu trabalho, que sejam compreensivos comigo, pois desejo honrar nossa pátria. Espero que todos tenham a bondade de me desculpar e não me acusem no caso em que eu tenha cometido algum erro.

*Tradução: Professor Sergio Romanelli  
(DLLE/PGET-UFSC)*

*Revisão: Professora Silvana de Gaspari  
(DLLE-UFSC)*



## Lettera Dedicatoria a Lionello d’Este

Ad Leonellum Illustrissimum Principem Estensem

[1] Licurgus, dicono, statuí in Sparta facessero alli dii sacrifici nonuntuosi né tali che non potessero ogni dí continuarli. E a’ prudenti principi si vuol dare non cose pregiate dalle persone idiote e vulgari, ma in prima quello che sempre fu accetto a chi, simile a te, Lionello, meriti essere amato: si voi donare, a mio iudizio, sé stessi. Questo non vedo si possa con piú fermo obbligo che con la benivolenza e insieme reverenza, qual sole cose noi mortali coniungono molto al principe di tutte le cose, a Dio. [2] Né credo a te, omo savio, cosa da me altra pari possa essere grata quanto vederti amato per tue virtù. [3] Quale tu stimi l’animo mio verso di te non m’è oscuro, quando vedo qual sia el tuo fronte verso di me. [4] E a me, quando venni a visitarti, vedermi ricevuto da te con tanta facilità e umanità non fu indizio esserti Battista Alberti se non molto accettissimo. [5] A te forse come altronde cosí ancora e per questa quale i’ ti mando operetta, manifesto potrà parerti, quanto reputo ti parrà, ch’io stimo mio debito in qualunque cosa io possa danniti grato. [6] Tanto t’affermo, io scrissi questi libretti non ad altri che a me per consolare me stessi in mie avverse fortune. E parsemi da scrivere in modo ch’io russi inteso da’ miei non litteratissimi cittadini. Certo conobbi a me questa opera giovò, e sollevommi afflitto. E vedoli pur richiesti da molti piú che se io gli avessi scritti latini. [7] Piaceami a’ casi tuoi passati *in obitu parentis* mandarteli, ché gli stimava ancora atti a sollevare te, ma dubitava non avessero dignità quanto si richiedea per essere letti da te, e principe e litteratissimo. [8] Poich’io te li mostrai e intesi quanto e’ non ti dispiaceano, parsemi debito mandarteli solo per continuare

## Carta Dedicatória a Lionello d’Este

Para Leonellum Illustrissimum Principem Estensem

Licurgo, dizem, estabelecera que fizessem em Esparta sacrifícios aos deuses, nem suntuosos e nem tais que não pudessem ser feitos todos os dias. E, aos príncipes prudentes, as pessoas idiotas e vulgares não dão coisas preciosas, mas, sobretudo, aquilo que sempre foi bem aceito por quem, assim como tu, Lionello, mereça ser amado: querer doar, a meu ver, a si próprio. Acho que isso somente se pode tornar um fato por meio da benevolência e também do respeito, únicas coisas que nos aproximam, nós, que somos mortais, ao príncipe de todas as coisas, Deus. E acho que, como tu és um homem sábio, não há coisa que te possa agradar mais do que ser amado pelas tuas qualidades. Quanto tu me consideres é para mim evidente, pois vejo qual é o teu comportamento em relação a mim. E, quando fui visitar-te, o fato de ser recebido com tamanha facilidade e humanidade foi sinal de quanto tu estimasses Battista Alberti. Eu te envio esta minha pequena obra, mediante a qual tu poderás ver quanto me sinto em dívida contigo. E te confesso que eu escrevi esses livros não para ninguém mais, mas, para mim, para que eu encontre consolo por causa da minha pouca sorte. E achei melhor escrever de uma forma tal que eu pudesse ser entendido pelos meus não muito letrados concidadãos. Certamente, esta obra me ajudou muito e me salvou das aflições. E vejo que estes livros são muito requisitados, muito mais do que se os tivesse escrito em latim. Gostaria de tê-los enviado para ti *in obitu parentis*, pois eu os considerava ainda aptos para aliviar-te, mas duvidava se eles seriam dignos o suficiente para serem lidos por ti, um príncipe muito letrado. Como percebi que te agradavam, pareceu-me uma obrigação enviá-los, apenas para te mostrar, com esses meus



mostrandoti con miei piccioli doni che io sempre te servo a memoria e amoti. E fummi caro sí el far cosa fusse a te grata, sí e anche avere te, omo eruditissimo, non inculpatore di quello che molti m'ascriveno a biasimo, e dicono che io offesi la maiestà litteraria non scrivendo materia sí elegante in lingua piú tosto latina. [9] A questi fie altrove da rispondere. [10] Tu ora accetta volentieri le cose mie come da persona a quale le tue virtù molto e molto diletta, e aspetta di dí in dí, quanto mi richiedesti, ricevere da me simili argomenti e segni dell'amore quale io a te porto. Ubbidirotti. Comunicherò teco le cose mie per l'avenire con piú larghezza. Amami.



pequenos presentes, que eu sempre te lembro e te amo. E foi minha preocupação fazer algo que te agradasse e, também, fazer com que tu, homem muito erudito, não me culpasses por coisas que os outros me imputam, pois dizem que eu ofendi a majestade literária não escrevendo sobre um assunto tão elegante em língua latina. A eles eu responderei em outro lugar. Tu, agora, aceitas de boa vontade minhas obras, vindas de uma pessoa que muito aprecia tuas virtudes, e aguardas em breve quanto me pediste, receber de mim tais assuntos e sinais do amor que eu sinto por ti. Obedecer-te-ei. Comunicarei a ti meus pensamentos no futuro mais amplamente. Ama-me.

*Tradução: Professor Sergio Romanelli  
(DLLE/PGET-UFSC)*

*Revisão: Professora Silvana De Gaspari  
(DLLE-UFSC)*



## Protesta

[1] La plebe et i vulgari fiorentini vi saluta come huomini, molto generosissimi segretarii appostolici. [2] Se i vostri studii sono, qual voi gli affermate, studii d'umanità, e sempre fu ofizio d'umanità porgersi facile e trattabile verso qualunque da lui chieggia esser fatto piú costumato e piú emendato in ogni sua vita, diteci: saremo noi da biasimare, se in queste lettere non peritamo domandarvi di cose da volerle sapere, quali non da altri meglio si possono che da voi intendere?

[3] Diteci: chi propuose questo certame coronario, in nel quale voi fusti costituiti iudici già piú e piú mesi, non comunicò egli (cioè messer Batista degli Alberti) con voi il suo pensiero, e parsevi che fosse cosa utile alla nostra gioventú, cosa degna alla patria nostra, cosa ancora lodata presso a tutte le genti? [4] Se direte: [5] «Non ci parse né degna, né lodata», guardate non siate da essere reputati levissimi presso di chi si maravigliassi onde fusse che tanto, domandati, allora la lodavate, se dentro a' vostri animi altro sentavate. [6] E forse sarebbe chi vi giudicherebbe né buoni cittadini, né interi huomini, dove non proibisti in tempo quello che vedevi et per vostra divina sapienza conoscevi essere dannoso. [7] Et noi certo non possiamo credere vi paresse cosa da nolla volere, poiché 'nsino quando in que' prossimi dí doveano pronuziare e certatori, voi, chiamati da chi con voi si consigliò, l'approvasti, et per vostro consiglio in publico editto, col precone e insigni publichi, si notificò al popolo. [8] Et se a voi quanto stimiamo pur parse cosa da 'seguitarla, diteci: per che cagione fu tra voi chi prima tanto in ogni modo la perturbasse, et poi tanto la vituperasse, quando il certame, piú che niuno sperava, era riuscito et gratissimo al popolo e in sé degnissimo? [9]

## Protesto

Muito generosos secretários apostólicos, a plebe e os vulgares florentinos vos saúdam como homens. Se vossos estudos são, conforme afirmais, estudos humanos, e se é verdade que, desde sempre, característica principal dessa humanidade foi a de apresentar-se de forma fácil e compreensível, para quem quiser se tornar mais educado e mais evoluído em cada aspecto de sua vida, nos digais: deveríamos ser culpados nós, se nestes textos não deixamos de vos perguntar coisas que desejamos saber, pois ninguém mais que vós poderia nos explicar?

Dizei-nos: quem propôs este *certame coronario*<sup>12</sup>, no qual vós fostes nomeados como juizes já há muitos meses, não vos comunicou ele (isto é, o Senhor Battista degli Alberti) a sua opinião, pois lhe parecia que fosse algo útil para a nossa juventude, algo digno para a nossa pátria, algo ainda louvado por todos os povos? Se disserdes: “Não nos pareceu nem digno, nem louvado”, cuidado, pois poderiam parecer superficiais e surpreender quem perguntar-lhes, então, porque tanto o louvaram se, no fundo, tinham outra opinião a esse respeito. E talvez haja quem vos julgará nem bons cidadãos nem homens íntegros, pois não proibiram, quando tiveram a possibilidade, o que observavam e sabiam, por sua divina sabedoria, ser danoso.

---

<sup>12</sup> [N. d. T]. Trata-se de competição poética em vulgar sobre o tema da amizade ocorrida em Florença, em Santa Maria Del Fiore, no dia 22 de outubro de 1441, por iniciativa de Leon Battista Alberti. Marcou o ressurgimento do uso literário do italiano, proposto novamente contra os entusiasmos para o latim demonstrado na primeira parte do Humanismo. Participaram do evento rimadores populares (entre os quais, Anselmo Calderoni, Mariotto Davanzati, Antonio degli Agli) e humanistas como Ciriaco d’Ancona, Leonardo Dati, Benedetto Accolti e o próprio Alberti. A banca examinadora, composta por dez secretários apostólicos, não deu o prêmio (que consistia numa coroa de louro de prata), despertando o ressentimento de Alberti; mas a iniciativa teve igualmente uma grande importância histórica, pois marcou a primeira afirmação do vulgar, no âmbito da cultura oficial.

Diteci: che cagione mosse alcuno di voi a ire disuadendo e concertatori e amonendogli, non s'afaticassero in quello che voi e lodasti et nulla potete biasimare? [10] Fue di questo (quello che alcuni maledici disono) cagione la 'nvidia che vi dolesse vedere in la terra nostra cittadini quali, simili a' suoi maggiori, ben meritando della sua patria curassero la fama, dignità et ben publico? [11] O fu pure (come alcuni credono) che, udendo voi essere alcuni studiosi parati a produrre in mezzo commedia, e forse tragedie, voi diliberasti proibire questa ottima principiata consuetudine, per quale la terra nostra molto ne fosse onestata, e questo solo però che voi conoscevi che tacendo eravate vituperati, e dicendo eravate scorti? [12] O fu pure (come alcuni di voi referisce) cagione di questo non volere che simile certame si 'seguisse, ché non vi degnavate in questo modo venire al giudizio di noi huomini plebei et vulgari? [13] Diteci: se in voi sta quanto noi stimiamo prudenzia et erudizione, dorrav'egli forse essere conosciuti da qualunque minimo plebeo? [14] se vi conoscete da non poter soddisfare alle expettazioni nostre et rendervi pari alla oppinione quale abbiamo di voi come d'omini eruditissimi, onde viene che voi giudicate fanciulli e pazzi, che non solo a noi vulgari, ma et a tutti e senatori patritii et a voi ancora satisfece, quando fra voi piú che uno e un altro publicò et affermò essere tra 'certatori chi fosse da non posporlo a' primi ottimi passati poeti toscani? [15] Se questo cosí vi parse, non può parervi se non ingiuria testé appellargli fanciulli e pazzi; se non vi pareva da tanto lodarli, come può a noi parere questa vostra lauldazione se non levità et assentazione servile?

82

[16] Voi quanto que' poeti certatori fussero a noi grati et a tutti e cittadini accetti lo potesti comprendere el dí del certame, se voi stesti con buona modestia attenti, sí per la moltitudine qual vi concorse, sí per la actenzione qual servoro-no, si per voce et commendazione qual sino a testé ne fa il popolo, sí per lo studio di ciascuno qual cerca d'averne appresso di sé scritti

E nós, com certeza, não podemos acreditar que vos parecia coisa não desejável, pois, até os dias em que tinham que se apresentar os *certatori*<sup>13</sup>, vós, chamados por quem convosco se aconselhou, o aprovaram, e, sob seu conselho, num edito público com o arauto e as insígnias públicas, foi notificado à população. E, se pareceu a vós, conforme estimamos, que o *certame* fosse algo digno, nos digam: por qual razão houve quem entre vós depois o rejeitou de todas as formas, e ainda o criticou, quando o *certame*, mais do que qualquer um poderia esperar, conseguiu se tornar muito digno e muito agradou às pessoas? Digais-nos: qual razão levou alguns de vós a dissuadir os *concertatori* e avisá-los para não se cansarem naquilo pelo qual os louvastes e pelo qual não os culpastes? Causa disso foi (assim como alguns malvados afirmam) a inveja por ver na terra nossos concidadãos que, assim como os mais notáveis, com mérito cuidassem da fama da sua pátria, da dignidade e do bem público? Ou foi (como outros dizem) por ter ouvido que alguns estudiosos costumavam apresentar, no meio do *certami*, comédias, ou talvez tragédias, que vós deliberais proibir esse hábito tão bom, com o qual a nossa terra muito poderia ficar famosa, e isso somente porque, se tivessem deixado isso acontecer, teriam sido criticados e se tivessem falado teriam sido descobertos? Ou (como alguns entre vós afirmam) a razão disso foi não querer que tais *certami* continuassem, pois não queriam dessa forma ficar expostos ao julgamento de nós homens plebeus e vulgares? Digais-nos: se em vós se encontra o que nós consideramos a prudência e a erudição, vos incomodaria se isso fosse talvez conhecido por qualquer pobre plebeu? Se vós achares que não podeis satisfazer nossas expectativas e corresponder à opinião que temos de vós como homens de grande erudição, por que julgais infantis e loucos, não somente a nós vulgares, mas também a todos os senadores? E, por que ficastes satisfeitos quando mais do que um entre vós publicou e afirmou existir

---

<sup>13</sup> [N. d. T]. Optamos por deixar em italiano o nome tanto da competição quanto dos participantes da competição poética.



tutti e detti di qualunque concertatore, e per imparare da loro quello forse non sapevano, e per rendere questo premio alle vigilie loro, commendando i lor nomi a posterità, che infra dieci dí già sono piú che dieci volte venti copie trascritte di tutto il certame, e per tutta Ytalia volano a tutti i principi, et chieste da tutti i litterati, lodate da tutti i buoni. [17] Solo tra voi sentiamo essere chi vitupera questa principiata nostra laude, e dice essere cosa indegna che uno vulgare con uno nobilissimo literatissimo contenda, e per questo in prima doversi vietare questi certami. Nollo crediamo che tra alcuni di voi, huomini dottissimi, sia tanta ineptia, sendo in voi questo comune detto che tutti siamo da Giove, e tutti comperiamo il sale tanto l'uno quant'e l'altro; essendo comune sentenza di tutti e prudenti che la virtú, non la fortuna, fia quella che noi nobilita, e cosí il vizio fa ignominioso in cui e' sia. [18] E se pur fusse chi perseverasse vituperandolo, il domanderemo se questo fu usato costume sempre presso agli antichi, quali voi tanto proponete et aprogate in ogni fatto et detto, che nulla altro può non dispiacervi se non quanto e' sente dell'antico. [19] E domanderemo se in que' tempi si trovarono huomini generosi, huomini dotti, et vuomini che avessero l'orecchie delicatissime pari a voi. [20] Et domanderemo se, quando Plauto venia in scena tutto polveroso e colle mani callose, que' principi latini lo fastidiavano, se a que' patricii stomacava l'odore del pristino in quale quel poeta se esercitava per pascersi. [21] Et se sarà in la terra nostra chi con gesti gravissimi risponda sé essere simili a quelli censori e moderatori delle legge e d'ogni relegione, noi con ogni reverenza pregherremo ci dica qual prestanza lo faccia, in quello di che e' fa professione, dissimile a que' maggiori tanto da sé lodati. [22] E diremo: qual tuo studio d'umanità, o huomo, t'insegna tanto fastidire chi si dia alle virtú, alle cose grate a' suoi cittadini, alle quali cose noi altri, pure vuomini come voi, diventiamo piú dotti et piú atti a ben vivere? [23] Quanti sono fra noi, per opera di questi

entre os *certatori* alguém digno de não ser inferior aos primeiros ótimos poetas toscanos? Se realmente achastes isso, não podem considerar ser se não uma injúria considerá-los agora infantis e loucos; se não achavas necessário louvá-los tanto, como pode nos parecer essa vossa louvação se não leviandade e adulação servil? O quanto aqueles poetas *certatori* nos agradassem e agradassem a todos os cidadãos, vós poderias compreender o dia do *certame*, se estiverdes suficientemente atentos e com modéstia, tanto pela multidão que participou, quanto pela atenção que dedicaram, assim como pelos comentários que até agora o povo está fazendo, e pelo esforço que todos estão fazendo para conseguir os textos e os ditados de todos os *certatori*, para aprender deles o que não sabiam e para dar esse prêmio às suas vigílias, entregando seus nomes à posteridade; em dez dias já foram transcritas mais de 200 cópias do *certame* todo e correm pela Itália toda, requeridas por todos os príncipes, por todos os letrados e louvadas por todas as pessoas boas. Somente entre vós há quem critique este nosso elogio e afirma ser uma coisa indigna que um vulgar compita com um nobre muito letrado, e que, por isso, mais que por outra coisa, se deveriam proibir esses *certami*. Não podemos acreditar que haja entre vós, homens tão doutos, tamanha inépcia, sendo comum entre vós afirmar que todos somos filhos de Zeus e que compramos o sal da mesma forma; sendo opinião geral de todas as pessoas prudentes que é a virtude e não a sorte que nos torna mais dignos, assim como o vício torna ignominioso seja quem for. E, se ainda houver quem continuasse criticando-o, lhe perguntaríamos se os antigos, que vós tanto defendeis e admirais, costumavam agir dessa forma, já que somente não vos agrada o que dos costumes antigos se afasta. E perguntaremos se, naqueles tempos, existiram homens generosos, homens doutos e homens que tivessem os ouvidos tão delicados quanto os vossos. E queremos perguntar se, quando Plauto chegava à cena todo empoeirado e com as mãos cheias de calos, aqueles príncipes latinos o incomodavam, se àqueles

concertatori, che ora sanno che prima non sapevano che cosa sia amicizia? quanti saranno fra' nostri nipoti e posterì quinci fatti in questo piú dotti? [24] E diteci, priegovi, o huomini eccellentissimi: duolv'egli che noi ora intendiamo questa parte di filosofia, la quale non intendavamo? Se risponderete: «Duolci», vi reputeremo invidiosi e pessimi cittadini; se risponderete: «A noi piace», domanderemo: «Perché vietasti voi tanta nostra utilità e vostro piacere?».

[25] Et chi non odiasse il fastidio di chi pure affermasse non esser lecito a un prebeo concorrere a questi certami? Ditemi: s'egli è in quel certame astile pericolosissimo licito a qualunque infimo acorrere in mezzo, e certando percuotere, atterrare e fugare di vita qual vuoi primario e nobilissimo contrastatore, sarae vietato in simile luogo publico a noi altri comparire dove voi dotti convenisti? saracci proibito il favellare quando altrove sia licito uccidere? saracci egli interdetto mostrare il nostro ingegno, dove sieno allettati con premio tutti gl'ingegnosi? [26] che direte brutta esser cosa che uno imperito venga in mezzo ridicolo della scena, se vedesti non rarissimo armato chi venne per certare e partissi empuito l'elmo della cena passata? Fu però che 'l certame astile sia per questo da vituperallo?

[27] Et fra voi si dice che tanto premio, degno di coronare e sommi et ottimi poeti, troppo sarebbe indegno premio a noi vulgari. [28] Diteci: se lo meritasse, non faresti voi ingiuria a nullo contribuire? se nullo meritasse, darestigliel voi? [29] Quale inetto stimasse sé essere coronato in quel certame astile, perché e' superò chi in cosa niuna fu degno d'amirazione?

[30] Così in questo certame coronario: come non era non licito a qualunque convenirvi, così era degno premiare chi superasse e migliori; né sappiamo come in questo e dotti et litterati possino essere certando inferiori a chi sia imperito e vulgare, se in queste vostre lettere sta tanta forza ad esornare ogni ingegno. [31] E piú, se Orfeo, Museo, Omero, Virgilio,

patrícios lhes desagradava o cheiro de moinho no qual aquele poeta trabalhava para se sustentar. E, se houver, na nossa terra, quem, com gestos gravíssimos, responda ser parecido com aqueles censores e moderadores das leis e de toda religião, nós, com toda reverência, rogamos que nos digam qual característica os torna, no que eles sabem fazer, diferentes daqueles notáveis que eles tanto louvam. E diríamos: qual estudo, na área das letras, ó homem, te ensina a incomodar quem tanto se dedica às virtudes, às coisas que agradam aos seus concidadãos, coisas que, para nós que somos homens iguais a vós, nos tornam mais doutos e mais aptos para viver bem? Quantos são aqueles entre nós que, graças a esses *concertatori*, sabem agora o que significa amizade? Quantos entre os nossos netos e herdeiros se tornarão mais doutos por causa disso? E nos digais, vos rogo, homens excelentíssimos: vos incomoda tanto que hoje nós entendamos essa parte da filosofia que antes não compreendíamos? Se responderdes: “Nos incomoda”, vos consideraremos invejosos e péssimos cidadãos; se responderdes: “Nos agrada”, perguntaremos: “Por que proibiram tanto a nossa utilidade e o vosso prazer?”.

E quem não odiaria o incômodo de quem afirmaria não ser lícito para um plebeu concorrer nesses *certami*? Digais-me: se é lícito para qualquer ínfimo acorrer no meio desse combate de gladiadores, e *certando* bater, derrotar e matar qualquer *contrastatore* que seja notável, por que deveria ser proibido a nós comparecer no mesmo lugar público onde vós vos reunis? Será a nós proibido falar quando alhures é lícito matar? Será a nós vetado mostrar o nosso engenho, em que são seduzidos com prêmios todos os engenhosos? Pois vós direis ser uma coisa má que alguém não especializado venha ridiculamente, no meio da cena, se, com bastante frequência, vimos alguém chegar armado para *certare* e partir sem o capacete do jantar anterior? Mas seria por isso que o combate entre gladiadores deveria ser criticado?

E, entre vós, se diz que tamanho prêmio, digno de coroar notáveis e ótimos poetas, seria um prêmio demasiadamente indigno

Ovidio, Stazio, et ancora el vostro Appolline fusse in questa età e trovassero quello poeta concertatore qual vinse coronato, da che parte biasimerebbono essi chi l'avesse coronato? [32] Se dicessero: «Questa, si perch'ell'è corona, e perch'ell'è d'alloro, si disdice»; qui se voi, huomini facondissimi, fussi elingui et muti, noi vulgari loro per voi risponderemo: «E per che cagione fia la corona proprio vostro insigne, quale sia comune insieme alle meretrici? Se l'alloro fa voi essere poeti, ancora fieno le salsiccie poetesse!».

[33] Fu costui coronato perché fra' poeti fu in quel certame suppremo, et assai fu ottimo chi superò e buoni; et voi, in questo, inferiori fusti agl'infimi e pessimi poeti tacendo. [34] Già che, se chi scrive si chiama scrittore, e chi canta cantatore, et chi ara aratore, chi fa poemi fia non poeta piú che chi tacendo, o solo biasimando gli altri, voglia essere reputato poeta e principe de' poeti? [35] Ma fue mai che corona donata da qual si sia magistrato o popolo fosse altro che o segno di vittoria o premio delle fatiche?

[36] Donavansi, dopo al conflitto, a qual vuoi huomo militare, a' servi, secondo e loro meriti, corone civica, murale, castrense, navale et simili, e d'ariento, e d'oro, e gemmate, secondo pareva alla liberalità di chi distribuiva e premii. Simile a' poeti. [37] Et a qualunque certame palestrico era la corona segno di vittoria insieme e premio delle fatiche. [38] Et chi dicesse una et un'altra libra d'argento troppo essere premio alle fatiche di qualunque studioso? Qual di costoro certatori, mentre che si exercitò in questo certame, non pospose ogni sua privata cura e domestica faccenda? Qual di loro non expuose piú et piú vigilie in eliminare e esornare suo poemi?

[39] Se in voi sono ingegni divini, e potete estempore e subito produrre ottimi vostri poemi, meritate biasimo ché non convenisti dove senza difficoltà potavate aonestare simile principiata consuetudine in la patria nostra, qual da voi era stata troppo commendata. [40] Se conoscesti non si potea,

para nós vulgares. Digais-nos: se o merecêssemos, não seria uma injúria não o entregar para nós? Se não o merecêssemos, vós não o daríeis? Qual inepto estimaria ser coroado naquele combate de gladiadores, porque ele superou quem em coisa nenhuma foi digno de admiração?

Então, nesse *certame coronário*, como era ilícito a quaisquer pessoas participar, assim era digno premiar quem superasse os melhores; nem sabemos como nisso os doutos e os letrados possam, ao estar competindo, ser inferiores a quem seja inexperiente e vulgar, se, nessas vossas letras, têm tanta força para ornar todo engenho. E, ainda, se Orfeu, Museu, Homero, Virgílio, Ovídio, Stácio e, ainda, o vosso Apolline estivessem vivos nesta época e encontrassem aquele poeta *concertatore* que foi coroado, quanto eles criticariam quem o tivesse coroado? Se dissessem: “Esta, pois, é uma coroa, e como é de louro, não lhes é condizente”; aqui, se vós, homens muito eloquentes, ficásseis sem língua e mudos, nós vulgares a eles por vós responderíamos: “E por qual razão a coroa vos torna insignes, se é comum também para as meretrizes? Se o louro faz com que vós sejais poetas, ainda sejam as salsichas, poetisas!”.

Foi este poeta coroado, pois foi entre os poetas o supremo, e foi muito bom quem superou os bons; e vós, nisso, ao ficarem calados, fostes inferiores aos ínfimos e péssimos poetas. Já que, quem escreve se chama escritor, e quem canta cantor, e quem ara arador, quem faz poemas não seria poeta mais que quem, ao ficar calado, ou somente criticando os outros, queira ser reputado poeta e príncipe dos poetas? Mas, já se viu que coroa doada, tanto pelo povo quanto pelo magistrado, fosse outra coisa que sinal de vitória ou prêmio pelos esforços?

Doavam-se, após a batalha, a qualquer homem militar, conforme seus méritos, coroas cívicas, mural, castrense, naval e similares, e de prata e de ouro e gemadas, segundo parecia à liberalidade de quem distribuía os prêmios. Assim como os

senza molta e molta fatica, produrre in mezzo opera d'ingegno quale meriti in tanta conzione di huomini prestantissimi (quale concorse a questo spettacolo) essere ascoltata, sarà, crediamo, ingiuria la vostra, se alle summe fatiche di questi studiosi così negarete uno meno che mediocre premio.

[41] E diteci: a cavagli corridori si darà premio piú libbre d'oro: a questi huomini onestissimi non si retribuiranno poche once d'argento? [42] E se tanto in voi può la consuetudine, che a una bestia insensata si conceda premio pari a una ricchezza d'uno onesto cittadino, dovete non vietare questa ordita consuetudine alla patria vostra e a' vostri studiosi cittadini, ché a chi se esercita in virtù, pari si referisca premio douto a sua industria.

[43] Et se pure affermassi che veruno meritava fra questi concertatori tanto segno di prestantissima lode et che tutte furono cose puerili, non ardiremo non assentirvi et aquiescere al vostro iudizio, huomini gravissimi; [44] ma dorremoci se forse voi volessi da questa nostra età quello non volsero quelli antichi dalla loro. Prima che la lingua latina fosse, quanto ella poi fu, culta, essi stettono contenti a que' primi poeti quali essi aveano forse ingegnosi, ma con poca arte. [45] Così i poeti odierni potranno dirvi: «E noi per che cagione non vi satisfacciamo, facendo quanto a noi fra studio et dottrina?». [46] Se a voi pare meglio poter dire che quegli che certano, ché non exponete voi in mezzo vostra dottrina et perizia? [47] Spreghiate voi el premio qual voi affermate esser troppo grande e degno di coronare chi sia simile a voi eruditissimo? [48] Fastidiav'egli favellare quella lingua qual favellorono e vostri padri e avoli? [49]

Quali, se furono nobilissimi, quale aroganza sarà questa di chi, vituperando noi ch'abbiamo lingua simile a loro, vituperi insieme in questo ancora loro? se furono forse ignobili, chi sarà di voi da udirlo, quando e' dica non poter

poetas. E, em qualquer competição esportiva, a coroa era sinal de vitória e também de esforço.

E quem diria que uma ou outra libra de prata seria um prêmio exagerado para os esforços de qualquer estudioso? Todos esses *certatori*, enquanto se exercitavam no *certame*, não descuidaram por acaso de todos os seus afazeres particulares e das coisas domésticas? Qual deles não passou mais do que uma noite em aperfeiçoar e ornar os seus poemas?

Se entre vós há talentos divinos, e podeis improvisar e logo produzir os vossos ótimos poemas, mereceis ser criticados, pois não fostes onde sem dificuldade poderia encontrar uma justificação tal talento, coisa habitual na nossa pátria, como por vós tinha sido muito recomendado. Se é verdade que não se poderia escutar, sem muito e muito esforço, produzir uma obra de tamanho engenho, como merece uma competição de homens muito importantes (como os que participaram neste espetáculo), será, acreditamos, uma injúria a vossa, se negareis aos sumos esforços desses estudiosos um prêmio pelo menos medíocre.

E digais-nos: se aos corredores de cavalos se dará um prêmio mais algumas libras de ouro, por que a esses homens muito honestos não se doaram poucas onças de prata? E, se esse é um costume muito forte para vós, tanto que a um animal insensato se concede um prêmio igual à riqueza que ganha um cidadão honesto, não devem negar esse costume estabelecido para a vossa pátria e para os vossos concidadãos estudiosos, para que se dê um prêmio condizente com sua habilidade a quem exercita a sua virtude.

E ainda que afirmardes, ó homens tão doutos, que nenhum desses *concertatori* merecia um sinal tão grande de muito louvor e que foram todas coisas pueris, não ousaremos contradizer e negar sua opinião; mas lamentaremos se vós quiserdes, nesta nossa época, aquilo que os antigos não quiseram na deles. Antes que a língua latina fosse, como depois foi, culta, eles ficaram contentes com aqueles primeiros poetas que eles consideravam



patire d'essere veduto in ceto fra' plebei? [50] Forse direte: «La nobiltà nostra di noi litterati sta in cosa stabile, in la virtù e cognizione di molte ottime cose». Lodianvi et assentianvi così essere. Ma diteci: quale infortunio saræ a' mortali la povertà, se altri, niuno che solo e fortunati [.....].



talvez engenhosos, mas com pouca arte. Assim, os poetas hodiernos poderiam dizer-vos: “E por qual razão nós não os satisfazemos com o nosso estudo e nossa doutrina?”. Se vos considerais melhores do que os que competem no *certame*, por que não expões tua perícia e doutrina? Desprezais o prêmio que vós considerais demasiadamente grande e digno para coroar quem é muito erudito, igual a vós? Incomodais-vos falar aquela língua que falavam seus pais e avós?

Por que, se foram muito nobres, que arrogância é esta de quem, criticando-nos que temos uma língua igual à deles, critica junto com isso também a eles? Se foram, por acaso, ignóbeis, quem entre vós poderá ouvir isso, já que ele diz não poder aguentar ser visto na mesma classe dos plebeus? Talvez digais: “A nossa nobreza de letrados está em algo estável, na virtude e no conhecimento de muitas coisas boas”. Nós vos louvamos e confirmamos ser assim. Mas nos digais: que infortúnio pode ser para os mortais a pobreza, se não, somente que os afortunados [...].<sup>14</sup>

*Tradução: Professor Sergio Romanelli  
(DLLE/PGET-UFSC)*

*Revisão: Professora Silvana de Gaspari  
(DLLE-UFSC)*



---

<sup>14</sup> [N.d.T.] O período é inacabado no original.



# Baldassar Castiglione



## Introdução

**B**aldassar Castiglione (1478-1529) é autor de *O Cortesão*, obra que o tornou famoso pelo sucesso alcançado na Europa e nas Américas. Sua vida é repleta de experiências devido às numerosas missões diplomáticas em serviço de algumas das mais prestigiosas famílias como as dos Gonzaga de Mântua, as dos Montefeltro de Urbino e as dos Della Rovere, a quem serviu como diplomata e letrado.

Na condição de eclesiástico, em 1524, ele foi enviado pelo papa Clemente VII para Espanha na qualidade de nuncio apostólico. Logo em seguida, as relações entre a Espanha e a França deterioraram-se, alcançando o ápice em 1527 com o saque de Roma. Castiglione foi responsabilizado pelo papa por não ter conseguido mediar o conflito, mas foi por ele perdoado após comprovar o quanto se havia empenhado. Mesmo assim, ele resolveu continuar vivendo na Espanha até sua morte, que ocorreu na cidade de Toledo, aos 50 anos de idade, por ter contraído peste e que lhe foi fatal.

Castiglione escreveu esse tratado estimulado pelas virtudes do então recém-falecido duque Guid'Ubaldo de Montefeltro, a quem havia servido como diplomata e letrado. A primeira edição impressa em Veneza data de 1528, e foi precedida de três versões manuscritas. Em carta introdutória dirigida ao Reverendo dom Miguel da Silva, o autor justifica sua decisão de publicar o texto. O próprio Castiglione tinha feito uma cópia para a Senhora Vittoria dalla Colonna a pedido dela. A referida senhora, contrariando a promessa feita ao autor, transcreveu grande parte do referido texto. O autor havia sido informado que o texto estava nas mãos de alguns homens ávidos de novidades que haviam tentado mandar imprimi-lo. Castiglione, pensando

então nos perigos decorrentes de tal atitude, considerou um mal menor imprimir o texto “pouco corrigido” pelas suas mãos do que “muito desfigurado pelas mãos de outros.” O livro é um dos mais importantes livros renascentistas, tratado como um guia de conduta da época, que aponta posturas e expressa valores políticos e sociais. O tema central é o de construir e de representar um modelo exemplar do cortesão do século XVI em todos os âmbitos de sua vida e o da perfeita *cortesania* conforme a qual, em qualquer caso, era importante conciliar a razão com a elegância. Contam os biógrafos de Castiglione que, na ocasião de seu falecimento, Carlos V teria declarado: “*Yo vos digo que es muerto uno de los mejores caballeros del mundo!*”

Do capítulo XXVIII ao capítulo XXXIX do primeiro livro, as personagens discutem sobre a língua que um perfeito cortesão deve empregar. E é essa parte da obra que estamos apresentando traduzida para o português, pois, nela, o autor abraça a polêmica quinhentista acerca da Língua Italiana e expressa seu ponto de vista.

O texto é composto por quatro livros e construído sob a forma de diálogo que se desenvolve durante quatro noites nos aposentos do palácio do duque Guid’Ubaldo de Montefeltro. Nos referidos serões, o duque, doente, se recolhia mais cedo e a esposa Elisabetta Gonzaga tinha a incumbência de entreter os gentis homens e damas. A partir de perguntas acerca do comportamento mais adequado para um perfeito cortesão, é tecido o debate dialético ao estilo platônico. As personagens raciocinam sobre as qualidades do corpo e da alma de um perfeito cortesão, a importância da competência na luta, na dança, na música e no canto. É salientada também a necessidade de o cortesão ser excelente e ter graça em tudo o que faz, especialmente no falar, evitando a afetação. A figura do cortesão torna-se a questão principal para a compreensão do espírito da época, marcada pelo apogeu do humanismo renascentista.



Castiglione dedica 11 capítulos ao assunto da língua, do qual participam ativamente todas as personagens. O uso, pelo cortesão, de palavras toscanas antigas é reprovado, por ser rejeitado pelo costume contemporâneo às personagens, pois “[...] causaria fadiga a quem fala e a quem ouve.” Da mesma forma, é considerado “vício odiosíssimo” o uso do romano, do espanhol ou do francês pelos lombardos que passaram uma temporada fora de casa. Já o emprego de termos franceses e espanhóis, desde que já aceitos pelos costumes italianos, é considerado positivo, contanto que o cortesão tenha certeza de ser entendido. O autor trata também da criação neológica, do emprego de “[...] algumas palavras com outro significado e não com o próprio [...]” e do emprego de “novas figuras de dizer.”

Após discutirem sobre a escolha lexical, as personagens ressaltam as diferenças entre a língua oral e a escrita, lembrando a necessidade de clareza do texto escrito, já que “[...] aqueles que escrevem nem sempre estão presentes para quem lê, como aqueles que falam para quem ouve”. Contrariando a apologia à clareza do texto escrito feita pelo conde, dom Federico defende a ideia de que, as palavras não difíceis, mas portadoras de “[...] certa agudeza recôndita [...]” dariam determinada autoridade maior à escrita, exigindo mais atenção do leitor, que apreciaria o prazer decorrente de conseguir as coisas difíceis.

É sustentada a ideia da necessidade da presença de um modelo a ser seguido, que serviria de “guia e escudo” contra as repreensões. São tratados muitos outros temas como o da imitação, necessária ou não – com a citação de Petrarca, Boccaccio e de escritores gregos e romanos – a questão do estilo, do ritmo e da entonação, a necessidade de uma voz suave e educada com boa dicção, os modos e gestos convenientes, o emprego do latim ou da língua italiana, chamada de “vulgar”, avaliada como “[...] ainda tenra e nova, embora [...] praticada há muito tempo.”

Ao discutir sobre a forma do falar, nasce um debate

acalorado entre o senhor Morello e o conde, pois aquele afirma que o falar com “[...] elegância e gravidade gera incompreensão [...]”, enquanto este último o contradiz sustentando que “[...] a facilidade não impede a elegância”.

Por diversas vezes, Castiglione salienta, por meio de suas personagens, a importância do emprego das palavras usadas pelo costume, “[...] conhecidas por um certo juízo natural, e não por alguma arte ou regra”.

No final do capítulo XXXIX, sem que os interlocutores cheguem a um consenso sobre a língua que um perfeito cortesão deve empregar, a senhora Emília julga a discussão longa e cansativa e propõe que seja retomada em outro momento.

Com relação a nossa tradução, adotamos a postura sugerida pelo próprio Castiglione, empregando as palavras mais usadas e aceitas em nossa comunidade linguística sem, contudo, nos afastarmos do estilo do autor. Privilegiamos a clareza textual, pois entendemos que o leitor do referido texto traduzido não espera emoções estéticas, mas quer tomar conhecimento das ideias vigentes no século XVI acerca da questão da língua italiana, assim como conhecer a postura de Baldassare Castiglione.

Confessamos que a tradução teve considerável grau de dificuldade. De acordo com o estilo da língua italiana, deparamo-nos com frases longas de uma estrutura sintática complexa, gerando, não poucas vezes, dificuldades de compreensão textual. Ao traduzir, tentamos eliminar a ininteligibilidade do texto de partida, reduzindo o tamanho das frases e pontuando com maior frequência, de acordo, com o estilo da língua portuguesa. Nesse sentido, apresentamos a seguir um exemplo de baixa legibilidade do texto de partida em decorrência da ordem dos elementos na frase. O trecho foi retirado da carta introdutória. *Oltre a questo usansi in Toscana molti vocabuli chiaramente corrotti dal latino, li quali nella Lombardia [...] son rimasti integri.* Com base na estrutura da língua italiana contemporânea, o trecho: *vocabuli*



*chiaramente corrotti dal latino...* deixa entender: “[...] vocábulos claramente corrompidos pelo latim [...]”, sendo “pelo latim” agente da forma passiva. No entanto, o texto em italiano quer expressar a ideia de “[...] vocábulos provenientes do latim [...] claramente corrompidos.”

Outra dificuldade foram os termos empregados por Castiglione, iguais a termos de alta frequência de uso no italiano contemporâneo, tendo hoje um significado diferente daquele atribuído por Castiglione. Citamos, a título de exemplo, o emprego recorrente da palavra *ancor(a)* que hoje é comumente traduzida em português por “ainda”, com valor temporal ou concessivo, mas que na obra, *O cortesão*, aparece algumas vezes com o significado de “também”, como na frase [...] *la signora Duchessa essa è ancor morta* (da carta introdutória) traduzida por “[...] a senhora Duquesa também está morta.”

A compreensão de palavras arcaicas remete à questão teórica da temporalização na tradução. Se o próprio Castiglione nos alerta que esses termos “causam fadiga” a quem lê, nós concordamos e acrescentamos que podem levar a um erro de compreensão do texto de partida que fatalmente vai incidir no texto traduzido. Citamos dois exemplos: 1) [...] *indotto ancora dal pericolo del libro, hollo fatto imprimere* [...] (da carta introdutória). A palavra italiana *hollo* corresponde hoje a *l’ho*, trecho traduzido por “[...] mandei imprimi-lo [...]”; 2) [...] *e per questo par che ’l suo fior insino da que’ primi tempi qui sia rimaso* [...] (cap. XXXII). A palavra *insino* hoje corresponde a: *fin da* ou *sin da*, isso é, “desde” em português. A palavra *rimaso* corresponde a: *rimasto*, ou seja “permanecido” em português. O trecho traduzido ficou assim: “Em consequência disso, parece que sua flor, desde aqueles primeiros tempos, tenha permanecido aqui.”

Concluimos esta apresentação fazendo nossas as palavras de Castiglione quando afirma que “[...] todas essas coisas seriam vãs e de pouca importância se os pensamentos expressos pelas palavras não fossem belos, engenhosos, agudos, elegantes e graves, segundo a necessidade.” (cap. XXXIII).

*Professora Patrizia Collina Bastianetto (UFMG)*



# Il Cortegiano

Al Reverendo ed Illustre.  
Signor Don Michele de Silva  
Vescovo de Viseo<sup>97</sup>

1. Quando il signor Guid'Ubaldo di Montefeltro,<sup>98</sup> duca d'Urbino, passò di questa vita, io, insieme con alcun'altri cavalieri che l'aveano servito, restai alli servizi del duca Francesco Maria della Rovere<sup>99</sup>; '1 crede e-successor di quello nel stato; e come nell'animo mio era recente l'odor delle virtù del duca Guido, e la tiszafazione che in quelli anni aveva sentito dell'amorevole compagnia di così eccellenti persone, come allora si ritrovarono nella corte d'Urbino, fui stimolato da quella memoria a scrivere questi libri del Cortegiano: il che io feci in pochi giorni, con intenzione di castigar col tempo quelli errori, che dal desiderio di pagar tosto questo debito erano nati. Ma la fortuna già molt'anni m'ha sempre tenuto oppresso in così continui travagli, che io non ho mai potuto pigliar spazio di ridurgli a termine, che il mio debil giudicio ne restasse contento. Ritrovandomi adunque in Ispagna, ed essendo d'Italia avisato, che la signora Vittoria dalla Colonna, marchesa di Pescara, alla quale io già feci copia del

<sup>97</sup> Prelato portoghese, umanista, molto apprezzato nella Corte papale. Cadde poi in disgrazia del Re del Porto-gallo e visse definitivamente esule a Roma. Circa il 1525 fu appunto vescovo di Viseu.

<sup>98</sup> Figlio di Federico II, ultimo della progenie dei Montefeltro; ebbe una vita tormentata dalle malattie e da in-successi politici. Fu buon mecenate. Sposò nel 1486 Elisabetta Gonzaga, principessa di elette qualità e di grande prestigio. Morì nel 1508 senza lasciare figli.

<sup>99</sup> Nipote di Giulio II da cui fu specialmente favorito. Era figlio di una sorella di Guidubaldo: questi, anche per le pressioni del Papa, lo adottò come erede dello Stato d'Urbino.

## O Cortesão

Ao Reverendo e Ilustre  
Senhor dom Miguel da Silva  
Bispo de Viseu<sup>15</sup>

Quando o senhor Guid'Ubaldo de Montefeltro,<sup>16</sup> duque de Urbino, passou desta vida, eu, com alguns outros cavaleiros que tinham servido a ele, permaneci a serviço do duque Francesco Maria della Rovere,<sup>17</sup> herdeiro e sucessor dele no Estado. Como em meu ânimo, eram recentes o odor das virtudes do duque Guido e a satisfação que, naqueles anos, eu tinha da afável companhia das tão excelentes pessoas que se encontravam então na corte de Urbino, senti-me estimulado por aquela recordação a escrever estes livros do *Cortesão*, o que fiz em poucos dias, com a intenção de, com o tempo, corrigir os erros que tinham decorrido do desejo de pagar logo aquela dívida. Mas o destino, já de há muitos anos, tinha-me impedido com tão contínuos trabalhos que não pude conseguir tempo para pôr em prática esse desejo de modo satisfatório. Encontrando-me então na Espanha e sendo avisado da Itália que a senhora Vittoria dalla Colonna, marquesa de Pescara – para a qual eu já fiz cópia do livro – contrariando promessa a mim feita, tinha feito transcrever grande parte dele –, não pude deixar de sentir-me

---

<sup>15</sup> [N.d.T.] Prelado português, humanista, muito considerado na corte papal. Caiu em desgraça junto ao rei de Portugal e viveu exilado definitivamente em Roma. Em cerca de 1525 tornou-se bispo de Viseu (em Portugal).

<sup>16</sup> [N.d.T.] Filho de Federico II, último da progênie dos Montefeltro, teve uma vida atormentada pelas doenças e por insucessos políticos. Foi um bom mecenas. Em 1486 casou-se com Elisabetta Gonzaga, princesa de altas qualidades e de grande prestígio. Morreu em 1508, sem deixar filhos.

<sup>17</sup> [N.d.T.] Sobrinho de Julio II, pelo qual foi muito protegido. Era filho de uma irmã de Guid'Ubaldo, o qual, também pelas pressões do Papa, o adotou como herdeiro do Estado de Urbino.

libro, contra la promessa sua ne avea fatto trascrivere una gran parte, non potei non sentirne qualche fastidio, dubitandomi di molti inconvenienti, che in simili casi possono occorrere; nientedimeno mi confidai che l'ingegno e prudenzia di quella Signora (la virtù della quale io sempre ho tenuto in venerazione come cosa divina) bastasse a rimediare che pregiudicio alcuno non mi venisse dall'aver obedito a' suoi comandamenti. In ultimo seppi, che quella parte del libro si ritrovava in Napoli in mano di molti; e, come sono gli omini sempre cupidi di novità, pareva che quelli tali tentassero di farla imprimere. Ond'io, spaventato da questo pericolo, determinai di riveder subito nel libro quel poco che mi comportava il tempo, con intenzione di publicarlo; estimando men male lassarlo veder poco castigato per mia mano, che molto lacerato per man d'altri. Così, per eseguire questa deliberazione, cominciai a rileggerlo; e subito nella prima fronte, ammonito dal titolo, presi non mediocre tristezza, la qual ancora nel passar più avanti molto si accrebbe, ricordandomi, la maggior parte di coloro che sono introdotti nei ragionamenti, esser già morti: ché, oltre a quelli de chi si fa menzione nel proemio dell'ultimo, morto è il medesimo messer Alfonso Ariosto,<sup>100</sup> a cui il libro è indirizzato; giovane affabile, discreto, pieno di suavissimi costumi, ed atto ad ogni cosa conveniente ad omo di corte. Medesimamente il duca Juliano de' Medici,<sup>101</sup> la cui bontà e nobil cortesia meritava più lungamente dal mondo esser goduta. Messer Bernardo, cardinal di Santa Maria in Portico,<sup>102</sup> il quale per una acuta e piacevole prontezza d'ingegno fu graditissimo a qualunque lo conobbe, pur è morto. Morto è

<sup>100</sup> Della famiglia di Ludovico Ariosto, al servizio degli Estensi. Dovette essere legato da vincoli solidissimi d'ami' cizia e di stima col C.

<sup>101</sup> Il minore dei figli di Lorenzo, il fratello di Leone X. Delle sue inclinazioni letterarie abbiamo ora una testimoniaza esauriente nell'edizione delle sue rime, curata da G. Fatini per il Centro di Studi sul Rinascimento. Firenze, 1938.

<sup>102</sup> Bernardo Dovizi, il Bibbiena.

contrariado, pensando de muitos inconvenientes que podem ocorrer em tais casos; não obstante confiei que a capacidade e a prudência daquela senhora (cuja virtude eu sempre tive em veneração como coisa divina) bastassem para impedir que me viesse algum prejuízo por ter obedecido às suas ordens. Por último, fiquei sabendo que aquela parte do livro se encontrava em Nápoles em poder de muitos; e, como os homens são sempre ávidos de novidades, parecia que eles tentaram mandar imprimi-la. Por isso, temendo esse perigo, decidi-me a rever logo o pouco que o tempo me permitisse, com a intenção de publicá-lo, considerando menos mal deixá-lo ser visto pouco corrigido por minhas mãos do que muito desfigurado pelas mãos de outros. Assim, para executar essa deliberação, comecei a relê-lo; e logo, à primeira vista, advertido pelo título, senti não pequena tristeza, a qual, continuando eu a leitura, aumentou muito ao me recordar que a maior parte daqueles que participaram e idealizaram o processo deste livro já estão mortos, porque, além daqueles que são mencionados no proêmio do último livro, morto está também dom Alfonso Ariosto,<sup>18</sup> ao qual o livro é dedicado. Jovem, afável, discreto, cheio de suavíssimos costumes e apto para toda coisa conveniente a homem de corte. Do mesmo modo, o duque Juliano d’Medici,<sup>19</sup> cujas bondade e nobre cortesia mereceriam ser apreciadas mais longamente pelo mundo. O senhor Bernardo, cardeal de Santa Maria in Portico,<sup>20</sup> – o qual, por uma aguda e agradável prontidão de espírito, foi muito apreciado por todos que o conheceram – também já faleceu. Morto está o senhor Ottaviano Fregoso,<sup>21</sup> homem raríssimo em nossos tempos, magnânimo, religioso, cheio

---

<sup>18</sup> [N.d.T.] Da família de Ludovico Ariosto, a serviço dos Estensos. Deve ter sido ligado a Castiglione por vínculos fortíssimos de amizade.

<sup>19</sup> [N.d.T.] O mais moço dos filhos de Lorenzo, irmão de Leão X. De suas inclinações literárias temos agora um testemunho exaustivo na edição de suas rimas, organizada por G. Fatini para o *Centro di Studi sul Rinascimento*. Firenze, 1938.

<sup>20</sup> [N.d.T.] Bernardo Dovizi, o Bibbiena.

<sup>21</sup> [N.d.T.] De ilustre e influente família genovesa, viveu exilado em Urbino com os irmãos Federico e Costanza. Voltando a Gênova, foi Doge enquanto essa cidade não foi tomada pelos Imperiais.

il signor Ottavian Fregoso,<sup>103</sup> omo a' nostri tempi rarissimo; magnanimo, religioso, pien di bontà, d'ingegno, prudenzia e cortesia, e veramente amico d'onore e di virtù, e tanto degno di laude, che li medesimi inimici suoi furono sempre costretti a laudarlo; e quelle disgrazie che esso costantissimamente sopportò, ben furono bastanti a far fede che la fortuna, come sempre fu, così è ancor oggidì, contraria alla virtù. Morti sono ancor molti altri dei nominati nel libro, ai quali pareva che la natura promettesse lunghissima vita. Ma quello che senza lacrime raccontar non si devrìa, è che la signora Duchessa essa è ancor morta: e se l'animo mio si turba per la perdita di tanti amici e signori miei, che m'hanno lassato in questa vita come in una solitudine piena d'affanni, ragion è che molto più acerbamente senta il dolore della morte della signora Duchessa, che di tutti gli altri, perché essa molto più di tutti gli altri valeva, ed io ad essa molto più che a tutti gli altri era tenuto. Per non tardare adunque a pagar quello che io debbo alla memoria di così eccellente signora, e degli altri che più non vivono, indotto ancora dal periculo del libro, hollo fatto imprimere e publicare tale qual dalla brevità del tempo m'è stato concesso. E perché voi né della signora Duchessa né degli altri che son morti, for che del duca Juliano e del Cardinal di Santa Maria in Portico, avete notizia in vita loro, acciò che, per quanto io posso, l'abbiate dopo la morte, mandovi questo libro, come un ritratto di pittura della corte d'Urbino, non di mano di Rafaello o Michel Angelo, ma di pittor ignobile, e che solamente sappia tirare le linee principali, senza adornar la verità di vaghi colori, o far parer per arte di prospettiva quello che non è. E come ch'io mi sia sforzato di dimostrar coi ragionamenti le proprietà e condizioni di quelli che vi sono

---

<sup>103</sup> Di illustre e influente famiglia genovese, visse esule ad Urbino insieme ai fratelli Federico e Costanza. Rientrato in Genova ne fu Doge finché la città non fu presa dagli Imperiali.

de bondade, de talento, de prudência e cortesia e, verdadeiramente, amigo da honra e da virtude, e tão digno de louvor que até seus inimigos sempre foram obrigados a louvá-lo; e as desgraças que ele suportou constantemente foram suficientes para mostrar que a sorte, como sempre foi, ainda hoje é contrária à virtude. Mortos estão ainda muitos outros entre aqueles mencionados no livro, aos quais parecia que a natureza prometia longuíssima vida. Mas o que não se deveria contar sem lágrimas é que a senhora Duquesa também está morta; e se minha alma se perturba pela perda de tantos amigos e senhores meus, que me deixaram nesta vida como em uma solidão cheia de pesares, é porque ela sente a dor pela morte da senhora Duquesa mais acerbamente do que pela de todos os outros, porque ela era muito mais do que eles todos, e eu era muito mais ligado a ela do que a eles. Por isso, para não tardar em pagar o que devo à memória de tão excelente senhora e dos outros que não estão mais vivos, pensando também no risco de o livro ser editado por outros, mandei imprimi-lo e publicá-lo tal qual me foi permitido pela brevidade do tempo. E porque vós – com exceção do duque Juliano e do cardeal de Santa Maria in Portico – não tivestes conhecimento em vida da senhora Duquesa e dos outros, que já faleceram, a fim de que tenhais algum conhecimento deles depois da morte, mando-vos este livro como uma representação da pintura da corte de Urbino, feita não pelas mãos de Rafael ou de Miguel Ângelo, mas de pintor inapto, que sabe traçar somente as linhas principais, sem adornar a verdade com cores indefinidas ou fazer parecer pela arte da perspectiva o que não é. E como me esforcei para demonstrar com raciocínios as propriedades e condições daqueles que vos foram mencionados, confesso não ter nem expresso e menos ainda aludido às virtudes da senhora Duquesa; porque não só o meu estilo não é suficiente para exprimi-las, mas também porque nem o intelecto o é para imaginá-las. E se, a respeito disso ou de outra coisa digna de repreensão (como bem sei que no livro não faltam) eu for repreendido, não contradirei a verdade.



nominati, confesso non avere, non che espresso, ma né anco accennato le virtù della signora Duchessa; perché, non solo il mio stile non è sufficiente ad esprimerle, ma pur l'intelletto ad immaginarle: e se circa questo o altra cosa degna di riprensione (come ben so che nel libro inoltre non mancano) sarò ripreso, non contraddirò alla verità.

II. Ma perché talor gli omini tanto si dilettono di riprendere, che riprendono ancor quello che non merita riprensione, ad alcuni che mi biasimano perch'io non ho imitato il Boccaccio, né mi sono obbligato alla consuetudine del parlar toscano d'oggi, non resterò di dire, che ancor che 'l Boccaccio fusse di gentil ingegno, secondo quei tempi, e che in alcuna parte scrivesse con discrezione ed industria, nientedimeno assai meglio scrisse quando si lassò guidar solamente dall'ingegno ed istinto suo naturale, senz'altro studio o cura di limare i scritti suoi, che, quando con diligenza e fatica si sforzò d'esser più culto e castigato. Perciò li medesimi suoi fautori affermano, che esso nelle cose sue proprie molto s'ingannò di giudizio, tenendo in poco quelle che gli hanno fatto onore, ed in molto quelle che nulla vagliono. Se adunque io avessi imitato quella maniera di scrivere che in lui è ripresa da chi nel resto lo lauda, non poteva fuggire almen quelle medesime calunnie che al proprio Boccaccio son date circa questo; ed io tanto maggiori le meritava, quanto che l'error suo allor fu credendo di far bene, ed or il mio sarebbe stato conoscendo di far male. Se ancora avessi imitato quel modo che da molti è tenuto per bono, e da esso fu men apprezzato, parevami con tal imitazione far testimonio d'esser discorde di giudizio da colui che io imitava: la qual cosa, secondo me, era inconveniente. E quando ancora questo rispetto non m'avesse mosso, io non poteva nel subietto imitarlo, non avendo esso mai scritto cosa alcuna di maniera simile a questi libri del *Cortegiano*; e nella lingua, al parer mio, non doveva; perché la forza e vera regola del parlar bene consiste più nell'uso che in altro, e sempre è vizio usar parole che non siano in

II. Mas, como às vezes os homens se comprazem tanto em repreender que repreendem também o que não merece repreensão, para aqueles que me censuram porque não imitei Boccaccio, nem me senti obrigado ao costume do falar toscano de hoje em dia, não deixarei de dizer que ainda que Boccaccio fosse de gentil temperamento, segundo aqueles tempos, e que em alguma parte escrevesse com discrição e sagacidade, escreveu bastante melhor quando se deixou guiar somente por sua sagacidade e por seu instinto natural – sem a preocupação ou o cuidado de limar seus escritos –, mais do que, quando com diligência e fadiga, se esforçou para ser mais culto e castiço. Por isso, mesmo seus defensores afirmam que ele, em relação à sua produção, muito se enganou em seus julgamentos, tendo em pouca conta a que lhe trouxe honra, e em muita conta a que não vale nada. Se, pois, eu tivesse imitado aquele modo de escrever que nele é repreendido por quem no resto o louva, não poderia escapar ao menos daquelas mesmas calúnias que são dirigidas ao próprio Boccaccio a respeito disso; e eu as mereceria tanto maiores porque ele errou pensando que agia bem, e agora o meu erro seria feito sabendo eu que agiria mal. Se ainda eu tivesse imitado aquele modo que por muitos é considerado bom e por ele menos apreciado, parecer-me-ia com tal imitação dar testemunho de ser discordante do julgamento daquele que eu imitava; isso, em meu parecer, seria inconveniente. E mesmo que esse respeito não me tivesse movido, eu não poderia nessa matéria imitá-lo, não tendo ele jamais escrito coisa alguma de maneira semelhante a esses livros do *Cortesão*; e nem na língua devia imitá-lo, porque, segundo penso, a força e a verdadeira regra do falar bem consistem mais no uso do que em outra coisa, e sempre é vício usar palavras que não estejam em uso.<sup>22</sup> Por isso, não era conveniente que eu usasse muitas das

---

<sup>22</sup> [N.d.T.] Depois do primeiro humanismo, a questão do vulgar torna-se, principalmente, um debate sobre a língua, tendendo, já nesse momento, para um provável classicismo. O Castiglione não assume nenhuma posição claramente teórica, e sua aparente inclinação para as anomalias revela, no fundo, um aborrecimento empírico e desdenhoso das controvérsias daquela época. Observe-se que as razões aduzidas se mostram afinal incoerentes, desmentidas depois pela prática do escritor; precisando lembrar o que escreveu sobre isso Varchi no *Ercolano*.

consuetudine.<sup>104</sup> Perciò non era conveniente, ch'io usassi molte di quelle del Boccaccio, le quali a' suoi tempi s'usavano, ed or sono disusate dalli medesimi Toscani. Non ho ancor voluto obligarmi alla consuetudine del parlar toscano d'oggi; perché il commercio tra diverse nazioni ha sempre avuto forza di trasportare dall'una all'altra, quasi come le mercanzie, così ancor nuovi vocabuli, i quali poi durano o mancano, secondo che sono dalla consuetudine ammessi o reprobati: e questo, oltre il testimonio degli antichi, vedesi chiaramente nel Boccaccio, nel quale son tante parole francesi, spagnole e provenzali, ed alcune forse non ben intese dai Toscani moderni; che chi tutte quelle levasse, farebbe il libro molto minore. E perché, al parer mio, la consuetudine del parlar dell'altre città nobili d'Italia, dove concorrono omini savii, ingenui ed eloquenti, e che trattano cose grandi di governo dei Stati, di lettere, d'arme e negozii diversi, non deve essere del tutto sprezzata; dei vocabuli che in questi lochi parlando s'usano, estimo aver potuto ragionevolmente usar scrivendo quelli che hanno in sé grazia, ed eleganzia nella pronunzia, e son tenuti comunemente per boni e significativi, benché non siano toscani, ed ancor abbiano origine di fori d'Italia. Oltre a questo usansi in Toscana molti vocabuli chiaramente corrotti dal latino, li quali nella Lombardia e nell'altre parti d'Italia son rimasti integri e senza mutazione alcuna, e tanto universalmente s'usano per ognuno, che dalli nobili sono ammessi per boni, e dal vulgo intesi senza difficoltà. Perciò, non penso aver commesso errore, se io scrivendo ho usato alcuni di questi, e piuttosto pigliato l'intero e sincero della patria mia, che 'l corrotto e guasto della aliena. Né mi par

---

<sup>104</sup> Dopo il primo umanesimo la questione del volgare piega particolarmente a un problema della lingua e già ora verte sui termini d'un probabile classicismo. Il C. non assume alcuna posizione direttamente teorica e la sua apparente inclinazione all'anomalia rivela in fondo una noia empirica, sprezzante delle contese del tempo. Si osservi come le ragioni apportate si dimostrino finalmente incoerenti, smentite poi dalla pratica dello scrittore; e si ricordi quello che ne scrisse il Varchi nell'*Ercolano*.

de Boccaccio, as quais em seu tempo eram usadas, e agora não são usadas pelos próprios toscanos. Eu ainda não quis obrigá-me ao costume do falar toscano de hoje; porque o comércio entre as diversas nações sempre teve a força de transportar de uma a outra, quase como as mercadorias, também vocábulos novos, os quais depois duram ou desaparecem segundo são aprovados ou reprovados pelo costume. E isso, além do testemunho dos antigos, vê-se claramente em Boccaccio, no qual existem tantas palavras francesas, espanholas e provençais, e algumas talvez não bem entendidas pelos toscanos modernos, que, se alguém as tirasse, tornaria o livro muito menor. E porque, em meu parecer, o costume do falar das outras cidades nobres da Itália – nas quais se encontram homens sábios, engenhosos e eloquentes e que tratam de coisas grandes de governo dos Estados, de letras, de armas e de negócios diversos – não deve ser totalmente desprezado. Dentre vocábulos que nesses lugares são usados na fala, penso que, escrevendo, com razão pude usar aqueles que em si têm graça e elegância na pronúncia e são tidos comumente como bons e significativos, embora não sejam toscanos, e, ainda mais, tenham origem fora da Itália. Ainda mais, na Toscana são usados muitos vocábulos, provenientes do latim, claramente corrompidos, os quais na Lombardia e nas outras partes da Itália permaneceram íntegros e sem mudança, e são usados tão universalmente por todos, aceitos como nobres pelos bons, e entendidos sem dificuldade pelo vulgo. Por isso, não penso ter cometido erro se, escrevendo, usei alguns deles, e se usei mais o íntegro e sincero de minha pátria do que o corrompido e deturpado da pátria alheia. Nem me parece boa regra – como dizem alguns – ser a língua vulgar tanto mais bela quanto menos semelhante à latina. Tampouco compreendo por que a um costume de falar se deva atribuir maior autoridade do que a outro, porque, se o toscano basta para nobilitar os vocábulos latinos corrompidos e falhos e dar-lhes tanta graça que – assim mutilados –, cada um possa usá-los como bons (o que não se nega), não compreendo

bona regula quella che dicon molti che la lingua vulgar tanto è più bella, quanto è men simile alla latina; né comprendo perché ad una consuetudine di parlare si debba dar tanto maggiore autorità che all'altra, che, se la toscana basta per nobilitare i vocabuli latini corrotti e manchi, e dar loro tanta grazia che, così mutilati, ognun possa usarli per boni (il che non si nega), la lombarda o qualsivoglia altra non debba poter sostener li medesimi latini puri, integri, proprii, e non mutati in parte alcuna, tanto che siano tollerabili. E veramente, sì come il voler formar vocabuli novi o mantenere gli antichi in dispetto della consuetudine, dir si po temeraria presunzione: così il voler contra la forza della medesima consuetudine distruggere e quasi sepelir vivi quelli che durano già molti secoli, e col scudo della usanza si son difesi dalla invidia del tempo, ed han conservato la dignità e 'l splendor loro, quando per le guerre e ruine d'Italia si son fatte le mutazioni della lingua, delli edificii, delli abiti e costumi; oltre che sia difficile, par quasi una impietà. Perciò, se io non ho voluto scrivendo usare le parole del Boccaccio che più non s'usano in Toscana, né sottopormi alla legge di coloro che stimano che non sia licito usar quelle che non usano li Toscani d'oggi, parmi meritare escusazione. Penso adunque, e nella materia del libro e nella lingua, per quanto una lingua po aiutar l'altra, aver imitato autori tanto degni di laude quanto è il Boccaccio; né credo che mi si debba imputare per errore lo aver eletto di farmi piuttosto conoscere per Lombardo parlando lombardo che per non Toscano parlando troppo toscano: per non fare come Teofrasto, il qual, per parlare troppo ateniese, fu da una semplice yecchiarella conosciuto per non Ateniese. Ma perché circa questo nel primo Libro si parla a bastanza, non dirò altro, se non che, per rimover ogni contenzione, io confesso ai miei riprensori, non sapere questa lor lingua toscana tanto difficile e recondita; e dico aver scritto nella mia, e come io parlo, ed a coloro che parlano come parl'io: e così penso non avere fatto

também por que o lombardo, ou qualquer outro modo de falar, não possa manter os mesmos vocábulos latinos puros, íntegros, e não mudados em parte alguma, contanto que sejam toleráveis. E como querer formar vocábulos novos ou manter os antigos a despeito do costume pode ser tido como presunção temerária, do mesmo modo querer, contra a força do mesmo costume, destruir e quase sepultar vivos os vocábulos que já duram há muitos séculos, e que com o escudo do uso se defenderam da inveja do tempo, e conservaram sua dignidade e seu esplendor – quando, pelas guerras e ruínas da Itália foram feitas mudanças na língua, nos edifícios, nos hábitos e nos costumes – além de ser difícil, parece quase uma impiedade. Por isso, se, ao escrever, eu não quis usar as palavras de Boccaccio que não são mais usadas na Toscana, nem sujeitar-me à lei daqueles que julgam não ser lícito usar aquelas que não se usam na Toscana hoje, parece-me merecer desculpas. Penso, portanto, que tanto na matéria do livro como na língua – enquanto uma língua pode ajudar outra – ter imitado autores tão dignos de louvor quanto Boccaccio. Não creio que se deva imputar-me erro por ter preferido fazer-me conhecer antes como lombardo falando lombardo do que como não toscano falando demasiadamente toscano; para não fazer como Teofrasto, o qual, por falar demasiadamente ateniense, foi reconhecido por uma simples velhinha como não ateniense. Mas porque, a respeito disso, no primeiro livro se fala bastante, não direi outra coisa, a não ser que, para afastar toda contenda, confesso aos meus críticos não saber essa língua deles, a toscana, tão difícil e arcana; e digo ter escrito na minha língua e como eu falo, e para aqueles que falam como eu falo. Assim, penso não ter feito injúria a ninguém, pois, a meu ver, não é proibido a ninguém escrever e falar em sua própria língua; tampouco ninguém é obrigado a ler ou ouvir o que não lhe agrada. Por isso, se esses tais não quiserem ler o meu *Cortesão*, não me considerarei, de forma alguma, injuriado por eles.



ingiuria ad alcuno: ché, secondo me, non è proibito a chi si sia scrivere e parlare nella sua propria lingua: né meno alcuno è astretto a leggere o ascoltare quello che non gli aggrada. Perciò, se essi non vorran leggere il mio *Cortegiano*, non mi tenerò io punto da loro ingiuriato.

III. Altri dicono, che essendo tanto difficile e quasi impossibile trovar un omo così perfetto come io voglio che sia il Cortegiano, è stato superfluo il scriverlo; perché vana cosa è insegnar quello che imparar non si po. A questi rispondo, che mi contenterò aver errato con Platone, Senofonte e Marco Tullio lassando il disputare del mondo intelligibile e delle Idee; tra le quali, sì come (secondo quella opinione) è la Idea della perfetta Repubblica, e del perfetto Re, e del perfetto Oratore, così è ancora quella del perfetto Cortegiano: alla imagine della quale s'io non ho potuto approssimarmi col stile, tanto minor fatica averanno i cortegiani d'approssimarsi con l'opere al termine e meta, ch'io col scrivere ho loro proposto; e se, con tutto questo, non potran conseguir quella perfezion, qual che ella si sia, ch'io mi sono sforzato d'esprimere, colui che più se le avvicinerà sarà il più perfetto; come di molti arcieri che tirano ad un bersaglio quando niuno è che dia nella brocca,<sup>105</sup> quello che più se le accosta senza dubbio è miglior degli altri. Alcuni ancor dicono, ch'io ho creduto formar me stesso, persuadendomi che le condizioni ch'io al Cortegiano attribuisco, tutte siano in me. A questi tali non voglio già negar di non aver tentato tutto quello ch'io vorrei che sapesse il Cortegiano; e penso che chi non avesse avuto qualche notizia delle cose che nel libro si trattano, per erudito che fusse stato, mal averebbe potuto scriverle : ma io non son tanto privo di giudizio in conoscere me stesso, che mi presuma saper tutto quello che so desiderare.

<sup>105</sup> Più esattamente *brocco*, segno, bersaglio: da cui imbroggiare.

III. Outros dizem que, sendo tão difícil e quase impossível encontrar um homem tão perfeito como eu quero que seja o *Cortegiano*, foi supérfluo escrevê-lo, porque é coisa vã ensinar o que não se pode aprender. A eles respondo que me contentarei de ter errado junto com Platão, Xenofonte e Marco Túlio, deixando o disputar sobre o mundo inteligível e das Ideias, entre as quais, como (segundo aquela opinião) está a ideia da república perfeita, e do rei perfeito, e do orador perfeito, e, ainda, a do *Cortesão* perfeito. Ideia essa de cuja imagem, se eu não pude aproximar-me pelo estilo, menor esforço terão de fazer os cortesãos para se aproximarem com suas obras do termo e da meta que eu lhes propus, em função da forma como escrevi. E se, com tudo isso, não puderem conseguir aquela perfeição que eu me esforcei para exprimir, seja ela qual for, aquele que mais se aproximar será o mais perfeito, como quando muitos arqueiros atiram em um alvo, se nenhum acerta na mosca,<sup>23</sup> aquele que mais se aproxima dela é, sem dúvida, melhor do que os outros. Alguns ainda dizem que eu pensei em representar a mim mesmo, persuadindo-me de que as condições que atribuo ao *Cortesão* estão todas em mim. A estes não quero negar ter tentado tudo o que eu queria que o *Cortesão* soubesse. Penso, aliás, que quem não tiver algum conhecimento das coisas que são tratadas no livro, por mais erudito que seja, não poderá escrevê-las. Por outro lado, não sou tão desprovido de capacidade para conhecer a mim mesmo que presumo saber tudo o que sei desejar.

Portanto, a defesa dessas acusações, e talvez de muitas outras, eu as remeto por ora ao parecer da opinião comum. O mais das vezes, a multidão, ainda que não tenha um conhecimento perfeito de certas coisas, sente por instinto da natureza certo odor do bem ou do mal e, sem saber dar uma explicação disso, aprecia e ama uma, e rejeita e odeia outra. Por isso, se o livro

---

<sup>23</sup> [N.d.T.] Mais exatamente *brocco*, sinal, alvo; do qual *imbroccare*.

La difesa adunque di queste accusazioni, e forse di molt'altre, rimetto io per ora al parere della commune opinione; perché il più delle volte la moltitudine, ancor che perfettamente non conosca, sente però per istinto di natura un certo odore del bene e del male, e, senza saperne rendere altra ragione, l'uno gusta ed ama, e l'altro rifiuta ed odia. Perciò, se universalmente il libro piacerà, terrollo per bono, e penserò che debba vivere; se ancor non piacerà, terrollo per malo, e tosto crederò che se n'abbia da perder la memoria. E se pur i miei accusatori di questo commun giudicio non restano satisfatti, contèntinsi almeno di quello del tempo; il quale d'ogni cosa al fin scopre gli occulti difetti, e, per esser padre della verità e giudice senza passione, sol dare sempre della vita o morte delle scritture giusta sentenza.



agradar universalmente, hei de considerá-lo bom, e pensarei que deva viver; se não agradar, hei de considerá-lo ruim, e logo pensarei que sua memória se deva perder. E, se, contudo, meus acusadores com esse julgamento comum não ficarem satisfeitos, contentem-se ao menos com o do tempo, o qual de todas as coisas descobre por fim os defeitos ocultos e, por ser senhor da verdade e juiz sem paixão, costuma dar sempre de vida ou morte dos textos justa sentença.

*Tradução: Professora Patrizia Collina Bastianetto  
(UFMG)*

*Revisão: Professor Sergio Romanelli  
(DLLE/PGET-UFSC)*

*Professor Benôni Lemos*



## Il Primo Libro del Cortegiano

XXVIII. Allora il signor Magnifico, Questo ancor, disse, si verifica nella musica, nella quale è vizio grandissimo far due consonanze perfette l'una dopo l'altra; tal che il medesimo sentimento dell'audito nostro l'abborrisce, e spesso ama una seconda o settima, che in sé è dissonanza aspera ed intollerabile: e ciò procede, che quel continuare nelle perfette genera sazietà, e dimostra una troppo affettata armonia; il che, mescolando le imperfette, si fugge, col far quasi un paragone, donde più le orecchie nostre stanno suspese, e più avidamente attendono e gustano le perfette, e dilettonsi talor di quella dissonanza della seconda o settima, come di cosa sprezzata. — Eccovi adunque, rispose il Conte, che in questo nõce l'affettazione, come nell'altre cose. Dicesi ancor esser stato proverbio presso ad alcuni eccellentissimi pittori antichi, troppo diligenza esser nociva, ed esser stato biasmato Protogene da Apelle, che non sapea levar le mani dalla tavola. — Disse allor messer Cesare: Questo medesimo difetto parmi che abbia il nostro fra Serafino, di non saper levar le mani dalla tavola, almen fin che in tutto non ne sono levate ancora le vivande. — Rise il Conte, e , soggiunse: Voleva dire Apelle, che Protogene nella pittura non conosceva quel che bastava; il che non era altro, che riprenderlo d'essere affettato nelle opere sue. Questa virtù adunque contraria alla affettazione, la qual noi per ora chiamiamo sprezzatura, oltre che ella sia il vero fonte donde deriva la grazia, porta ancor seco un altro ornamento, il quale accompagnando qualsivoglia azione umana per minima che ella sia, non solamente subito scopre il saper di chi la fa, ma spesso lo fa estimar molto maggior di quello che è in effetto; perché nelli animi delli circostanti imprime opinione, che chi così facilmente fa bene sappia molto più di quello che

## Do Primeiro Livro do Cortesão<sup>24</sup>

XXVIII. Então disse o senhor Magnífico: “Isso se verifica na música, na qual é vício grandíssimo pôr duas consonâncias perfeitas, uma depois da outra, de modo que o próprio sentimento de nosso ouvido a detesta, e, muitas vezes, aprecia uma segunda ou sétima, o que em si é dissonância áspera e intolerável; e isso procede porque aquele continuar de notas perfeitas gera saciedade e mostra uma harmonia muito afetada, o que, misturando-se às imperfeitas, evita-se, fazendo-se quase uma comparação, porque quanto mais suspensos estão nossos ouvidos tanto mais avidamente atendem e apreciam as perfeitas e se alegram às vezes daquela dissonância da segunda ou da sétima, como se fosse coisa displicente. – “Eis, pois,” respondeu o Conde, “[...] que nisso a afetação prejudica como nas outras coisas. Diz-se, ainda, ter sido provérbio entre alguns excelentíssimos pintores antigos, muita diligência ser nociva, e ter sido Protógenes censurado por Apeles porque não sabia levantar as mãos da mesa.” – Disse então o senhor Cesare: “Parece-me que frei Serafino tem esse mesmo defeito, de não saber levantar as mãos da mesa, ao menos enquanto as iguarias ainda não foram totalmente retiradas.” O Conde riu e acrescentou: – “Apeles queria dizer que Protógenes não conhecia na pintura o que bastava, o que não era senão repreendê-lo por ser afetado em suas obras. Essa virtude, portanto, contrária à afetação, a qual nós por ora chamamos de displicência, além de ser ela a verdadeira fonte da qual procede a graça, traz ainda consigo outro ornamento. Este, acompanhando qualquer ação humana por mínima que seja, não só descobre logo o saber de seu autor, mas também faz com que seja considerado muito

---

<sup>24</sup> Fonte da tradução: CASTIGLIONE, Baldassar. *Il Cortegiano* (A Cura di Mario Luzi). Cernusco sul Naviglio: Garzanti, 1945.

fa, e se in quello che fa ponesse studio e fatica, potesse farlo molto meglio. E, per replicare i medesimi esempi, eccovi che un uom che maneggi l'arme, se per lanciar un dardo, ovver tenendo la spada in mano o altr'arma, si pon senza pensar scioltamente in una attitudine pronta, con tal facilità che paia che il corpo e tutte le membra stiano in quella disposizione naturalmente e senza fatica alcuna, ancora che non faccia altro, ad ognuno si dimostra esser perfettissimo in quello esercizio. Medesimamente nel danzare, un passo solo, un sol movimento della persona grazioso e non sforzato, subito manifesta il saper di chi danza. Un musico, se nel cantar pronuncia una sola voce terminata con suave accento in un groppetto duplicato con tal facilità che paia che così gli venga fatto a caso, con quel punto solo fa conoscere che sa molto di più di quello che fa. Spesso ancor nella pittura una linea sola non stentata, un sol colpo di pennello tirato facilmente, di modo che paia che la mano, senza esser guidata da studio o arte alcuna, vada per sé stessa al suo termine secondo la intenzion del pittore, scopre chiaramente la eccellenza dell'artefice, circa la opinion della quale ognuno poi si estende secondo il suo giudicio; e 'l medesimo interviene quasi d'ogni altra cosa. Sarà adunque il nostro Cortegiano estimado eccellente, ed in ogni cosa averà grazia, massimamente nel parlare, se fuggirà l'affettazione: nel qual errore incorrono molti, e talor più che gli altri, alcuni nostri Lombardi; i quali se sono stati un anno for di casa, ritornati subito cominciano a parlare romano, talor spagnolo o franzese, e Dio sa come; e tutto questo procede da troppo desiderio di mostrar di saper assai: ed in tal modo l'omo mette studio e diligenza in acquistar un vizio odiosissimo. E certo, a me sarebbe non piccola fatica, se in questi nostri ragionamenti io volessi usar quelle parole antiche toscane, che già sono dalla consuetudine dei Toscani d'oggi di rifiutate; e con tutto questo credo che ognun di me riderà.

maior do que ele realmente é, porque imprime nos espíritos dos circunstantes a opinião de que quem tão facilmente faz bem sabe muito mais do que aquilo que faz, e se naquilo que faz pusesse estudo e empenho, poderia fazê-lo muito melhor. E para repetir os mesmos exemplos, eis que um homem que maneja as armas, se para lançar um dardo, ou tendo na mão uma espada ou outra arma, põe-se desenvoltamente, sem pensar, numa atitude pronta, com tal facilidade que pareça que o corpo e todos os membros estejam naquela disposição naturalmente e sem nenhuma fadiga, ainda que não faça outra coisa, mostra a todos ser perfeitíssimo naquele exercício. Do mesmo modo, no dançar, um só passo, um só movimento gracioso e não forçado da pessoa manifesta logo o saber de quem dança. Um músico, se no cantar pronuncia uma só palavra terminada com suave acento em um grupeto duplicado, com tal facilidade que parece que assim faz por acaso, somente com isso faz pensar que sabe muito mais do que aquilo que faz. Muitas vezes, ainda na pintura, uma linha só, não forçada, uma única pincelada feita com facilidade, de modo que pareça que a mão, sem ser guiada por preparação ou alguma arte, vai por si mesma ao seu termo, segundo a intenção do pintor, revela claramente a excelência do artesão, cuja avaliação depois cada um fará segundo seu parecer; e o mesmo se dá com quase todas as outras coisas. Será, portanto, nosso *Cortegiano* considerado excelente e em todas as coisas terá graça, principalmente no falar, se fugir da afetação, erro no qual incorrem muitos, e, às vezes, mais do que os outros alguns de nossos lombardos, os quais se passaram um ano fora de casa, assim que retornam logo começam a falar romano, espanhol ou francês, e sabe Deus como; e tudo isso procede do grande desejo de mostrar muito saber. E desse modo, o homem emprega esforço e diligência para adquirir um vício odiosíssimo. E certamente seria fadiga não pequena se nesses nossos raciocínios eu quisesse usar as palavras toscanas antigas, que já são rejeitadas pelo costume dos toscanos de hoje; e com tudo isso creio que cada um riria de mim”.



XXIX. Allor messer Federico, Veramente, disse, ragionando tra noi, come or facciamo, forse sarìa male usar quelle parole antiche toscane; perché, come voi dite, dariano fatica a chi le dicesse ed a chi le udisse, e non senza difficoltà sarebbono da molti intese. Ma chi scrivesse, crederei ben io che facesse errore non usandole, perché danno molta grazia ed autorità alle scritture, e da esse risulta una lingua più grave e piena di maestà che dalle moderne. — Non so, rispose il Conte, che grazia o autorità posson dar alle scritture quelle parole che si deono fuggire, non solamente nel modo del parlare, come or noi facciamo (il che voi stesso confessate), ma ancor in ogni altro che imaginar si possa. Ché se a qualsivoglia omo di bon giudicio occorresse far una orazione di cose gravi nel Senato proprio di Fiorenza, che è il capo di Toscana, overo parlar privatamente con persona di grado in quella città di negozii importanti, o ancor con chi fusse dimesticchissimo di cose piacevoli, con donne o cavalieri d'amore, o burlando o scherzando in feste, giochi, e dove si sia, o in qualsivoglia tempo, loco o proposito, son certo che si guarderebbe d'usar quelle parole antiche toscane; ed usandole, oltre al far beffe di sé, darebbe non poco fastidio a ciascun che lo ascoltasse. Parmi adunque molto strana cosa usare nello scrivere per bone quelle parole, che si fuggono per viziose in ogni sorte di parlare: e voler che quello che mai non si conviene nel parlare, sia il più conveniente modo che usar si possa nello scrivere. Ché pur, secondo me, la scrittura non è altro che una forma di parlare, che resta ancor poi che l'omo ha parlato, e quasi una imagine o più presto vita delle parole : e però nel parlare, il qual, subito uscita che è la voce, si disperde, son forse tollerabili alcune cose che non sono nello scrivere; perché la scrittura conserva le parole, e le sottopone al giudicio di chi legge, e dà tempo di considerarle maturamente. E perciò è ragionevole che in questa si metta maggior diligenza, per farla più culta e castigata; non però di modo, che le parole

XXIX. Então o senhor Federico disse: “Verdadeiramente, raciocinando entre nós, como agora fazemos, talvez fosse mal usar as palavras toscanas antigas, porque, como dizeis, causariam fadiga a quem as dissesse e a quem as ouvisse, e por muitos não sem dificuldade seriam entendidas. Mas quem escrevesse, creia eu, que cometeria erro não as usando, porque dão muita graça e autoridade à escrita, e por elas a língua se torna mais grave e cheia de majestade do que pelas modernas”. – “Não sei” – respondeu o Conde – “[...] que graça ou autoridade possam dar aos escritos as palavras que devem ser evitadas não somente no modo de falar, como agora fazemos (o que vós mesmo confessais), mas também em qualquer outro que se possa imaginar. Porque se a algum homem de bom juízo ocorresse fazer um discurso sobre coisas graves no Senado de Florença, que é a capital da Toscana, ou falar em particular com pessoa notável naquela cidade sobre negócios importantes, ou ainda, com quem fosse muito familiarizado com coisas agradáveis, com damas ou cavalheiros de amor, ou motejando ou brincando em festas, jogos e onde quer que seja, em qualquer tempo, lugar ou propósito, estou certo de que se guardaria de usar as palavras toscanas antigas, e usando-as, além de provocar zombarias, daria não pouco desagrado a cada um que o ouvisse. Por isso parece-me muito estranho usar na escrita como sendo boas aquelas palavras que são evitadas como viciosas em toda sorte de falar, e pretender que o que nunca é adequado ao falar seja o modo mais conveniente que se possa usar ao escrever. Porque, também em meu parecer, a escrita não é senão uma forma de falar, que permanece ainda depois que a pessoa falou e quase uma imagem ou, antes, a vida das palavras. Mas no falar, o qual, logo que a voz sai, se dispersa, talvez sejam toleráveis algumas coisas que não o são no escrever, porque a escrita conserva as palavras, e as submete ao juízo de quem lê e dá tempo para se considerá-las maduramente. Por isso é razoável que nesta se ponha maior diligência, a fim de torná-la mais culta e castiça; não, porém, de modo que as palavras escritas sejam



scritte siano dissimili dalle dette, ma che nello scrivere si eleggano delle più belle che s'usano nel parlare. E se nello scrivere fusse licito quello che non è licito nel parlare, ne nascerebbe un inconveniente al parer mio grandissimo: che è, che più licenzia usar si poria in quella cosa nella qual si dee usar più studio; e la industria che si mette nello scrivere, in loco di giovar, nocerebbe. Però certo è, che quello che si conviene nello scrivere, si convien ancor nel parlare; e quel parlare è bellissimo, che è simile ai scritti belli. Estimo ancora, che molto più sia necessario l'esser inteso nello scrivere, che nel parlare; perché quelli che scrivono non son sempre presenti a quelli che leggono come quelli che parlano a quelli che parlano. Però io lauderei che l'omo, oltre al fuggir molte parole antiche toscane, s'assicurasse ancor d'usare, e scrivendo e parlando, quelle che oggidì sono in consuetudine in Toscana e negli altri lochi della Italia, che hanno qualche grazia nella pronuncia. E parmi che chi s'impone altra legge, non sia ben sicuro di non incorrere in quella affettazione tanto biasimata, della qual dianzi dicevamo.<sup>106</sup>

XXX. Allora messer Federico, Signor Conte, disse, io non posso negarvi che la scrittura non sia un modo di parlare.

Dico ben, che se le parole che si dicono hanno in sé qualche oscurità, quel ragionamento non penetra nell'animo di chi ode, e passando senza essere inteso, diventa vano: il che non interviene nello scrivere; ché se le parole che usa il scrittore portan seco un poco, non dirò di difficoltà, ma d'acutezza recondita, e non così nota come quelle che si dicono parlando ordinariamente, danno una certa maggior autorità alla scrittura, e fanno che 'l lettore va più ritenuto e sopra di sé, e meglio considera, e si diletta dello ingegno e dottrina di chi scrive; e col bon giudicio affaticandosi un poco, gusta quel piacere che s'ha nel conseguir le



---

<sup>106</sup> Cfr. le idee espresse nella dedicatoria al De Silva.

dessemelhantes das ditas, mas que no escrever sejam escolhidas as mais belas que se usam no falar. E se no escrever fosse lícito o que não é lícito no falar, nasceria um inconveniente, em meu parecer, grandíssimo: que é que se usaria mais licença naquela coisa na qual se deve dar mais atenção; e a indústria que se põe no escrever, em vez de ajudar, prejudicaria. Porém, é certo que o que convém no escrever, convém também no falar; e é bellissimo o falar que é semelhante aos belos escritos. Penso ainda que seja muito mais necessário ser entendido no escrever do que no falar; porque, aqueles que escrevem nem sempre estão presentes para quem lê como aqueles que falam para quem ouve. Mas eu louvaria o homem que, além de evitar muitas palavras toscanas antigas, tratasse ainda de usar, tanto escrevendo como falando, as que hoje estão em costume na Toscana e nos outros lugares da Itália, e que têm alguma graça na pronúncia. E me parece que quem se impõe outra lei não está bem seguro de não incorrer naquela afetação tão censurada, da qual falávamos antes.<sup>25</sup>

XXX. Disse então dom Federico:

Senhor Conde, eu não posso negar-vos que a escrita seja um modo de falar. Digo bem que, se as palavras que se dizem têm em si alguma obscuridade, aquele raciocínio não penetra no ânimo de quem ouve, e passando sem ser entendido, torna-se vão, o que não acontece no escrever; porque se as palavras que o escritor usa trazem consigo um pouco – não direi de dificuldade – mas de agudeza recôndita, e não tão conhecida como as que se dizem falando normalmente, elas dão uma autoridade maior à escrita, e fazem com que o leitor seja mais contido e atento, e que melhor avalie e se deleite com o engenho e a doutrina de quem escreve; e que, além disso, com o bom discernimento, afadigando-se um pouco, aprecie aquele prazer que se tem ao se conseguirem as coisas difíceis. E se a ignorância



---

<sup>25</sup> [N.d.T.] Cfe. as ideias expressas na *dedicatoria* de Silva.

cose difficili. E se la ignoranza di chi legge è tanta, che non possa superar quelle difficoltà, non è la colpa dello scrittore, né per questo si dee stimar che quella lingua non sia bella. Però, nello scrivere credo io che si convenga usar le parole toscane, solamente usate dagli antichi Toscani; perché quello è gran testimonio ed approvato dal tempo che sian bone, e significative di quello perché si dicono; ed oltra questo, hanno quella grazia e venerazion che l'antiquità presta non solamente alle parole, ma agli edifici, alle statue, alle pitture, e ad ogni cosa che è bastante a conservarlo; e spesso solamente con quel splendore e dignità, fanno la elocuzion bella, dalla virtù della quale ed eleganzia ogni subietto, per basso che egli sia, po esser tanto adornato, che merita stimma laude.<sup>107</sup> Ma questa vostra consuetudine, di cui voi fate tanto caso, a me par molto pericolosa, e spesso po esser mala; e se qualche vizio di parlar si ritrova esser invalso in molti ignoranti, non per questo parmi che si debba pigliar per una regola, ed esser dagli altri seguitato. Oltre a questo, le consuetudini sono molto varie, né è città nobile in Italia che non abbia diversa maniera di parlar da tutte l'altre. Però non vi restringendo voi a dichiarir qual sia la migliore, potrebbe l'omo attaccarsi alla bergamasca così come alla fiorentina, e secondo voi non sarebbe error alcuno. Parmi adunque, che a chi vuol fuggir ogni dubio ed esser ben sicuro, sia necessario proporsi ad imitar uno, il quale di consentimento di tutti sia estimado bono, ed averlo sempre per guida e scudo contra chi volesse riprendere: e questo (nel volgar dico) non penso che abbia da esser altro che il Petrarca e 'l Boccaccio; e chi da questi dui si discosta, va tentoni, come chi cammina per le tenebre senza lume, e però spesso erra

---

<sup>107</sup> Nell'obiettare la tesi del Bembo (*Prosa della Volgare lingua*, Lib. I), rivela la singolare formazione retorica ciceroniana di questo umanesimo. Si ripropongono qui come semplici elementi di decoro, quelle istituzioni retoriche (quella dell'oscurità ad es.) che avevano subito già essenziali traslati. Marsilio nei *Commentaria* aveva sostenuto che la poesia per sua stessa natura è piena d'enigmi e la misteriosa e simbolica esistenza della *forma* era stata affermata da tutto il platonismo, fino dallo *stilmovo*.

de quem lê é tanta que não possa superar aquelas dificuldades, não é culpa do escritor, e nem por isso se deve pensar que aquela língua não seja bela. Porém, quando se escreve, creio eu que convenha usar as palavras toscanas, mas somente as empregadas pelos antigos toscanos, porque constituem um testemunho grande e aprovado pelo tempo de que são boas e significativas daquilo pelo que são ditas; e, além disso, elas possuem aquela graça e veneração que a antiguidade presta não somente às palavras, mas também aos edifícios, às estátuas, às pinturas e a toda coisa que é capaz de conservar referido testemunho. E muitas vezes somente com esse esplendor e dignidade fazem a elocução bela, por cuja virtude e elegância todo assunto, por mais baixo que seja, pode ser tão ornado do que mereça sumo louvor.<sup>26</sup> Mas esse vosso costume, do qual fazeis tanto caso, parece-me muito perigoso, e muitas vezes pode ser mau; e se algum vício do falar se difundiu entre muitos ignorantes, nem por isso, parece-me que se deva tomá-lo por regra e ser seguido pelos outros. Além disso, os costumes são muito diferentes, nem existe cidade nobre na Itália que não tenha modo de falar diferente de todas as demais. Mas não vos decidindo a declarar qual é a melhor, poderia alguém eleger tanto a bergamasca quanto a florentina, e, segundo vós, isso não seria errado. Parece-me, portanto, que a quem quiser evitar toda dúvida e estar bem seguro seja necessário propor a imitação de alguém que, pela aprovação de todos, seja considerado bom e tê-lo sempre por guia e escudo contra quem quisesse repreender, e esse alguém (falo da língua vulgar) não penso que devam ser outros senão Petrarca e

---

<sup>26</sup> [N. do T.] No objeto da tese de Bembo (*Prosa della Volgare lingua*, Lib. I) revela a singular formação retórica ciceroniana desse humanismo. São repropostas aqui, como simples elementos de dignidade, aquelas instituições retóricas (como a da obscuridade) que já tinham sofrido essenciais traslados. Marsílio, nos *Commentaria*, tinha sustentado que a poesia, por sua própria natureza, é cheia de enigmas, e que a misteriosa e simbólica existência da *forma* tinha sido afirmada por todo o platonismo, até pelo *stilnovo*.

la strada. Ma noi altri siamo tanto arditi, che non degnamo di far quello che hanno fatto i boni antichi; cioè attendere alla imitazione, senza la quale estimo io che non si possa scriver bene. E gran testimonio di questo parmi che ci dimostri Virgilio; il quale, benché con quello ingegno e giudizio tanto divino togliesse la speranza a tutti i posterì che alcun mai potesse ben imitar lui, volse però imitar Omero.

XXXI. Allor il signor Gaspar Pallavicino,

Questa disputazion, disse, dello scrivere, in vero è ben degna d'esser udità: nientedimeno, più farebbe al proposito nostro, se voi c'insegnaste di che modo debba parlare il Cortegiano, perché parmi che n'abbia maggior bisogno, e più spesso gli occorra il servirsi del parlare che dello scrivere.

Rispose il Magnifico:

Anzi a Cortegiano tanto eccellente e così perfetto, non è dubio che l'uno e l'altro è necessario a sapere, e che senza queste due condizioni forse tutte l'altre sariano non molto degne di laude: però, se il Conte vorrà soddisfare al debito suo, insegnerà al Cortegiano non solamente il parlare, ma ancor il scriver bene.

Allor il Conte, Signor Magnifico, disse, questa impresa non accettarò io già:

ché gran sciocchezza saria la mia voler insegnare ad altri quello che io non so; e, quando ancor lo sapessi, pensar di poter fare in così poche parole quello, che con tanto studio e fatica hanno fatto appena omini dottissimi; ai scritti de' quali rimetterei il nostro Cortegiano, se pur fussi obligato d'insegnargli a scrivere e parlare.

Boccaccio; e que quem se afasta desses dois, vai às apalpadelas como quem caminha no escuro e sem luz, e, por isso, muitas vezes erra o caminho. Mas nós somos tão ousados que não nos dignamos fazer o que fizeram os bons antigos, isto é, praticar a imitação, sem a qual julgo que não se possa escrever bem. E grande testemunho disso parece-me que nos mostra Virgílio, o qual, embora com aquele engenho e discernimento tão divinos, tolhesse os pósteros da esperança de que algum pudesse vir um dia imitá-lo bem, quis imitar Homero.

XXXI. Então disse o senhor Gaspar Pallavicino:

Esta discussão sobre o escrever é na verdade bem digna de ser ouvida; não obstante, seria melhor para o nosso propósito, se vós nos ensinásseis de que modo deve falar o cortesão, porque parece que ele tem maior necessidade e que, muitas vezes, lhe é necessário mais falar do que escrever.

Respondeu o Magnífico:

Ao contrário, o cortesão tão excelente e tão perfeito, não há dúvida de que seja necessário saber um e outro, e que sem essas duas condições, talvez todas as outras não sejam muito dignas de louvor. Porém, se o Conde quiser fazer sua parte, ensinará ao cortesão não somente o falar bem, mas também o escrever bem.

Então disse o Conde:

Senhor Magnífico, esse encargo não o aceitarei agora, porque seria grande tolice minha querer ensinar a outros o que não sei, e, mesmo que eu o soubesse, pensar que pudesse fazer com tão poucas palavras o que, com tanto esforço e fadiga, fizeram somente homens doutíssimos, a cujos escritos eu remeteria o nosso cortesão, se, por acaso, eu fosse obrigado a



Disse messer Cesare:

Il signor Magnifico intende del parlare e scriver volgare, e non latino; però quelle scritture degli omini dotti non sono al proposito nostro: ma bisogna che voi diciate circa questo ciò che ne sapete, ché del resto v'averemo per escusato.

Io già l'ho detto, rispose il Conte:

ma, parlandosi della lingua toscana, forse più saria debito del signor Magnifico che d'alcun altro il darne la sentenza.

Disse il Magnifico:

Io non posso né debbo ragionevolmente contraddir a chi dice che la lingua toscana sia più bella dell'altre, È ben vero che molte parole si ritrovano nel Petrarca e nel Boccaccio, che or son interlassate dalla consuetudine d'oggi; e queste io, per me, non userei mai, né parlando né scrivendo; e credo che essi ancor, se insin a qui vivuti fussero, non le userebbono più.

Disse allor messer Federico:

Ansi le userebbono; e voi altri signori Toscani dovrete rinovar la vostra lingua, e non lassarla perire, come fate: ché ormai si po dire che minor notizia se n'abbia in Fiorenza, che in molti altri lochi della Italia.

Rispose allor messer Bernardo:

Queste parole che non s'usano più in Fiorenza, sono restate ne' contadini, e, come corrotte e guaste dalla vecchiezza, sono dai nobili rifiutate.

ensinar-lhe a escrever e falar.

Disse o senhor Cesare: “O senhor Magnífico entende o falar e o escrever vulgar, e não o latim. Mas os escritos dos homens doutos não servem para o nosso propósito; por isso é necessário que digais a esse respeito o que sabeis, porque do restante sereis dispensado [...]” – “Eu já disse [...]”, respondeu o Conde, “[...] mas, falando-se da língua toscana, dar a sentença sobre isso talvez seja mais da competência do senhor Magnífico do que de algum outro.” –

Disse o Magnífico:

Eu não posso nem devo razoavelmente contradizer quem diz que a língua toscana é mais bela do que as outras. É bem verdade que em Petrarca e em Boccaccio há muitas palavras que agora são omitidas pelo costume de hoje. E estas, eu, por mim, não usaria nunca, nem falando nem escrevendo; e creio que nem eles, se ainda estivessem vivos, as usariam mais.

Disse então Dom Federico: “Ao contrário, eles as usariam; e vós, toscanos, deveríeis renovar vossa língua e não deixá-la perecer, como fazeis; porque agora se pode dizer que menor conhecimento se tem dela em Florença do que em muitos outros lugares da Itália.” – Respondeu então o senhor Bernardo: “Essas palavras que não são mais usadas em Florença permaneceram entre os camponeses, e, visto que corrompidas e gastas pela antiguidade, são rejeitadas pelos nobres.”

XXXII. Disse, então, a senhora Duquesa: “Não nos afastemos do propósito inicial, e façamos que o conde Ludovico ensine ao cortesão o falar e o escrever bem, e que seja o toscano ou outro, como ele quiser.”

Respondeu o conde: “Eu já disse, senhora, o que sei, e julgo que as mesmas regras que servem para ensinar a um servem para ensinar também a outro. Mas uma vez que a mim o mandais, responderei o que me ocorre a dom Federico, o qual tem parecer



XXXII. Allora la signora Duchessa, Non usciam, disse, dal primo proposito, e facciam che 'l conte Ludovico insegni al Cortegiano il parlare e scriver bene, e sia o toscano o come si voglia. — Rispose il Conte: Io già, Signora, ho detto quello che ne so; e tengo che le medesime regole che servono ad insegnar l'uno, servano ancor ad insegnar l'altro. Ma poiché mel comandate, risponderò quello che m'occorre a messer Federico, il quale ha diverso parer dal mio; e forse mi bisognerà ragionar un poco più diffusamente che non si conviene: ma questo sarà quanto io posso dire. E primamente dico, che, secondo il mio giudizio, questa nostra lingua, che noi chiamiamo vulgare, è ancora tenera e nova, benché già gran tempo si costumi; perché, per essere stata la Italia non solamente vessata e depredata, ma lungamente abitata da' Barbari, per lo commercio di quelle nazioni la lingua latina s'è corrotta e guasta, e da quella corruzione son nate altre lingue; le quali, come i fiumi che dalla cima dell'Appennino fanno divorzio e scorrono nei dui mari, così si son esse ancor divise, ed acune tinte di latinità pervenute per diversi cammini qual ad una parte e quale ad altra, ed una tinta di barbarie rimasta in Italia. Questa adunque è stata tra noi lungamente incomposta e varia, per non aver avuto chi le abbia posto cura, né in essa scritto, né cercato di darle splendor o grazia alcuna: pur è poi stata alquanto più culta in Toscana, che negli altri lochi della Italia; e per questo par che 'l suo fiore insino da que' primi tempi qui sia rimaso, per aver servato quella nazione gentil accenti nella pronunzia, ed ordine grammaticale in quello che si convien, più che l'altre; ed aver avuti tre nobili scrittori, i quali ingeniosamente, e con quelle parole e termini che usava la consuetudine de' loro tempi, hanno espresso i lor concetti: il che più felicemente che agli altri, al parer mio, è successo al Petrarca nelle cose amorse. Nascendo poi di tempo in tempo, non solamente in Toscana ma in tutta la Italia, tra gli omini nobili e versati nelle corti e nell'arme e nelle lettere

diferente do meu, e talvez seja-me necessário raciocinar um pouco mais difusamente do que convém, mas isso será quanto eu posso dizer. E primeiramente digo que, em minha opinião, essa nossa língua, que nós chamamos vulgar, ainda é tenra e nova, embora seja praticada há muito tempo. Por ter sido a Itália não só oprimida e depredada, mas também longamente habitada pelos bárbaros, essa nossa língua, pelo comércio com aquelas nações se corrompeu e se deteriorou, e daquela corrupção nasceram outras línguas. Como os rios, que do alto do Apenino se separam e correm para os dois mares, também essas línguas se dividiram, e algumas, tingidas de latinidade, chegaram por diferentes caminhos uma a uma parte, outra a outra, e uma, tingida de barbárie, permaneceu na Itália. Ela foi, entre nós, longamente desordenada e variada, por não ter tido quem cuidasse dela, nem escrito nela, nem procurado dar-lhe esplendor ou graça; foi, porém, um pouco mais cultivada na Toscana do que outros lugares da Itália. Em consequência disso, parece que sua flor, desde aqueles primeiros tempos, tenha permanecido aqui por ter a Toscana conservado gentis acentos na pronúncia e na ordem gramatical no que convém mais que as outras nações. Além disso, teve ela três nobres escritores, os quais, engenhosamente e com as palavras e os termos que o costume de seu tempo usava, expressaram seus conceitos; o que, em meu parecer, sucedeu – mais felizmente do que a outro – a Petrarca nas coisas amorosas. Nascendo depois, de tempos em tempos, não só na Toscana, mas também em toda a Itália, entre os homens nobres e versados nas cortes, nas armas e nas letras, algum cuidado no falar e no escrever mais elegantemente do que se fazia naquela primeira idade tosca e inculta, quando o incêndio das calamidades nascidas dos bárbaros ainda não se tinha apagado. E muitas palavras, tanto na cidade de Florença e em toda a Toscana como também no resto da Itália, foram abandonadas e substituídas por outras, fazendo-se nisso aquela mudança que acontece em todas as coisas humanas; o que se deu também nas outras línguas. Que se aquelas primeiras escritas



qualche studio di parlare e scrivere più elegantemente, che non si faceva in quella prima età rozza ed inculta, quando lo incendio delle calamità nate da' Barbari non era ancor sedato: sionsi lassate molte parole, così nella città propria di Fiorenza ed in tutta la Toscana, come nel resto della Italia, ed in loco di quelle riprese dell'altre, e fattosi in questo quella mutazion che si fa in tutte le cose umane: il che è intervenuto sempre ancor delle altre lingue. Che se quelle prime scritture antiche latine fussero durate infino ad ora, vederemmo che altramente parlavano Evandro e Turno e gli altri latini di que' tempi, che non fecero poi gli ultimi re romani e i pimi consoli. Eccovi che i versi che cantavano i Salii a pena erano dai posterì intesi; ma essendo di quel modo dai primi institutori ordinati, non si mutavano per riverenzia della religione. Così successivamente gli oratori e i poeti andarono lassando molte parole usate dai loro antecessori; ché Antonio, Crasso, Ortensio, Cicerone fuggivano molte di quelle di Catone, e Virgilio molte d'Ennio; e così fecero gli altri che ancor che avessero riverenzia all'antiquità, non la estimavan però tanto, che volessero averle quella obbligazion che voi volete che ora le abbiam noi; anzi, dove lor pareva, la biasimavano: come Orazio, che dice che i suoi antichi aveano scioccamente laudato Plauto, e vol poter acquistare nove parole. E Cicerone in molti lochi riprende molti suoi antecessori; e per biasimare Sergio Galba, afferma che le orazioni sue aveano dell'antico; e dice che Ennio ancor sprezzò in alcune cose i suoi antecessori: di modo che, se noi vorremo imitar gli antichi, non gl'imitaremo. E Virgilio, che voi dite che imitò Omero, non lo imitò nella lingua.

134

XXXIII. Io adunque queste parole antiche, quanto per me, fuggirei sempre d'usare, eccetto però che in certi lochi, ed in questi ancor rare volte; e parmi che chi altrimenti le usa, faccia errore, non meno che chi volesse, per imitar gli antichi, nutrirsi ancora di ghiande, essendosi già trovata copia del grano. E perché voi dite che le parole antiche, solamente con

antigas latinas tivessem durado até agora, veríamos que Evandro e Turno e os outros latinos daqueles tempos falavam de outro modo, o que não fizeram depois os últimos reis romanos e os primeiros côsules. Eis que os versos que os sálíos cantavam eram entendidos com dificuldade pelos pósteros; mas tendo sido organizados daquele modo pelos primeiros instituidores, não se mudavam por respeito à religião. Assim sucessivamente os oradores e os poetas foram deixando muitas palavras usadas por seus antecessores; pois que Antônio, Crasso, Hortênsio e Cícero evitavam muitas palavras de Catão, e Virgílio, muitas de Ênio; e assim fizeram os outros, que, ainda que tivessem respeito à antiguidade, não a estimavam tanto que quisessem ter aquela obrigação que vós quereis que agora a tenhamos nós; ao contrário, onde lhes parecia, a criticavam, como Horácio, que diz que seus antigos tinham louvado tolamente Plauto e quis poder aprender palavras novas. E Cícero em muitos lugares repreende muitos de seus antecessores e, para criticar Sérgio Galba, afirma que seus escritos tinham algo de antiquado; e diz que Ênio ainda desprezou em algumas coisas seus antecessores; de modo que, se nós quisermos imitar os antigos, não os imitaremos. E Virgílio, que vós dizeis que imitou Homero, não o imitou na língua.”

XXXIII. Eu, pois, quanto a mim, evitaria sempre o uso das palavras antigas, exceto, porém, em alguns lugares, e nestes ainda raras vezes; e parece-me que quem diferentemente as usa comete erro, não menos do que quem, para imitar os antigos, ainda quisesse comer bolotas, havendo já abundância de trigo. E por que dizeis que as palavras antigas, somente por causa de seu esplendor de antiguidade, adornam tanto qualquer assunto que, por mais insignificante que ele seja, podem torná-lo digno de muito louvor, eu digo que não somente dessas palavras antigas, nem também das boas eu faço tanto caso, que julgue que devam, razoavelmente, ser apreciadas sem o suco dos belos pensamentos, porque separar os pensamentos das palavras é separar a alma do corpo, coisa que não pode ser feita sem destruição, nem de

quel splendor d'antichità, adornan tanto ogni subietto, per basso ch'egli sia, che possono farlo degno di molta laude; io dico, che non solamente di queste parole antiche, ma né ancor delle bone faccio tanto caso, ch'estimi debbano senza 'l suco delle belle sentenzie esser prezzate ragionevolmente; perché il dividere le sentenzie dalle parole è un divider l'anima dal corpo; la qual cosa né nell'uno né nell'altro senza distruzione far si po. Quello adunque che principalmente importa ed è necessario al Cortegiano per parlare e scriver bene, estimo io che sia il sapere; perché chi non sa, e nell'animo non ha cosa che meriti esser intesa, non po né dirla né scriverla. Appresso, bisogna dispor con bell'ordine quello che si ha a dire o scrivere; poi esprimerlo ben con le parole: le quali, s'io non m'inganno, debbono esser proprie, elette, splendide e ben composte, ma sopra tutto usate ancor dal populo; perché quelle medesime fanno la grandezza e pompa dell'orazione, se colui che parla ha bon giudicio e diligenza, e sa pigliar le più significative di ciò che vol dire, ed inalzarle, e come cera formandole ad arbitrio suo collocarle in tal parte e con tal ordine, che al primo aspetto mostrino e faccian conoscere la dignità e splendor suo, come tavole di pittura poste al suo bono e naturai lume. E questo così dico dello scrivere, come del parlare : al qual però si richiedono alcune cose che non son necessarie nello scrivere; come la voce bona, non troppo sottile o molle come di femina, né ancor tanto austera ed orrida che abbia del rustico, ma sonora, chiara, suave e ben composta, con la pronunzia espedita, e coi modi e gesti convenienti; li quali, al parer mio, consistono in certi movimenti di tutto 'l corpo, non affettati né violenti, ma temperati con un volto accommodato, e con un mover d'occhi che dia grazia e s'accordi con le parole, e più che si po significhi ancor coi gesti la intenzione ed affetto di colui che parla. Ma tutte queste cose sarian vane e di poco momento, se le sentenzie espresse dalle parole non fussero belle, ingeniose, acute, eleganti e gravi, secondo 'l bisogno.

uma, nem do outro. Aquilo, pois, que principalmente importa e é necessário ao cortesão para falar e escrever bem, julgo eu, que seja o saber, porque quem não sabe e não tem no ânimo coisa que mereça ser entendida não pode nem dizê-la nem escrevê-la. Depois é necessário dispor em bela ordem o que se tem a dizer ou escrever; em seguida, exprimi-lo bem com as palavras, as quais, se não me engano, devem ser apropriadas, escolhidas, esplêndidas e bem organizadas, mas, sobretudo, também usadas pelo povo; porque as mesmas fazem a grandeza e a pompa da oração, se aquele que fala tem boa apreciação e diligência e sabe escolher as mais significativas do que quer dizer, realçá-las e, como cera, moldando-as segundo seu arbítrio, colocá-las em tal lugar e em tal ordem que, à primeira vista, mostrem e façam conhecer sua dignidade e seu esplendor como pinturas colocadas sob uma luz boa e natural. E isso digo tanto do escrever como do falar, para o qual se requerem algumas coisas que não são necessárias para escrevê-lo, como a voz boa, não muito branda ou mole como de mulher, nem muito austera e horrenda que tenha algo de rústico, mas sonora, clara, suave e educada, com boa dicção e com modos e gestos convenientes, os quais, em meu parecer, consistem em certos movimentos de todo o corpo, não afetados nem violentos, mas temperados com o rosto acomodado, e com um movimento de olhos que dê graça e combine com as palavras, e que expresse com gestos a intenção e o afeto daquele que fala. Mas todas essas coisas seriam vãs e de pouca importância se os pensamentos expressos pelas palavras não fossem belos, engenhosos, agudos, elegantes e graves, segundo a necessidade.

XXXIV. “Penso” – disse então o senhor Morello – “[...] que, se esse cortesão falar com tanta elegância e gravidade, alguns dos que se encontram entre nós não o entenderão.” – “Ao contrário, por todos será entendido” – respondeu o Conde – “[...] porque a facilidade não impede a elegância. Nem desejo que ele fale sempre com gravidade, mas também de coisas agradáveis, de jogos, de gracejos e de burlas, segundo o tempo; de tudo, porém,



XXXIV. Dubito, disse allora il signor Morello, che se questo Cortegiano parlerà con tanta eleganza e gravità, fra noi si troveranno di quei che non lo intenderanno. — Anzi da ognuno sarà inteso, rispose il Conte, perché la facilità non impedisce la eleganza. Né io voglio che egli parli sempre in gravità, ma di cose piacevoli, di giochi, di motti e di burle, secondo il tempo; del tutto però sensatamente e con prontezza e copia non confusa; né mostri in parte alcuna vanità o sciocchezza puerile. E quando poi parlerà di cosa oscura o difficile, voglio che e con le parole e con le sentenzie ben distinte esplichì suttilmente la intenzion sua, ed ogni ambiguità faccia chiara e piana con un certo modo diligente senza molestia. Medesimamente, dove occorrerà, sappia parlar con dignità e veemenzia, e concitar quegli affetti che hanno in sé gli animi nostri, ed accenderli o moverli secondo il bisogno; talor con una semplicità di quel candore, che fa parer che la natura istessa parli, intenerirgli, e quasi inebbriargli di dolcezza, e con tal facilità, che chi ode estimi ch'egli ancor con pochissima fatica potrebbe conseguir quel grado, e quando ne fa la prova se gli trovi lontanissimo. Io vorrei che 'l nostro Cortegiano parlasse e scrivesse di tal maniera; e non solamente pigliasse parole splendide ed eleganti d'ogni parte d'Italia, ma ancor lauderei che talor usasse alcuni di quelli termini e franzesi e spagnoli, che già sono dalla consuetudine nostra accettati. Però a me non dispiacerebbe che, occorrendogli, dicesse *primor*<sup>108</sup>; dicesse *accertare*, *avventurare*, dicesse *ripassare una persona con ragionamento*, volendo intendere riconoscerla e trattarla per averne perfetta notizia; dicesse *un cavalier senza rimproccio*, *attilato*, *creato d'un principe*, ed altri tai termini, pur che sperasse esser inteso. Talor vorrei che pigliasse alcune parole in altra significazione che la lor propria; e, trasportandole a proposito, quasi le inserisse come rampollo d'albero in più felice

<sup>108</sup> Spagnolo come i termini e le locuzioni seguenti. Vale: eccellenza, bontà. *Accertare* (spagn. *acertar*), riuscire indovinare; *avventurare*, arrischiare; *attilato*, inappuntabile nel vestire; *creato*, allievo, protetto, (*criado*).

sensatamente e com prontidão e sem mostrar alguma vaidade ou tolice pueril. E quando falar de coisa obscura ou difícil, quero que tanto com as palavras como com os pensamentos bem distintos explique sutilmente sua intenção, e torne clara e fácil toda ambiguidade de um modo diligente e sem estranhamento. Do mesmo modo, em que for necessário, saiba falar com dignidade e veemência e estimular aqueles afetos que os nossos ânimos têm em si, e acendê-los ou movê-los segundo as necessidades. Às vezes com a simplicidade daquela candura que faz parecer que a própria natureza fale, enternecendo nossos afetos e como que inebriando-os de doçura e com tal facilidade que aquele que ouvir pense que também ele, com pouquíssimo esforço, poderia alcançar aquele nível, e, quando o fizesse, mostrasse que consegue ir muito além. Eu quereria que o nosso cortesão falasse e escrevesse dessa maneira, e que não somente usasse palavras esplêndidas e elegantes de todas as partes da Itália. Eu o louvaria se ele usasse, às vezes, alguns daqueles termos franceses e espanhóis que já são aceitos pelos nossos costumes. E não me desagradaria se, sendo necessário, dissesse *primor*;<sup>27</sup> dissesse *accertare*, *avventurare*, dissesse *ripassare una persona con ragionamento*, querendo com isso dizer reconhecê-la e frequentá-la para ter perfeito conhecimento dela; que dissesse *un cavalier senza rimproccio*, *attilato*, *creato d'un principe*, e outros termos tais, contanto que esperasse ser entendido. Às vezes, eu gostaria que ele usasse algumas palavras com outro significado, e não com o próprio, e que, transpondo-as de modo oportuno, as inserisse como galhos de árvore em tronco mais viçoso. E assim as fizesse atraentes e variadas, como para aproximar as coisas aos olhos e, segundo se diz, as fizesse quase tocar com as mãos, com agrado de quem ouve ou lê. Eu nem quereria que ele temesse formar palavras novas e novas figuras de dizer, deduzindo-as com belo modo dos latinos, como os latinos as deduziram dos gregos.

<sup>27</sup> [N.d.T.] Língua espanhola como os termos e as locuções seguintes. Vale: excelência, bondade. *Accertare* (espanhol, *acertar*), conseguir, adivinhar; *avventurare*, arriscar; *attilato*, impecável no traje; *creato*, discípulo, protegido (*criado*).

tronco, per farle più vaghe e belle, e quasi per accostar le cose al senso degli occhi proprii, e, come si dice, farle toccar con mano, con diletto di chi ode o legge. Né vorrei che temesse formarne ancor di nove, e con nove figure di dire, deducendole con bel modo dai Latini, come già i Latini le deducevano dai Greci.

XXXV. Se adunque degli omini litterati e di bono ingegno e giudicio, che oggidì tra noi si ritrovano, fussero alcuni, li quali ponessino cura di scrivere del modo che s'è detto in questa lingua cose degne d'esser lette, tosto la vederessimo culta ed abundante di termini e di belle figure, e capace che in essa si scrivesse così bene come in qualsivoglia altra; e se ella non fusse pura toscana antica, sarebbe italiana, commune, copiosa e varia, e quasi come un delizioso giardino pien di diversi fiori e frutti. Né sarebbe questa cosa nova; perché, delle quattro lingue che aveano in consuetudine i scrittori greci, eleggendo da ciascuna parole, modi e figure, come ben loro veniva, ne facevano nascere un'altra che si diceva commune, e tutte cinque poi sotto un sol nome chiamavano lingua greca; e benché la ateniese fusse elegante, pura e faconda più che l'altre, i boni scrittori che non erano di nazione Ateniesi, non la affettavano tanto, che nel modo dello scrivere, e quasi all'odore e proprietà del suo naturai parlare; non fussero conosciuti; né per questo però erano sprezzati; anzi quei che volevan parer troppo Ateniesi, ne rapportavan biasimo. Tra i scrittori latini ancor furono in prezzo a' suoi dì molti non Romani, benché in essi non si vedesse quella purità propria della lingua romana, che rare volte possono acquistar quei che sono d'altra nazione. Già non fu rifiutato Tito Livio, ancora che colui dicesse aver trovato in esso la patavinità, né Virgilio, per esser stato ripreso che non parlava romano; e, come sapete, furono ancor letti ed estimati in Roma molti scrittori di nazione barbari. Ma noi, molto più se veri che gli antichi, imponemo a noi stessi certe nove leggi for di proposito; ed avendo inanzi agli occhi le strade battute, cerchiamo andar per diverticoli: perché

XXXV. Se, dos homens literatos e de bom engenho e discernimento que se encontram hoje entre nós, existirem alguns que cuidem de escrever nessa língua, do modo que foi dito, coisas dignas de serem lidas, logo a veríamos culta e abundante de termos e de belas figuras e capaz de que nela se escrevesse tão bem como em qualquer outra. E se ela não fosse pura toscana antiga, seria italiana, comum, copiosa e variada e quase como um delicioso jardim cheio de diversas flores e frutos. Nem seria essa coisa nova; porque das quatro línguas que tinham em uso os escritores gregos, escolhendo, de cada uma das palavras, modos e figuras, como bem lhes parecia, faziam nascer delas uma outra que se dizia comum, e todas as cinco, com um só nome, chamavam língua grega. E se bem que a ateniense fosse mais elegante, pura e eloquente do que as outras, os bons escritores que não eram de nação ateniense não a imitavam tão bem que não fossem reconhecidos pelo modo do escrever e como que pelo odor e propriedade de seu modo natural de falar, e nem por isso eram desprezados; antes aqueles que queriam parecer muito atenienses, eram criticados. Entre os escritores latinos que também foram estimados em sua época muitos não eram romanos, apesar de neles não se ver aquela pureza própria da língua romana que raras vezes podem adquirir aqueles que são de outra nação. Não foi rejeitado Tito Lívio, ainda que se afirmasse ter encontrado nele resquícios de Pádua, nem Virgílio foi rejeitado, mesmo tendo sido repreendido por não falar romano. Como sabeis, foram ainda lidos e estimados em Roma muitos escritores de nação bárbara. Mas nós, muito mais severos do que os antigos, impomos a nós mesmos certas leis novas fora de propósito; e tendo diante dos olhos os caminhos batidos, procuramos ir por atalhos: porque em nossa própria língua, da qual, como de todas as outras, é dever exprimir bem e claramente os conceitos do ânimo, aprazemo-nos na obscuridade; e, chamando-a língua vulgar, queremos nela usar palavras que não são entendidas do vulgo, nem dos homens nobres e literatos. E elas não são mais



nella nostra lingua propria, della quale, come di tutte l'altre, l'officio è esprimere bene e chiaramente i concetti dell'animo, ci dilettiamo della oscurità: e, chiamandola lingua vulgare, volemo in essa usar parole che non solamente non son dal vulgo, ma né ancor dagli omini nobili e litterati intese, né più si usano in parte alcuna; senza aver rispetto, che tutti i boni antichi biasimano le parole rifiutate dalla consuetudine. La qual voi, al parer mio, non conoscete bene; perché dite, se qualche vizio di parlare è invalso ih molti ignoranti, non per questo si dee chiamar consuetudine, né esser accettato per una regola di parlare; e, secondo che altre volte vi ho udito dire, volete poi, che in loco di *Capitolio* si dica *Campidoglio*; per *Jeronimo*, *Girolamo*; *aldace* per *audace*; e *patrone*, *padrone*, ed altre tai parole corrotte e guaste; perché così si trovan scritte da qualche antico Toscano ignorante, e perché così dicono oggidì i contadini toscani. La bona consuetudine adunque del parlare credo io che nasca dagli omini che hanno ingegno, e che con la dottrina ed esperienza s'hanno guadagnato il bon giudicio, e con quello concorrono e consentono ad accettar le parole che lor paion bone, le quali si conoscono per un certo giudicio naturale, e non per arte o regola alcuna. Non sapete voi, che le figure del parlare, le quai danno tanta grazia e splendor alla orazione, tutte sono abusioni delle regole grammaticali, ma accettate e confermate dalla usanza, perché, senza poterne render altra ragione, piaceno, ed al senso proprio dell'orecchia par che portino suavità e dolcezza? E questa credo io che sia la bona consuetudine; della quale così possono essere capaci i Romani, i Napoletani, i Lombardi e gli altri, come i Toscani.

142

XXXVI. È ben vero, che in ogni lingua alcune cose sono sempre bone: come la facilità, il bell'ordine, l'abundanzia, le belle sentenzie, le clausole numerose; e, per contrario, l'affettazione e l'altre cose opposite a queste son male. Ma delle parole son alcune che durano bone un tempo, poi s'invecchiano

usadas em parte alguma, sem considerar que todos os bons antigos criticam as palavras rejeitadas pelo costume, o qual vós, em meu parecer, não conheceis bem; porque, se algum vício de falar prevaleceu em muitos ignorantes, dizeis que nem por isso se deve chamar costume, nem ser aceito como regra de falar. E como outras vezes vos ouvi dizer, quereis que em lugar de *Capitolio* se diga *Campidoglio*, por *Jeronimo*, *Girolamo*; *aldace* por *audace*; e *patrone* em vez de *padrone*, e outras palavras corrompidas e desgastadas; porque assim se encontram escritas por algum antigo toscano ignorante, e porque assim dizem hoje em dia os camponeses toscanos. O bom costume do falar, creio que nasça dos homens que têm engenho e que com o estudo e a experiência alcançaram o bom juízo, e com ele concorrem e consentem em aceitar as palavras que lhes parecem boas, as quais são conhecidas por um certo juízo natural, e não por alguma arte ou regra. Não sabeis vós que as figuras do falar, as quais dão tanta graça e esplendor à oração, todas elas são abusos das regras gramaticais, mas aceitas e confirmadas pelo uso, porque, sem se poder dar outra razão delas, agradam, e ao sentido próprio do ouvido parecem levar suavidade e doçura? É esse, creio eu, que seja o bom costume; do qual podem ser capazes os romanos, os napolitanos, os lombardos e os outros tanto quanto os toscanos.

XXXVI. É bem verdade que em todas as línguas algumas coisas são sempre boas, como a facilidade, a boa ordem, a abundância, as belas sentenças, as cláusulas ritmadas; e, ao contrário, a afetação e as outras coisas opostas a essas são ruins. Porém, quanto às palavras, há algumas que permanecem boas por algum tempo, depois envelhecem e perdem totalmente a graça; outras assumem força e se tornam apreciadas. Como as estações do ano, que despojam a terra de flores e frutos e depois novamente de outros a revestem, assim o tempo faz cair aquelas primeiras palavras, e o uso faz renascer outras e lhes dá graça e dignidade, até que, consumidas aos poucos pelo uso invejoso do tempo, cheguem elas também à morte, porque, enfim, nós



ed in tutto perdono la grazia; altre piglian forza e vengono in prezzo: perché, come le stagioni dell'anno spogliano de' fiori e de' frutti la terra, e poi di novo d'altri la rivestono, così il tempo quelle prime parole fa cadere, e l'uso altre di novo fa rinascere, e dà lor grazia e dignità, fin che, dall'invidioso morso del tempo a poco a poco consumate, giungono poi esse ancora alla loro morte; perciocché, al fine, e noi ed ogni nostra cosa è mortale. Considerate che della lingua Osca non avemo più notizia alcuna. La Provenzale, che pur mò, si po dir, era celebrata da nobili scrittori, ora dagli abitanti di quel paese non è intesa. Penso io adunque, come bene ha detto il signor Magnifico; che se 'l Petrarca e 'l Boccaccio fussero vivi a questo tempo, non usariano molte parole che vedemo ne' loro scritti: però non mi par bene che noi quelle imitiamo. Laudo ben summamente coloro che sanno imitar quello che si dee imitare; nientedimeno non credo io già che sia impossibile scriver bene ancor senza imitare; e massimamente in questa nostra lingua, nella quale possiam esser dalla consuetudine aiutati: il che non ardirei dir nella latina.

XXXVII. Allora messer Federico, Perché volete voi, disse, che più s'estimi la consuetudine nella vulgare che nella latina?

Anzi, dell'una e dell'altra, rispose il Conte, estimo che la consuetudine sia la maestra. Ma perché quegli omini, ai quali la lingua latina era così propria come or è a noi la vulgare, non sono più al mondo, bisogna che noi dalle lor scritture impariamo quello che essi aveano imparato dalla consuetudine; né altro vol dir il parlar antico, che la consuetudine antica di parlare: e sciocca cosa sarebbe ancor il parlar antico non per altro che per voler più presto parlare come si parlava, che come si parla.

Dunque, rispose messer Federico, gli antichi non imitavano?

e todas as nossas coisas somos mortais. Considerai que não temos mais nenhum conhecimento da língua osca. A provençal, que também se pode dizer morta, era celebrada por escritores nobres, e agora não é entendida nem pelos habitantes daquele país. Penso, por isso, que – como disse o senhor Magnífico –, se Petrarca e Boccaccio estivessem vivos neste nosso tempo, não usariam muitas palavras que vemos em seus escritos, e não me parece bom que nós as imitemos. Louvo sumamente aqueles que sabem imitar o que deve ser imitado, não obstante não creio que seja impossível escrever bem sem imitar; e principalmente nessa nossa língua, na qual podemos ser ajudados pelo costume; o que eu não ousaria dizer da latina.

XXXVII. Então dom Federico disse: “Por que quereis vós que se estime mais o costume da língua vulgar do que o da latina?” Respondeu o conde:

Ao contrário, de uma e da outra creio que o costume seja o mestre. Mas, aqueles homens aos quais a língua latina era tão própria como agora é para nós a vulgar, não estão mais no mundo. É necessário, por isso, que nós aprendamos de seus escritos o que eles aprenderam do costume. E o falar antigo não quer dizer outra coisa senão o costume antigo de falar. E seria coisa tola usar ainda o falar antigo não por outro motivo senão pelo desejo de falar mais depressa – como se falava antes – do que se fala agora.”

Respondeu dom Federico: “Portanto, os antigos não imitavam?” Disse o conde:

Creio que muitos imitavam, mas não em todas as coisas. E se Virgílio tivesse imitado Hesíodo em tudo, não lhe teria passado na frente; nem Cícero na frente de Crasso, nem Ênio na frente de seus antecessores. Eis que Homero é tão antigo que é considerado por muitos como o primeiro poeta heróico de todos os



Credo, disse il Conte, che molti imitavano ma non in ogni cosa. E se Virgilio avesse in tutto imitato Esiodo, non gli saria passato inansi; né Cicerone a Crasso, né Ennio ai suoi antecessori. Eccovi che Omero è tanto antico, che da molti si crede che egli così sia il primo poeta eroico di tempo, come ancor è d'ecceellenza di dire : e chi vorrete voi che egli imitasse?

Un altro, rispose messer Federico, più antico di lui, del quale non avemo notizia per la troppa antiquità. — Chi direte adunque, disse il Conte, che imitasse il Petrarca e 'l Boccaccio, che pur tre giorni ha, si po dir, che son stati al mondo? — Io nol so, rispose messer Federico: ma creder si po che essi ancor avessero l'animo indirizzato alla imitazione, benché noi non sappiam di cui. — Rispose il Conte: Creder si po che que' che erano imitati fussero migliori che que' che imitavano; e troppo meraviglia saria che così presto il lor nome e la fama, se erano boni, fusse in tutto spenta. Ma il lor vero maestro cred'io che fusse l'ingegno, ed il lor proprio giudicio naturale; e di questo niuno è che si debba maravigliare, perché quasi sempre per diverse vie si po tendere alla summità d'ogni eccellenza. Né è natura alcuna che non abbia in sé molte cose della medesima sorte dissimil l'una dall'altra, le quali però son tra sé di equal laude degne. Vedete la musica, le armonie della quale or son gravi e tarde, or velocissime e di novi modi e vie; nientedimeno tutte diletmano, ma per diverse cause: come si comprende nella maniera del cantare di Bidon;<sup>109</sup> la quale è tanto artificiosa, pronta, veemente, concitata, e di così varie melodie, che i spiriti di chi ode tutti si commovono e s'infiammano, e così sospesi par che si levino insino al cielo. Né men commove nel suo cantar il nostro Marchetto Cara,<sup>110</sup> ma con più molle armonia; ché per una via placida e piena di flebile dolcezza intenerisce e penetra le anime, imprimendo

<sup>109</sup> Celebre cantore della Cappella di Leone X.

<sup>110</sup> Cantore e compositore legato da familiarità con la Corte urbinata.

tempos, como ainda o é na excelência de dizer; e quem quereis vós que ele imitasse?

“Um outro” – respondeu dom Federico “[...] mais antigo do que ele, do qual não temos conhecimento por causa da muita antiguidade.” “Quem direis, então” – disse o conde – “[...] que Petrarca e Boccaccio imitaram, eles que, pode-se dizer, são quase contemporâneos nossos?” – “Eu não sei”, respondeu dom Federico, “[...] mas pode-se crer que eles também teriam o espírito inclinado para a imitação, embora não saibamos a quem teriam imitado [...]” – Respondeu o conde: “Pode-se pensar que aqueles que eram imitados fossem melhores do que os que os imitavam. Seria, então, muito grande maravilha que, se eles eram bons, tão depressa se tenham apagado seu nome e sua fama. Mas creio que o verdadeiro mestre deles foi seu engenho e seu próprio dom natural. Disso ninguém deve maravilhar-se, porque quase sempre por diversas vias se pode tender ao máximo da excelência. Não existe natureza alguma que não tenha em si muitas coisas da mesma espécie, mas diferentes umas das outras, as quais, porém, entre si, são dignas de igual louvor. Vede a música; suas harmonias ora são graves e lentas, ora velocíssimas e com novos modos e vias; não obstante, todas elas agradam, mas por motivos diferentes. Compreende-se isso pela maneira de cantar de Bidon,<sup>28</sup> a qual é tão artificiosa, rápida, veemente, excitante e de tão várias melodias que os espíritos de todos os que ouvem se comovem e se inflamam e assim suspensos parece que se elevam até o céu. Não comove menos em seu cantar o nosso Marchetto Cara,<sup>29</sup> mas com harmonia mais suave, a qual, por um modo plácido e cheio de suave doçura, enternece e penetra nas almas, imprimindo nelas brandamente um sentimento agradável. Várias coisas igualmente agradam tanto aos nossos olhos que dificilmente se pode julgar quais delas são mais agradáveis. Eis que na pintura

<sup>28</sup> [N.d.T.] Célebre cantor da capela de Leão X.

<sup>29</sup> [N.d.T.] Cantor e compositor ligado por familiaridade à corte de Urbino.

in esse suavemente una dilettevole passione. Varie cose ancor egualmente piacciono agli occhi nostri tanto che con difficoltà giudicar si po quai più lor sono grate. Eccovi che nella pittura sono eccellentissimi Leonardo Vincio, il Mantegna, Raffaello, Michelangelo, Georgio da Castelfranco: nientedimeno, tutti son tra sé nel far dissimili; di modo che ad alcun di loro non par che manchi cosa alcuna in quella maniera, perché si conosce ciascun nel suo stil essere perfettissimo. Il medesimo è di molti poeti greci e latini, i quali, diversi nello scrivere, son pari nella laude. Gli oratori ancor hanno avuto sempre tanta diversità tra sé, che quasi ogni età ha prodotto ed apprezzato una sorte d'oratori peculiar di quel tempo; i quali non solamente dai precessori suoi, ma tra sé son stati dissimili: come si scrive ne' Greci, d'Isocrate, Lisia, Eschine, e molt'altri, tutti eccellenti, ma a niun però simili forché a sé stessi. Tra i Latini poi quel Carbone, Lelio, Scipione Africano, Galba, Sulpizio, Cotta, Gracco, Marc'Antonio, Crasso, e tanti che saria lungo nominare, tutti boni, e l'un dall'altro diversissimi: di modo che chi potesse considerar tutti gli oratori che sono stati al mondo, quanti oratori tante sorti di dire trovarrebbe. Parmi ancor ricordare che Cicerone in uno loco introduca Marc'Antonio dir a Sulpizio, che molti sono i quali non imitano alcuno, e nientedimeno pervengono al summo grado della eccellenzia; e parla di certi, i quali aveano introdotto una nova forma e figura di dir, bella, ma inusitata agli altri oratori di quel tempo, nella quale non imitavano se non sé stessi: però afferma ancor che i maestri debbano considerare la natura dei discipuli, e, quella tenendo per guida, indrizzarli ed aiutargli alla via che lo ingegno loro e la natural disposizion gl'inclina. Per questo adunque, messer Federico mio, credo, se l'omo da sé non ha convenienza con qualsivoglia autore, non sia ben sforzarlo a quella imitazione; perché la virtù di quell'ingegno s'ammorza e resta impedita, per esser deviata dalla strada nella quale avrebbe fatto profitto, se non gli fusse stata precisa. Non

são excelentíssimos Leonardo da Vinci, Mantegna, Rafael, Miguel Ângelo e Georgio da Castelfranco. Não obstante, todos eles são muito diferentes entre si no fazer; de modo que não parece que a algum deles falte alguma coisa em seu estilo, porque se vê que cada um é mais que perfeito nele. O mesmo se diga de muitos poetas gregos e latinos, os quais, diferentes no escrever, são iguais no louvor. Os oradores também sempre tiveram tanta diferença entre si que quase todas as idades produziram e apreciaram uma espécie peculiar de oradores. Eles foram diferentes não só de seus predecessores, mas também entre si, como se escreve, entre os gregos, de Isócrates, Lísias, Ésquino e muitos outros. Todos eles excelentes, mas a ninguém igual a não ser cada um a si mesmo. Dentre os latinos sobressaem Carbone, Lelio, Cipião, o Africano, Galba, Sulpício, Cotta, Graco, Marc'Antonio, Crasso e tantos outros que seria longo mencionar todos. Bons todos eles, mas muito diferentes uns dos outros. Se alguém pudesse considerar todos os oradores que existiram no mundo, encontraria tantos modos de dizer quantos foram os oradores. Parece-me ainda recordar que Cícero em um lugar introduz Marc'Antonio dizendo a Sulpício que muitos são os que não imitam ninguém, e, não obstante, chegam ao sumo grau da excelência. Ele fala ainda de alguns que tinham introduzido uma nova forma e figura de dizer, bela, mas não usada pelos outros oradores daquele tempo, que não imitavam a não ser a si mesmos. Diz ele, porém, que os mestres devem considerar a natureza dos discípulos e, tendo-a por guia, orientá-los e ajudá-los para o caminho para o qual o engenho deles e sua natural disposição os inclina. Por isso, dom Federico, creio que se o homem não tem nenhuma afinidade com algum autor, não seria bom forçá-lo à imitação; porque a virtude do espírito se apaga e fica impedida ao ser desviada da estrada na qual obteria algum proveito, se não tivesse sido impedida. Não sei, portanto, como possa ser bom que, em vez de enriquecer essa língua e dar-lhe espírito, grandeza e luz, se faça que ela seja pobre, fraca, humilde e obscura, e se procure

so adunque come sia bene, in loco d'arricchir questa lingua e darle spirito, grandezza e lume, farla povera, esile, umile ed oscura, e cercare di metterla in tante angustie, che ognuno sia sforzato ad imitare solamente il Petrarca e 'l Boccaccio; e che nella lingua non si debba ancor credere al Poliziano, a Lorenzo de' Medici, a Francesco Diaceto, e ad alcuni altri che pur sono Toscani, e forse di non minor dottrina e giudizio che si fusse il Petrarca e 'l Boccaccio. E veramente gran miseria saria metter fine e non passar più avanti di quello che s'abbia fatto quasi il primo che ha scritto, e disperarsi che tanti e così nobili ingegni possano mai trovar più che una forma bella di dire in quella lingua, che ad essi è propria e naturale.<sup>111</sup> Ma oggidì son certi scrupolosi, i quali, quasi con una religion e misterii ineffabili di questa lor lingua toscana, spaventano di modo chi gli ascolta, che inducono ancor molti omini nobili e litterati in tanta timidità, che non osano aprir la bocca, e confessano di non saper parlar quella lingua, che hanno imparata dalle nutrici insino nelle fasce. Ma di questo parmi che abbiam detto pur troppo; però seguitiamo ormai il ragionamento del Cortegiano.

XXXVIII. Allora messer Federico rispose: Io voglio pur ancor dir questo poco, che è, ch'io già non niego che le opinioni e gli ingegni degli omini non siano diversi tra sé; né credo che ben fusse che uno, da natura veemente e concitato, si mettesse a scriver cose placide; né meno un altro severo e grave, a scriver piacevolezze: perché in questo parmi ragionevole che ognuno s'accomodi allo istinto suo proprio. E di ciò, credo, parlava Cicerone quando disse, che i maestri avessero riguardo alla natura dei discipuli, per non far come i mali agricoltori, che talor nel terreno che solamente è fruttifero per le vigne

---

<sup>111</sup> In queste conclusioni del Canossa, di tutti gli interlocutori certamente il più vicino al pensiero del C, par d'intravedere un'attitudine larvata, empirica a dimenticare le vecchie contese retoriche, così come il petrarchismo, il ciceronianismo etc, e a considerare la necessarietà interiore e storica della lingua come dell'arte. Pare oscuramente acquisita una nozione dello stile.

submetê-la a tantas limitações que cada um seja obrigado a imitar somente Petrarca e Boccaccio. E que na língua não se deva mais crer em Poliziano, em Lorenzo d’Medici, em Francesco Diaceto e em alguns outros que também são toscanos. E talvez de não menor doutrina e capacidade do que Petrarca e Boccaccio. E verdadeiramente grande miséria seria deter-se e não ir além do que foi feito pelo primeiro que escreveu, e desesperar que tantos e tão nobres engenhos possam encontrar outras formas belas de dizer na língua que é própria e natural deles.<sup>30</sup> Mas hoje existem alguns escrupulosos que – como que por religião e mistérios inefáveis dessa sua língua toscana – amedrontam quem ouve, de modo a induzir muitos homens nobres e literatos a tanta timidez que não ousam abrir a boca e confessam não saberem falar naquela língua que aprenderam de suas nutrizes ainda no berço. Disso parece-me que já falamos bastante; continuemos agora a discutir sobre o cortesão.”

XXXVIII. Então Dom Federico respondeu: “Eu quero dizer ainda, brevemente, que eu já não nego que as opiniões e os talentos dos homens sejam diferentes entre si; nem creio ser bom que alguém, veemente e agitado por natureza, se ponha a escrever coisas plácidas, nem que outro, severo e grave, se ponha a escrever gracejos, porque parece razoável que, no escrever, cada um se adapte à sua inclinação. E é disso, creio, que falava Cícero quando disse que os mestres dessem atenção à natureza dos discípulos para não fazer como os maus agricultores, que às vezes querem semear trigo em terreno que é próprio somente para vinhas. Mas não posso compreender que – tratando-se de uma linguagem particular, a qual não é tão comum a todos os homens como os discursos, as expressões dos pensamentos e muitas outras manifestações, mas uma invenção contida em alguns

---

<sup>30</sup> [N.d.T.] Nessas conclusões do Canossa, de todos os interlocutores, certamente o mais próximo do pensamento do Castiglione, parece entrever-se uma atitude dissimulada, empírica para se esquecerem as velhas controvérsias retóricas, assim como o petrarquismo, o ciceronianismo etc., e para se considerar a necessidade interior e histórica da língua como da arte. Parece ter sido obscuramente adquirida uma noção do estilo.

vogliono seminar grano. Ma a me non po capir nella testa, che d'una lingua particolare, la quale non è a tutti gli omini così propria come i discorsi ed i pensieri e molte altre operazioni, ma una invenzione contenuta sotto certi termini, non sia più ragionevole imitar quelli che parlan meglio, che parlare a caso e che, così come nel latino l'omo si dee sforzar di assomigliarsi alla lingua di Virgilio e di Cicerone, più tosto che a quella di Silio o di Cornelio Tacito, così nel vulgar non sia meglio imitar quella del Petrarca e del Boccaccio, che d'alcun altro; ma ben in essa esprimere i suoi proprii concetti, ed in questo attendere, come insegna Cicerone, allo istinto suo naturale: e così si troverà, che quella differenza che voi dite essere tra i boni oratori, consiste nei, sensi e non nella lingua. — Allor il Conte, Dubito, disse, che noi entraremo in un gran pelago, e lasseremo il nostro primo proposito del Cortegiano. Pur domando a voi: in che consiste la bontà di questa lingua? — Rispose messer Federico: Nel servar ben le proprietà di essa, e tòrla in quella significazione, usando quello stile e que' numeri che hanno fatto tutti quei che hanno scritto bene. — Vorrei, disse il Conte, sapere se questo stile e questi numeri di che voi parlate, nascono dalle sentenzie o dalle parole. — Dalle parole, rispose messer Federico. — Adunque, disse il Conte, a voi non par che le parole di Silio e di Cornelio Tacito siano quelle medesime che usa Virgilio e Cicerone? né tolte nella medesima significazione? — Rispose messer Federico: Le medesime son sì, ma alcune mal osservate e tolte diversamente. — Rispose il Conte :

E se d'un libro di Cornelio e d'un di Silio si levassero tutte quelle parole che son poste in altra significazion di quello che fa Virgilio e Cicerone, che seriano pochissime: non direste voi poi, che Cornelio nella lingua fusse pare a Cicerone, e Silio a Virgilio? e che ben fusse imitar quella maniera del dire?

termos – não seja mais razoável imitar aqueles que falam melhor, do que falar ao acaso. E, assim como no latim o homem deve esforçar-se para se expressar mais de forma semelhante à língua de Virgílio e de Cícero do que à de Silio ou de Cornélio Tácito, assim na língua vulgar não será melhor imitar a de Petrarca e de Boccaccio do que a de algum outro, e na deles exprimir bem seus próprios conceitos e nisso seguir sua inclinação natural, como ensina Cícero? Desse modo se verá que a diferença que vós dizeis existir entre os bons oradores consiste nas ideias e não na língua.” – Então disse o Conde: “Parece-me que cairemos em um grande abismo e que deixaremos nosso primeiro propósito sobre o cortesão. Mas pergunto a vós: [...] em que consiste a qualidade dessa língua?”. – Dom Federico respondeu: “Em observar bem as propriedades dela, empregá-la com aquela significação, estilo e ritmo como fizeram todos aqueles que escreveram bem.” – “Eu quereria saber”, disse o conde, “[...] se esse estilo e esse ritmo, dos quais falais, nascem das ideias ou das palavras.” – “Das palavras”, respondeu dom Federico. “Então”, disse o conde, “[...] não parece a vós que as palavras de Silio e de Cornélio Tácito são as mesmas que Virgílio e Cícero usam, e não empregadas com o mesmo significado?” – Respondeu dom Federico: “São as mesmas, sim, mas algumas mal empregadas e com significação diferente.” – Respondeu o conde:

E se de um livro de Cornélio e de um de Silio se eliminassem todas as palavras que são empregadas com significação diferente às de Virgílio e Cícero, que seriam pouquíssimas, não diríeis que Cornélio na língua seria igual a Cícero, e Silio igual a Virgílio? E que seria bom imitar aquela maneira de dizer?

XXXIX Disse então a senhora Emília, “A mim parece que essa vossa discussão está muito longa e cansativa, e que seria bom retomá-la em um outro momento.” – Dom Federico começava



XXXIX. Allora la signora Emilia, A me par, disse, che questa vostra disputa sia mò troppo lunga e fastidiosa; però fia bene a differirla ad un altro tempo. — Messer Federico pur incominciava a rispondere; ma sempre la signora Emilia lo interrompeva. In ultimo disse il Conte:

Molti vogliono giudicare i stili e parlar de' numeri e della imitazione: ma a me non sanno già essi dare ad intendere che cosa sia stile né numero, né in che consista la imitazione, né perché le cose tolte da Omero o da qualche altro stiano tanto bene in Virgilio, che più presto paiono illustrate che imitate: e ciò forse procede ch'io non son capace d'intendergli. Ma perché grande argomento che l'om sappia una cosa è il saperla insegnare, dubito che essi ancora poco la intendano; e che e Virgilio e Cicerone laudino perché sentono che da molti son laudati, non perché conoscano la differenza che è tra essi e gli altri: ché in vero non consiste in avere una osservazione di due, di tre o di dieci parole usate a modo diverso dagli altri. In Sa-lustio, in Cesare, in Varrone e negli altri boni si trovano usati alcuni termini diversamente da quello che usa Cicerone; e per l'uno e l'altro sta bene, perché in così frivola cosa non è posta la bontà e forza d'una lingua: come ben disse Demostene ad Eschine, che lo mordeva, domandandogli d'alcune parole le quali egli aveva usate, e pur non erano attiche, se erano mostri o portentosi; e Demostene se ne rise, e risposegli, che in questo non consistevano le fortune di Grecia. Così io ancora poco mi curarei, se da un Toscano fussi ripreso d'aver detto più tosto *satisfatto* che *sodisfatto*, ed *onorevole* che *orrevole*, e *causa* che *cagione*, e *populo* che *popolo*, ed altre tai cose.

Allor messer Federico si levò in piè, e disse: Ascoltatemi, prego, queste parole. — Rispose, ridendo, la gnora Emilia:

Pena la disgrazia mia a qual di voi per ora parla più di questa materia, perché voglio che la rimettiamo

a responder, mas a senhora Emília sempre o interrompia. Por último disse o conde:

Muitos querem julgar os estilos e falar do ritmo e da imitação, mas, em meu parecer, não sabem dar a entender o que é estilo nem ritmo, nem em que consiste a imitação, nem porque as coisas tiradas de Homero ou de algum outro estejam tão bem em Virgílio que logo parecem ilustradas e não imitadas; talvez isso proceda de eu não ser capaz de entendê-las. Mas porque grande argumento de que alguém sabe alguma coisa é de saber ensiná-la, receio que esses a entendam pouco, e penso que louvam Virgílio e Cícero porque ouvem os louvores dirigidos a eles por muitos, e não por conhecerem a diferença entre eles e os outros; porque, na verdade, essa diferença não consiste em observar outro uso pelos outros de duas, três ou de dez palavras. Em Salústio, em César, em Varrão e nos outros bons se encontram alguns termos empregados de modo diferente do que o são em Cícero; e para um e o outro está bem, porque em coisa tão frívola não consistem a bondade e a força de uma língua. Como bem disse Demóstenes a Ésquino, que o criticava, perguntando-lhe sobre algumas palavras que ele tinha usado e que não eram áticas, se eram monstros ou prodígios. Demóstenes riu e respondeu-lhe que o sucesso da Grécia não consistia naquelas coisas. Assim eu pouco me importarei se for repreendido por um toscano por ter dito *satisfatto* e não *sodisfatto*, e *onorevole* em vez de *orrevole*, e *causa* em vez de *cagione*, e *populo* em lugar de *popolo* e outras coisas assim.

Então dom Federico se pôs de pé e disse: “Ouvi, peço, estas palavras.” – Respondeu rindo a senhora Emília:

Deixarei de apreciar aquele de vós que continuar a falar dessa matéria, pois quero que a deixemos para outra noite. Mas, vós, Conde, continuai o

ad un'altra sera. Ma voi, Conte, seguitate il ragionamento del Cortegiano; e mostra teci come avete bona memoria, che, credo, se saprete ritaccarlo ove lo lassaste, non farete poco.



discurso sobre o cortesão e mostrai-nos que tendes boa memória, pois, creio que não fareis pouco se souberdes retomar onde o deixastes.

*Tradução: Professora Patrizia Collina Bastianetto  
(UFMG)*

*Revisão: Professor Segio Romanelli  
(DLLE/PGET-UFSC)*

*Professor Benôni Lemos*





# Nicolau Maquiavel



*Questo mio volgare fu congiugnitore de li miei generanti, che con esso parlavano, sì come 'l fuoco è disponente del ferro al fabbro che fa lo coltello; per che manifesto è lui essere concorso a la mia generazione, e così essere alcuna cagione del mio essere.*

(Dante, Convívio, I, xiii, 4)

Aos meus pais, que me ensinaram o amor por minha língua.

## Introdução

Fora do âmbito dos especialistas poucos sabem que Nicolau Maquiavel (Florença, 1469-1527), internacionalmente conhecido pelo tratado *O Príncipe* (1513), escreveu também uma pequena obra sobre a questão da língua na Itália contemporânea. Trata-se de um breve texto em que o autor, apresentando as razões da superioridade da língua de Florença com relação aos outros vulgares italianos, demonstra argutamente a origem florentina da língua literária italiana, razão pela qual a língua comum da Itália deveria ser chamada de florentina. O *Diálogo* oferece ao leitor, exposto com uma língua “vivaz e brilhante”<sup>31</sup> e com uma acuidade de raciocínio “incomum nos outros linguistas”,<sup>32</sup> um recorte preciso e sutil das principais tendências artísticas e literárias da Florença da época. E o ponto de vista do autor sobre alguns pontos cruciais a respeito de uma contenda já tão desgastada é tão novo e original que revitaliza os termos da questão.

A obra ficou desconhecida até 1730, quando foi encontrada, *adésputa* e provavelmente anepígrafa, em um apógrafo de Giuliano d’Ricci conservado na Biblioteca Barberiniana de Roma; o descobridor, o erudito monsenhor Giovanni Bottari, publicou-a (sem a indicação do autor) como apêndice a *L’Ercolano* de Benedetto Varchi. Embora tenha havido controvérsias acerca da paternidade de sua autoria, desde o começo a opinião geral é a de que fosse do próprio Maquiavel, devido principalmente ao típico procedimento dilemático da argumentação e à originalidade e à força conceitual de seu raciocínio, à comprovada presença da

<sup>31</sup> Todas as traduções das citações do italiano são de minha autoria. “*Vivace e brillante*”; Claudio Marazzini, “Le teorie”; in *Storia della lingua italiana. Volume primo. I luoghi della codificazione* (a cura di Luca Serianni e Pietro Trifone), Torino: Einaudi, 1993, p. 256.

<sup>32</sup> “*Non comune agli altri linguai*”; Bortolo Tommaso Sozzi, *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*. Torino: Einaudi, 1976, p. XLV, citando Ridolfi.

terminologia, da sintaxe e da fraseologia maquiaveliana (essa última, como nas outras obras do autor, apelando para as marcas da língua que se devia falar na Florença contemporânea), ao “excepcional vigor expressivo”<sup>33</sup> de sua língua.

A princípio, o texto teria sido escrito entre 1508-1509 (data da primeira representação em Ferrara da comédia de Ludovico Ariosto, *I Suppositi*, citada no *Diálogo*) e 1527, ano da morte do autor. O período mais provável é entre 1514 e 1516, pois seriam estes os anos em que vinha se realizando uma ligação mais estrita “[...] entre aquela escritura e o desenvolver-se do pensamento político de Maquiavel, no começo de uma nova fase de sua atividade de cidadão e de escritor”.<sup>34</sup>

O texto, essencialmente argumentativo, contém um longo enxerto em forma de diálogo entre o próprio autor e nada mais nada menos que Dante Alighieri. De fato, a obra ficou indiferentemente conhecida como *Diálogo* ou *Discurso*, dependendo do gênero literário com o qual cada estudioso a quis associar. Para a tradução em português, preferimos o termo *Diálogo*, por ele remeter ao modelo privilegiado pelos humanistas para a troca de opiniões e de experiências concretas, a conversação entre pares, como fundamento da vida civil da Renascença. E, também, para fazer jus às próprias palavras do autor, que na maravilhosa carta a Francesco Vettori, de 10 de dezembro de 1513, diz não se envergonhar, uma vez trocados os andrajos enlameados e sujos de barro com que atende aos afazeres do campo por “roupas régias e curiais”, em “[...] falar com eles [os grandes homens da antiguidade] e inquiri-los sobre a razão de seus atos”.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> “*Eccezionale vigore espressivo*”; Sozzi, op. cit., p. XXVIII.

<sup>34</sup> “*Tra quella scrittura e lo svolgimento del pensiero politico di Machiavelli, all’inizio di una nuova fase della sua attività di cittadino e di scrittore*”; Sozzi, op.cit., p. XXXVI-XXXVII, citando Hans Baron.

<sup>35</sup> Reproduzimos o trecho integralmente: “*Venuta la sera, mi ritorno a casa ed entro nel mio scrittoio; e in sull’uscio mi spoglio quella veste cotidiana, piena di fango e di loto, e mi metto panni reali e curiali; e rivestito condecientemente, entro nelle antiche corti delli antiqui huomini, dove, da loro ricevuto amorevolmente, mi pasco di quel cibo che solum è mio e ch’io nacqui per lui; dove io non mi vergogno parlare con loro*”

Por que não teria ele então se entretido também com Dante? Como ficará claro lendo o texto, Maquiavel não parece minimamente intimidado em discutir em pé de igualdade com seu ilustre patrício, em um diálogo rápido e veemente, rico de efeitos teatrais e, às vezes, francamente cômico. Aliás, ele sequer receia encurralar Dante colocando-o contra a parede, apontando com lucidez para a contradição entre o posicionamento teoricamente desfavorável do poeta em relação à língua florentina,<sup>36</sup> e sua prática poética, sobretudo aquela da *Comédia*, fundamentalmente baseada no uso do florentino; para enfim obrigá-lo a admitir o próprio erro (veja-se, em particular, a parte final do diálogo com Dante). Pois, como notaremos mais adiante, era justamente a opinião desfavorável de Dante sobre o vulgar de Florença a alimentar, naquele começo de século, a polêmica sobre a língua que dividia os intelectuais italianos em facções ferozmente contrárias entre si.

De fato, no começo do século XVI, a Itália inteira fervilhava em acaloradas discussões linguísticas, intimamente ligadas ao contexto contemporâneo e não desprovidas de implicações políticas,<sup>37</sup> que vieram a ser conhecidas pelo nome de *Questione della lingua*.<sup>38</sup> Em particular, discutia-se sobre “[...] a própria maneira de se conceber a língua, como bem comum ou como

---

*e domandarli della ragione delle loro azioni; e quelli per loro humanità mi rispondono; e non sento per quattro hore di tempo alcuna noia, sdimentico ogni affanno, non temo la povertà, non mi sbigottisce la morte: tutto mi transferisco in loro*”. Trata-se da carta na qual Maquiavel, afastado da política ativa de Florença depois da volta ao poder dos Médici (1512) e exilado em seu sítio do Albergaccio a cuidar das coisas do campo, anuncia ao amigo Vettori a composição de *O Príncipe*.

<sup>36</sup> Porém, Maquiavel se engana ao atribuir as críticas de Dante à língua florentina unicamente a motivos psicológicos e pessoais (a ‘vingança’ contra Florença, que o tinha exilado), desconsiderando as razões estilísticas e retóricas da lúcida análise teórico-linguística do poeta.

<sup>37</sup> Para o entrelaçamento entre a situação histórica e a questão linguística da Itália da época, sobre o contraste entre uma sociedade aristocrática e conservadora e uma sociedade popular dinâmica e aberta às novidades, vejam-se em particular os estudos de Eugenio Garin.

<sup>38</sup> O texto síntese do conjunto das teorias e polêmicas linguísticas italianas das origens ao século XIX é considerado *La Questione della lingua*, de Maurizio Vitale, Palermo, Palumbo, 1960.

patrimônio regional [...]”<sup>39</sup> – debate este cuja direta consequência consistia na definição do nome a ser atribuído a essa língua. Duas eram as teorias principais. A primeira, que podemos chamar de “florentinista”, reiterava a superioridade do florentino por razões “naturais”<sup>40</sup> e socioculturais<sup>41</sup>, as quais teriam ocasionado a sua superioridade histórica e literária (antes de mais nada, graças à obra de Dante, Petrarca e Boccaccio; mas, também, graças à de muitos outros escritores: os cronistas e os mercadores dos séculos XIII e XIV, os poetas do *Stil Novo*; os autores do século XV, tanto os classicistas – Alberti, Landino, Poliziano, Lourenço o Magnífico –, quanto os mais populares Burchiello e Pulci, a quem Maquiavel cita no *Diálogo*; etc.) e à “florentinização” precoce de toda a língua italiana. A segunda teoria, dita “ecclética”, ou “cortesã”, que considerava a língua itálica existente na Itália do século XVI não (mais) especialmente florentina, pois em sua prática literária e em seu uso social (nas cortes) teria sido superada e enriquecida por formas mais nobres e elegantes, graças à contribuição dos vários vulgares da Itália, depurados de seus traços idiomáticos mais crus.<sup>42</sup> As duas correntes propunham então duas denominações diferentes do idioma de toda a península: a

---

<sup>39</sup> “*Il modo stesso di concepire la lingua, come bene comune o come patrimonio regionale*”; Claudio Marazzini, *Da Dante alla lingua selvaggia*, Roma, Carocci, 1999, p. 54.

<sup>40</sup> Não cabe aqui debater as razões, históricas, linguísticas ou culturais sobre as quais se baseava essa pretensa superioridade “genética” do florentino. Limitemo-nos a dizer que alguns estudiosos achavam que a Toscana, por ser a região da Itália há mais tempo ocupada pelos Romanos, teria recebido antes e mais profundamente a influência normatizadora da Língua Latina.

<sup>41</sup> Conforme as *Novas Crônicas* de Giovanni Villani (Florença, 1276-1348), já no século XIV a Comuna de Florença patrocinava políticas educacionais e de difusão cultural muito avançadas, encorajando a criação de escolas de ábaco e de algarismo em que, pela primeira vez na Europa, se ensinava a ler e a escrever diretamente em vulgar, sem a mediação do latim; o que teria levado à alfabetização em massa de muitas classes sociais da cidade, mesmo as populares, refinando-se a língua e favorecendo o florescimento literário.

<sup>42</sup> Na verdade, não é este o lugar para reproduzir a definição das várias posições, às vezes bastante diferenciadas entre si, que podemos reunir sob a égide da teoria cortesã. De qualquer forma, o denominador comum a todas era a oposição ao florentinismo e ao toscanismo.



primeira, *florentino*, ou *toscano*; a segunda, *italiano*, ou *língua comum*, ou *língua cortesã*.<sup>43</sup>

Como sabemos, a complicada *Questione della lingua* começou a ser equacionada quando o veneziano Pietro Bembo publicou, em 1525, as *Prose della volgar lingua*, propondo uma solução fundamentalmente de tipo estético-estilístico. De fato, Bembo propôs tomar como ponto de partida a tradição literária toscana do século XIV, e, seguindo o exemplo do latim de época clássica, assumir como canônicos dois autores: Petrarca, pela poesia; Boccaccio, pela prosa (Dante era descartado, por ter usado uma língua considerada “bárbara” demais). Isso, segundo Bembo, permitiria alcançar a sonhada homogeneização e estabilização da língua italiana. A proposta bembiana acabou prevalecendo, principalmente por razões práticas (a facilidade da divulgação via imprensa do cânon escolhido, por conta da grande notoriedade e difusão em toda a Itália das obras dos clássicos toscanos) e políticas (o fim da liberdade italiana e o clima de ‘normalização’ política e cultural já dominante).

A primeira vista, a proposta bembiana pode parecer em sintonia com a tese florentinista – e, portanto, com Maquiavel. Porém, devido ao reconhecimento da superioridade da língua de Florença, não devemos nos enganar quanto às profundas, irreduzíveis diferenças entre as duas: sobretudo, porque para Bembo, diversamente de Maquiavel, o critério decisivo para a assunção de um modelo linguístico válido para toda a Itália era o da “literariedade” (ou seja, da “arte”), e não o da “naturalidade”.<sup>44</sup> A proposta florentino-arcaica de Bembo, que privilegiava sim a língua florentina, mas também a literária de dois séculos antes, estava completamente na contramão da tese florentinista, a qual, dando continuidade ao projeto de hegemonia política de Florença sonhado por Lourenço, o Magnífico,

<sup>43</sup> Há, no debate linguístico renascentista, algumas diferenças entre os apoiadores do florentino e os do toscano, que não cabe aqui ressaltar. Porém, Maquiavel, quando fala de língua toscana, entende fundamentalmente o florentino.

<sup>44</sup> A oposição “arte/natureza”, com a declarada preeminência da natureza, é recorrente nos escritos de Maquiavel.

no século XV, almejava a expansão do florentino “contemporâneo” a língua comum italiana. Pois o gesto de abrir mão da possibilidade da adoção, por parte dos italianos, de uma língua viva, concreta e comprometida com sua contemporaneidade (como ainda tentava ser a Florentina do século XVI), parece simbolizar a renúncia dos italianos à reivindicação de sua autodeterminação política e cultural, em um momento histórico tão complexo e difícil, que prenunciava de fato o fim da liberdade italiana (o saque de Roma é de 1527; o cerco de Florença, de 1530).

Mas, por volta dos primeiros 15 ou 20 anos do século XVI, as disputas são ainda bem vivas e acirradas. E, Maquiavel, em particular, não renuncia a exercer sua própria autodeterminação política e cultural ao escrever o *Diálogo*, quase em forma de panfleto, para rebater as razões da facção linguística oposta, fortalecida na época graças à circulação nos ambientes intelectuais do tratado dantesco *De Vulgari Eloquentia*.

O tratado, escrito em latim, tinha sido descoberto pelo humanista vêneto Gian Giorgio Trissino, que o tinha traduzido em italiano justamente para dar peso à tese antiflorentinista. A obra, de fato, embora escrita por um florentino<sup>45</sup> – aliás, pelo maior autor florentino – parecia constituir-se numa importante aliada contra a tese florentinista; ainda que a interpretação trissiniana do tratado fosse na verdade frágil, pois Trissino tinha se equivocado em considerá-lo a “chave” de leitura da *Comédia*. E isso não escapa a Maquiavel, que demonstra, falando com Dante no *Diálogo*, não ser a “curial”, mas francamente a florentina, a língua da obra-prima dantesca.

Pois Dante, no *De Vulgari Eloquentia*, tratando da questão de uma língua italiana unitária, tinha realizado uma classificação dos vários vulgares da Itália, com o intuito de verificar qual deles oferecia as melhores condições para se candidatar a “vulgar

---

<sup>45</sup> Na verdade, alguns puseram em dúvida, durante certo tempo, a autoria dantesca do tratado, pois Trissino não divulgou o texto original, mas somente a versão em vulgar feita por ele. Não Maquiavel, de toda forma, como bem entendemos lendo o *Diálogo*.

ilustre” italiano: uma língua vulgar de valor unitário para toda a Itália, desenvolvida naturalmente pelo povo como instrumento de comunicação, mas refinada pelo uso literário. Nessa análise, criticara o florentino, chamando-o de “turpilóquio” pelo seu pouco refinamento, descartando-o da disputa e preterindo-lhe outros vulgares. Graças a essa obra, os adversários de Florença podiam afirmar que o próprio Dante, florentino, tinha sido contrário à tese da superioridade de sua própria língua, afirmando a necessidade de ser a língua comum italiana “curial”, ou seja, ligada a uma corte linguisticamente representativa de toda a Itália. Trissino apresentara o livro nas reuniões dos Orti Oricellari (os jardins da família florentina Rucellai), nas quais jovens aristocráticos de simpatias antimédiceas se encontravam para estudar a história da Roma republicana e debater a historiografia latina. Maquiavel frequentava essas reuniões, representando, na qualidade de ex-secretário da segunda chancelaria da República Florentina (1498-1512), uma espécie de eminência parda para os jovens rebeldes.

O *Diálogo*, portanto, deve ser visto como uma firme tomada de posição, um assumido ato de engajamento em favor e em defesa de Florença por parte de Maquiavel, que o usa para responder polemicamente a Trissino (citado de forma alusiva no final da obra) e aos outros partidários da teoria cortesã (Pierio Valeriano, Mario Equicola, o Calmeta, Baldassare Castiglione, etc). Isso explica a energia do raciocínio e do estilo, profundamente interligados, da obra, a paixão abraçada pelo autor em sua composição. Dessa forma, Maquiavel também dá sua preciosa contribuição ao debate sobre a questão da língua na Itália, embora o *Diálogo* não tenha exercido uma influência histórica à altura, pois, antes de sua publicação, circulou apenas clandestinamente nos ambientes literários. Provavelmente, além de ser malvisto pelos partidários da tese cortesã, não deve ter gozado sequer da simpatia dos próprios florentinos, por conta do ataque a Dante; embora mais tarde vários fautores da tese florentinista (Martelli, Tolomei, Gelli, Lenzoni, Varchi, Salviati) tenham recorrido a partes do *Diálogo* para sufragar suas argumentações linguísticas. No século XIX, ele é ignorado por

Leopardi e Foscolo em seus escritos sobre a língua; porém, é citado por Manzoni pela sua posição contra os preconceitos da cultura dos doutos, em favor da língua viva e falada, e por suas críticas ao Ariosto comediógrafo.

Em geral, pelo que diz respeito mais particularmente à análise linguística desenvolvida por Maquiavel no *Diálogo*, a admiração dos estudiosos a partir do século XIX só aumentou,<sup>46</sup> e o texto é citado também nos escritos sobre a questão da língua de autores estrangeiros.<sup>47</sup> Considera-se que, com essa obra, Maquiavel, a partir de um conceito de unidade linguística específica – a sua própria, a florentina –, estaria plenamente inserido na mesma linha de raciocínio em favor da regularidade da língua, que do autor das *Regole Vaticane*,<sup>48</sup> passando por Leonardo, Pulci, Fortunio, Bembo, Liburnio, leva até Manzoni. No século XVI, seria no *Diálogo*, e não nas *Regole* de Giovanni Francesco Fortunio, escritas em 1516, que se encontraria pela primeira vez um esboço de estudo gramatical da língua italiana. E Maquiavel é considerado um precursor justamente de Manzoni, por conta da sua defesa da língua viva e contemporânea, contra a preferência bembesca pelo florentino arcaico.

Mas quais são os principais pontos debatidos no *Diálogo*? Podemos reconhecer em particular os seguintes:<sup>49</sup>

- a noção da distinção entre a língua falada e a língua literária, com preferência pelo naturalismo

---

<sup>46</sup> Em particular, Pasquale Villari considera Maquiavel um predecessor de Friedrich Schlegel, fundador da filologia comparada. Entre os estudiosos que apreciaram as qualidades estilísticas e de raciocínio linguístico do Maquiavel autor do *Diálogo*, citamos, entre outros, Francesco De Sanctis, Ruggero Bonghi, Pio Rajna, Luigi Morandi, Ciro Trabalza, Vincenzo Vivaldi, Roberto Ridolfi, Hans Baron, Guido Mazzoni, Bortolo Tommaso Sozzi.

<sup>47</sup> Ver o texto de Thérèse Labande Jeanroy, *La Question de la langue en Italie*, Publications de la Faculté des Lettres de l'Université de Strasbourg, Strasbourg, 1925.

<sup>48</sup> Escritas por volta de 1450 são atribuídas ao humanista Leon Battista Alberti (1404-1472).

<sup>49</sup> Para uma análise mais detalhada, remetemos à *Introdução* da edição crítica de Bortolo Tommaso Sozzi, em particular, às páginas XXXIX e XL.

linguístico (e, portanto, em favor da superioridade do florentino, língua “natural”, criação comum e espontânea do povo de Florença e da Toscana, contra a artificialidade da língua cortesã);

- a afirmação que, graças à praxe das florentinas “três coroas” de Florença (Dante, Petrarca, Boccaccio) a língua teria passado ao resto da Itália, “educando” linguisticamente e refinando os escritores não florentinos;
- a crítica ao excesso de abstração da língua cortesã e à heterogeneidade da corte romana;
- o princípio da expansibilidade do tosco-florentino a toda a Itália (em consonância com o projeto medíceo do século XV, de impor a hegemonia de Florença a partir da língua e da cultura);
- interessantes observações sobre a capacidade assimiladora das línguas (como a afirmação que a introdução em uma determinada língua de vocábulos estrangeiros, mesmo de muitos, não prejudica a persistência do caráter indígena e autêntico daquela língua; a qual, ao contrário, tem força para torná-los semelhantes a si, integrando-os estavelmente no seu patrimônio linguístico);
- o reconhecimento do caráter estruturante e identificador, para uma língua, da sintaxe;
- a importância atribuída à fonética (atenção à pronúncia e aos acentos);
- a firme rejeição do antiflorentinismo linguístico de Dante (considerado o autor do *De Vulgari Eloquentia*);
- a censura de certos termos usados por Dante;
- a demonstração da fundamental “florentinidade” linguística da *Divina Comédia*, apesar da hostilidade de seu autor contra Florença.

O texto em que nos apoiamos para nossa tradução é a edição crítica do *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*, de Bortolo Tommaso Sozzi, editada em 1976 pela Einaudi, incluindo também as citações reproduzidas da *Divina Comédia* (nem sempre perfeitamente correspondentes ao texto dantesco e provavelmente citadas à memória por Maquiavel).

Quanto à nossa versão em português, optamos por privilegiar o mesmo recorte e estilo linguístico do autor, o do imediatismo e da clareza comunicativa, reproduzindo o tom médio e aderente à língua (bem) falada e coloquial que já era do próprio Maquiavel, mesclado à medida clássica do latim, evitando ao máximo os aulicismos do português arcaico. De maneira que, mantendo-se as características originais do texto, a compreensão do público brasileiro do século XXI não ficasse prejudicada. Em particular, tentamos oferecer uma correspondência adequada em português para certos termos “técnicos” (*curiale, volgare illustre, proprio, comune, cortigiana*, etc.) que definem historicamente a *Questione della lingua* na Itália, tendo entrado de modo estável na tradição do debate linguístico italiano.

As citações da *Divina Comédia*, assim como as de palavras ou de expressões do florentino da época, foram mantidas em italiano, para efeitos de clareza e para preservar o intuito do autor de usá-las como comprovação de seu raciocínio (mas com a tradução em nota; em particular, as citações da *Divina Comédia* foram extraídas da versão em português de José Pedro Xavier Pinheiro, editada em São Paulo em 2006 pela Martin Claret).

Esperamos, com isso, ter oferecido nossa pessoal contribuição para maior e melhor difusão, no Brasil, da complexa e fascinante história da língua italiana.

Professora Cecilia Casini (USP)



## Discorso O Dialogo Intorno Alla Nostra Lingua

Sempre che io ho potuto onorare la patria mia<sup>112</sup> eziandio con mio carico<sup>113</sup> e pericolo l'ho fatto volentieri, perché l'uomo non ha maggiore obbligo nella vita sua che con quella, dependendo prima da essa l'essere e di poi tutto quello che di buono la fortuna e la natura ci hanno concesso; e tanto viene ad essere maggiore in coloro che hanno sortito patria piú nobile. E veramente colui il quale con l'animo e con l'opera si fa nimico della sua patria meritamente si può chiamare parricida, ancora che da quella fosse suto<sup>114</sup> offeso. Perché se battere il padre e la madre, per qualunque cagione, è cosa nefanda, di necessità ne segue il lacerare<sup>115</sup> la patria essere cosa nefandissima, perché da lei mai si patisce alcuna persecuzione per la quale possa meritare<sup>116</sup> di essere da te ingiuriata, avendo a riconoscere<sup>117</sup> da quella ogni tuo bene; tal che se ella si priva di parte de' suoi cittadini<sup>118</sup> sei piú tosto obbligato ringraziarla di quelli che la si lascia<sup>119</sup> che infamarla di quelli che la si toglie. E quando questo sia vero, che è verissimo, io non dubito mai di ingannarmi per difenderla<sup>120</sup> e

---

<sup>112</sup> *la patria mia*: si noti la sollecitudine politica portata dal Machiavelli pur nella disputa linguistica. Queste dichiarazioni proemiali si appuntano, come a loro meta e bersaglio, alla polemica contro Dante che eromperà nella parte centrale della trattazione, là dove il «discorso» si farà addirittura, nella drammatica concitazione del pensiero, «dialogo».

<sup>113</sup> *carico*: peso, sacrificio.

<sup>114</sup> *suto*: stato.

<sup>115</sup> *lacerare*: strapazzare, col dirne male.

<sup>116</sup> *possa meritare*: sogg. sottint. *la patria*.

<sup>117</sup> *avendo a riconoscere*: dovendo tu riconoscere.

<sup>118</sup> *si priva ... cittadini*: esiliandoli.

<sup>119</sup> *si lascia*: si serba nel suo seno.

<sup>120</sup> *io non dubito ... per difenderla*: sono sicuro di non ingannarmi per il fatto di difen-

## Diálogo sobre a nossa Língua

Todas as vezes que eu pude honrar a minha pátria, até mesmo com perigo ou com meu sacrifício pessoal, sempre o fiz com prazer; pois não existe maior obrigação na vida de um homem do que com sua pátria, dela dependendo, primeiramente, sua própria existência, e, em segundo lugar, tudo de bom que a natureza e a fortuna lhe concederam; e tanto maior será essa obrigação para aqueles que tiveram por sorte uma pátria mais nobre. E, na verdade, aquele que, dentro de sua alma e com sua obra, torna-se inimigo de sua própria pátria, pode merecidamente ser chamado de parricida, mesmo que tenha sido ofendido por ela. Pois, se bater em seu pai e em sua mãe, qualquer que seja a razão, é ato execrável, é com certeza muito mais execrável mortificar a pátria, pois dela não se sofre nunca perseguição alguma pela qual ela mereça ser injuriada, e é justo reconhecer que dela nos advém todo tipo de bem; de forma que, se ela se priva de alguns de seus cidadãos, dever-se-á antes agradecer-lhe pelos que deixou, ao invés de desonrá-la pelos que ela excluiu. E sendo isso absolutamente verdade, eu tenho total certeza de não errar em defendê-la, atacando aqueles que com demasiada presunção buscam privá-la de sua honra.

A razão pela qual entabulei essa argumentação é a discussão surgida várias vezes nos dias passados, se a língua em que escreveram os nossos poetas e prosadores é a florentina, a toscana ou a italiana. No decorrer da discussão, eu julguei haver alguns, menos desonestos, que querem que ela seja toscana; alguns outros, desonestíssimos, que a chamam de italiana; e outros ainda, que acham que ela deve ser chamada absolutamente de florentina; e cada parte tem se esforçado tanto para defender sua opinião, que a discussão nada esclareceu. Portanto, achei justo, neste meu

venire contro a quelli che troppo presuntuosamente cercano di privarla dell'onor suo.

La cagione perché io abbia mosso questo ragionamento è la disputa nata più volte ne' passati giorni<sup>121</sup> se la lingua nella quale hanno scritto i nostri poeti e oratori<sup>122</sup> fiorentini è fiorentina, toscana o italiana. Nella qual disputa ho considerato come alcuni meno inonesti vogliono che la sia toscana, alcuni altri inonestissimi la chiamano italiana, e alcuni tengono<sup>123</sup> che la si debba chiamare al tutto fiorentina, e ciascuno di essi si è sforzato di difendere la parte sua<sup>124</sup> in forma<sup>125</sup> che, restando la lite indecisa, mi è parso<sup>126</sup> in questo mio vendemmial negozio<sup>127</sup> scrivervi<sup>128</sup> largamente quello che io ne senta<sup>129</sup>, per terminare la quistione o per dare a ciascuno materia di maggior contesa<sup>130</sup>.

A volere vedere addunque con che lingua hanno scritto gli scrittori in questa moderna lingua celebrati<sup>131</sup>, delli quali tengono senza alcuna discrepanza<sup>132</sup> d'alcuno il primo luogo Dante, il Petrarca e il Boccaccio, è necessario metterli da una parte, e dall'altra tutta Italia, alla qual provincia<sup>133</sup> per amore circa la lingua di questi

---

derla.

<sup>121</sup> *ne' passati giorni*: probabile allusione alle discussioni linguistiche tenutesi negli Orti Oricellari, cioè nel dotto circolo di Palazzo Rucellai.

<sup>122</sup> *oratori*: qui per prosatori in genere.

<sup>123</sup> *tengono*: ritengono.

<sup>124</sup> *la parte sua*: la propria fazione, la propria tesi.

<sup>125</sup> *in forma*: in modo tale.

<sup>126</sup> *mi è parso*: mi è parso opportuno.

<sup>127</sup> *vendemmial negozio*: mentre mi trovo in campagna per la vendemmia.

<sup>128</sup> *scrivervi*: scrivere sull'argomento.

<sup>129</sup> *quello che io ne senta*: il mio parere (latinismo).

<sup>130</sup> *per ... contesa*: il Machiavelli col solito suo senso realistico si rende conto che il suo intervento potrà più facilmente dare nuovo fomento alla disputa, che risolverla.

<sup>131</sup> *in questa moderna lingua celebrati*: più riputati tra quanti hanno scritto nella lingua volgare d'Italia.

<sup>132</sup> *discrepanza*: contrasto.

<sup>133</sup> *provincia*: l'Italia.

trabalho vindimal,<sup>50</sup> escrever tudo aquilo que eu penso a respeito, de maneira a encerrar a questão de vez, ou então a oferecer a todos ainda mais material para continuar discutindo.

Querendo ver então de qual língua ter-se-iam utilizado os escritores mais célebres dessa moderna língua – e todo mundo concorda em dizer que os primeiros dentre eles são Dante, Petrarca e Boccaccio – faz-se necessário colocar aqueles em um lugar a parte, e em outro os restantes da Itália; da qual, aliás, parece que todo outro lugar reconhece a superioridade, graças à admiração tributada a estes três, sendo nesse caso Espanha, França e Alemanha menos pretensiosas que a Lombardia.<sup>51</sup> Feito isso, é preciso levar em conta todas as partes da Itália, e verificando a diferença de suas falas, considerar superiores as regiões que seguem o modelo desses escritores, tendo elas mais prestígio por utilizarem aquela língua, a florentina; e, para sermos mais precisos, é necessário ter uma visão geral de toda a Itália, e identificar exatamente todas suas cidades e vilas. Mas querendo escapar da confusão, dividiremos a Itália somente em suas províncias, como a Lombardia, a Romanha, a Toscana, a região de Roma e o Reino de Nápoles.

E, ao examinarmos bem cada uma dessas províncias, dar-nos-emos realmente conta das grandes diferenças que existem em suas falas; querendo ver qual é a razão disso, é preciso avaliar antes algumas das causas responsáveis pela semelhança que existe entre elas, o que leva os escritores hodiernos a afirmar que aqueles que escreveram no passado tinham falado nesta língua comum italiana; e sendo por isso que, no meio de tantas diferenças, nós nos entendemos.

Querem alguns que as línguas se distingam pela partícula afirmativa – que os italianos exprimem com *si*<sup>52</sup> – e que uma

---

<sup>50</sup> [N. d. T.] Alusão à época do ano em que o autor compôs a obra, o outono, estação em que se realiza a vindima.

<sup>51</sup> A Lombardia indica por extensão toda e Itália setentrional.

<sup>52</sup> *Sim*.

tre<sup>134</sup> pare che qualunque altro luogo ceda, perché la spagnuola<sup>135</sup> e la francese e la tedesca è meno in questo caso presuntuosa che la lombarda<sup>136</sup>. È necessario, fatto questo, considerare tutti li luoghi di Italia e vedere la differenza del parlar loro, e a quelli<sup>137</sup> dare più favore che a questi scrittori si confanno, e concedere loro più grado<sup>138</sup> e più parte in quella lingua e, se voi volete, bene distinguere tutta Italia e quante castella<sup>139</sup> non che città sono in essa. Però volendo fuggire questa confusione<sup>140</sup> divideremo quella solamente nelle sue Provincie<sup>141</sup>, come Lombardia, Romagna, Toscana, Terra di Roma e Regno di Napoli.

E veramente se ciascuna di dette parti saranno bene esaminate<sup>142</sup>, si vedrà nel parlare<sup>143</sup> di esse grandi differenze; ma a volere conoscere donde proceda questo è prima necessario vedere qualche ragione di quelle che<sup>144</sup> fanno che infra loro sia tanta similitudine, che questi che oggi scrivono vogliono che quelli che hanno scritto per lo addietro abbino parlato in questa lingua comune italiana<sup>145</sup>; e quale ragione fa che in tanta diversità di lingua noi ci intendiamo.

Vogliono alcuni che a ciascuna lingua dia termine la particola affermativa, la quale appresso alli Italiani con questa dizione *sí* è significata, e che per tutta quella provincia si intenda il medesimo parlare dove con un medesimo vocabolo parlando si afferma; e

---

<sup>134</sup> *per amore ... di questi tre*: per ammirazione linguistica verso questi tre.

<sup>135</sup> *la spagnuola*: sottint. *provincia*.

<sup>136</sup> *la lombarda* (sottint. *provincia*): l'Alta Italia.

<sup>137</sup> *quelli*: luoghi e parlari.

<sup>138</sup> *concedere ... grado*: dare più alto riconoscimento.

<sup>139</sup> *castella*: abitazioni del contado.

<sup>140</sup> *questa confusione*: di una ripartizione troppo minuziosa.

<sup>141</sup> *Provincie*: regioni.

<sup>142</sup> *ciascuna... bene esaminate*: concordanza «a senso».

<sup>143</sup> *nel parlare*: nelle parlate.

<sup>144</sup> *qualche ... che*: qualcuna di quelle ragioni che.

<sup>145</sup> *lingua comune italiana*: è la tesi dei settentrionali in genere, del Trissino in ispecie.

província em que haja a mesma palavra como afirmação, fale toda ela a mesma língua; e alegam a autoridade de Dante, que, quando quis indicar a Itália, nomeou-a com essa partícula *sì*, ao dizer:

Ah! Pisa opróbrio aos povos, residentes  
Na bela terra onde o *si* ressona!<sup>53</sup>

Isto é, da Itália. Os mesmos alegam ainda o exemplo da França, em que todo o país se chama França, mas que também é dita terra da língua d'*oil* e d'*oc*, o que para os Franceses exprime a mesma coisa que *sì* para os Italianos. Apresentam ainda como exemplo a língua alemã, que geralmente diz *ja*; e a inglesa, que geralmente diz *yes*. E impelidos talvez por esse raciocínio, muitos querem que qualquer escrevente ou falante na Itália, escreva e fale em uma única língua.

Alguns outros acham não ser esta partícula, *si*, aquela que regula a língua, pois se assim fosse também os Sicilianos e os Espanhóis seriam, no que diz respeito à fala, Italianos. Portanto, é necessário que a língua seja regulada de outra forma; e dizem também que, consideradas com atenção as oitos partes da oração em que cada fala se divide, ver-se-á que aquela que se chama verbo é a cadeia e o nervo da língua, e que a falta de grandes variações nessa parte, conquanto haja muitas variações nas outras, faria com que sempre exista uma inteligibilidade comum entre as línguas. Pois é o verbo, e a maneira em que o verbo é colocado entre os nomes, que nos faz entender aqueles nomes que nos parecem desconhecidos; assim, ao contrário, uma determinada língua torna-se outra, quando os verbos são diferentes, embora os termos possam ser parecidos. E como exemplo podemos tomar a Itália, que difere minimamente nos verbos, mas muitíssimo nos termos, pois cada italiano diz *amare*,

<sup>53</sup> “*Abi Pisa vituperio delle gentil Del bel paese là dove il sì suona*”; (Alighieri, Dante. *Divina Comédia*; Inferno, XXXIII, terceto 27, página 255. Tradução e notas de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006).

allegano l'autorità di Dante, il quale, volendo significare Italia, la nominò sotto questa particula *sí* quando disse:

*Abi Pisa vituperio delle genti del bel paese là dove il sí suona,*<sup>146</sup> cioè d'Italia. Allegano ancora l'esempio di Francia, dove tutto il paese si chiama Francia ed è detto ancora lingua d'*ui*<sup>147</sup> e d'*oc*, che significano appresso di loro quel medesimo che appresso li Italiani *sí*. Adducano ancora in exemplo tutta la lingua tedesca che dice *iò*<sup>148</sup> e tutta la Inghilterra che dice *jeb*<sup>149</sup>. E forse da queste ragione mossi vogliono molti di costoro che qualunque è in Italia che scriva o parli, scriva e parli in una<sup>150</sup> lingua.

Alcuni altri tengono che questa particula *sí* non sia quella che regoli la lingua, perché, se la regolasse, e i Siciliani e li Spagnuoli sarebbero ancor loro quanto al parlare Italiani. E però è necessario si regoli con altre ragioni; e dicono che chi considera bene le 8 parti de l'orazione nelle quali ogni parlar si divide troverà che quella che si chiama verbo è la catena e il nervo<sup>151</sup> de la lingua, e ogni volta che in questa parte non si varia<sup>152</sup>, ancora che nelle altre si variasse assai, conviene che le lingue abbino una comune intelligenza<sup>153</sup>. Perché quelli nomi che ci sono incogniti ce li fa intendere il verbo quale infra loro è collocato, e così per contrario dove li verbi sono differenti, ancora che vi fusse similitudine ne' nomi, diventa quella un'altra lingua. E per esempio si può dare<sup>154</sup> la provincia d'Italia, la quale è in una minima parte differente ne i verbi, ma ne i nomi differentissima, perché ciascuno Italiano dice

---

<sup>146</sup> *Abi ... suona: Inferno XXXIII 79-80.*

<sup>147</sup> *d'ui: d'oui.*

<sup>148</sup> *iò: ja.*

<sup>149</sup> *jeb: yes.*

<sup>150</sup> *in una: in un'unica.*

<sup>151</sup> *la catena e il nervo: il tessuto connettivo ed il nerbo.*

<sup>152</sup> *in questa parte non si varia: «cioè non c'è differenza tra lingua e lingua» (Trabalza); in questa parte: nel verbo.*

<sup>153</sup> *intelligenza: intelligibilità*

<sup>154</sup> *dare: citare, indicare.*

*stare e leggere*,<sup>54</sup> mas ninguém diz igualmente *deschetto, tavola e guastada*.<sup>55</sup> Com respeito aos pronomes, os mais importantes são diferentes, como *mi* ao invés de *io* e *ti* por *tu*.<sup>56</sup>

Uma outra diferença entre as línguas, mas não tão grande ao ponto de torná-las incompreensíveis, são a pronúncia e os acentos. Os Toscanos fecham todas as vogais de suas palavras, enquanto os Lombardos e os habitantes da Romanha cortam quase todas suas palavras fazendo com que terminem com uma consoante, como *pan* ao invés de *pane*.<sup>57</sup>

Consideradas então todas essas e outras diferenças presentes na língua itálica, querendo ver qual variedade dela é escrita de fato, e em qual língua tinham escrito os escritores de antigamente, é preciso, antes, ver de onde eram Dante e os primeiros escritores, e se eles escreveram em sua língua nativa, ou não; em seguida, examinar seus escritos, e mais alguma escritura florentina pura, ou lombarda, ou de outra província da Itália, contanto que seja totalmente natural e não artificial. A língua que seja mais compatível a seus escritos, aquela, acho eu, poderá ser considerada a língua em que eles escreveram.

De onde fossem aqueles primeiros escritores – exceto um, que era de Bolonha, outro, de Arezzo, outro ainda, de Pistoia;<sup>58</sup> e todos eles juntos não chegaram a compor dez canções – é coisa conhecidíssima: eles eram florentinos; entre eles, Dante, Petrarca, Boccaccio ocupam a primeira posição, e tão alta, que ninguém espera jamais alcançar uma parecida. Deles, Boccaccio afirma, em seu *Cento novelle*,<sup>59</sup> escrever em vulgar florentino; Petrarca,

---

<sup>54</sup> *Amar, estar e ler.*

<sup>55</sup> Três maneiras diferentes para dizer *mesa*.

<sup>56</sup> *Eu e tu.*

<sup>57</sup> *Pão.*

<sup>58</sup> Respectivamente, Guido Guinizzelli (1230-1276), Guittone d'Arezzo (1235-1294), Cino da Pistoia (1270-1336).

<sup>59</sup> O *Decamerão*: lê-se na introdução da quarta jornada: “*le presenti novelle [...] in fiorentin volgare scritte*” (“as presentes novelas [...] escritas em florentino vulgar”).

*amare, stare e leggere*, ma ciascuno di loro non dice già *deschetto, tavola e guastada*<sup>155</sup>. Intra i pronomi quelli che importano piú sono variati, sí come è *mi* in vece d'*io* e *ti* per *tu*.

Quello che fa ancora differenti le lingue, ma non tanto che le non s'intendino, sono la pronunzia e gli accenti. Li Toscani fermano<sup>156</sup> tutte le loro parole in su le vocali, ma li Lombardi e li Romagnuoli quasi tutte le sospendono su le consonanti, come è *pane* e *pan*.

Considerato adunque tutte queste e altre differenze che sono in questa lingua italica, a voler vedere quale di queste tenga la penna in mano e in quale abbino scritto gli scrittori antichi, è prima necessario vedere donde<sup>157</sup> Dante e gli primi scrittori furono e se essi scrissono nella lingua patria o se non vi scrissero; di poi arrecarsi innanzi i loro scritti, e appresso qualche scrittura mera fiorentina o lombarda o d'altra provincia d'Italia, dove non sia arte ma tutta natura; e quella che fia piú conforme alli scritti loro, quella si potrà chiamare, credo, quella lingua nella quale essi abbino scritto.

Donde quelli primi scrittori fussino, eccetto che uno bolognese, uno aretino e uno pistolese<sup>158</sup>, i quali tutti non aggiunsono<sup>159</sup> a X canzoni, è cosa notissima come e' furono fiorentini; intra li quali Dante, il Petrarca e il Boccaccio tengono il primo luogo, e tanto alto, che alcuno [non] spera piú aggiungervi<sup>160</sup>. Di questi, il Boccaccio afferma nel *Cento novelle*<sup>161</sup> di scrivere in volgar fiorentino; il Petrarca non so che ne parli<sup>162</sup> cosa alcuna; Dante, in

---

<sup>155</sup> *guastada*: caraffa.

<sup>156</sup> *fermano*: chiudono.

<sup>157</sup> *donde*: di dove, di qual luogo.

<sup>158</sup> *uno bolognese, uno aretino e uno pistoiese*: Guido Guinizelli, Guittone d'Arezzo, Cino da Pistoia.

<sup>159</sup> *aggiunsono a*: arrivarono a comporre.

<sup>160</sup> *aggiungervi*: giungere a cosí alto livello.

<sup>161</sup> *Cento novelle*: *Decameron*, giornata IV, introduzione: «... le presenti novelle ... in fiorentin volgare scritte».

<sup>162</sup> *parli*: dica.

não sei se alguma vez tenha dito algo a respeito; Dante, em seu livro *De Vulgari Eloquentia*,<sup>60</sup> em que condena toda a língua regional da Itália, afirma não ter escrito em florentino, mas em uma língua curial,<sup>61</sup> de forma que, acreditando em suas palavras, ficariam desacreditadas minhas observações anteriores, ou seja, de querer entender a partir de seus próprios exemplos em que eles teriam aprendido essa língua.

Pelo que diz respeito a Petrarca e a Boccaccio, eu não quero replicar nada, sendo um, em nosso favor, e outro, neutro; mas deter-me-ei a falar sobre Dante, que demonstrou ser um homem excelente quanto a intelecto, doutrina e capacidade de discernimento, exceto naquelas partes em que ele teceu reflexões acerca de sua pátria, que, aliás, ele difamou com toda espécie de injúrias, desdenhando qualquer humanidade e princípio filosófico. E não podendo fazer nada a não ser difamá-la, acusou-a de todos os vícios, condenou os homens, reprovou o sítio geográfico, falou mal de seus costumes e de suas leis; e não fez isso em uma parte só de seu poema,<sup>62</sup> mas em todo ele, e de várias e diferentes formas; tanto ofendeu-o a afronta do exílio, tanta vingança desejava ele, que injuriou sua pátria tanto quanto possível. E se, por sorte, houvesse acontecido algum dos males que ele profetizou contra Florença, ela deveria magoar-se mais de ter criado esse homem, que de qualquer outra de suas desgraças. Mas, ao contrário, quase que para desvendar as mentiras dele e para encobrir suas falsas calúnias com sua glória, a fortuna tornou-a sempre mais próspera e célebre por todos os cantos do mundo, e Florença encontra-se atualmente em uma condição de tanta paz e felicidade que, se Dante a visse, ou censuraria a si mesmo, ou então, novamente sucumbindo à sua inveja inata, desejaria, tendo ressuscitado, morrer de novo. Não é, portanto, de se admirar se ele, que sempre procurou difamar sua pátria, na língua também tenha querido

---

<sup>60</sup> Ver Prefácio.

<sup>61</sup> *De Vulgari Eloquentia*, I, 18.

<sup>62</sup> *A Divina Comédia*.

un suo libro ch'ei fa *De vulgari eloquio*<sup>163</sup>, dove egli danna tutta la lingua particolar d'Italia, afferma non avere scritto in fiorentino, ma in una lingua curiale; in modo che, quando e' se li avesse a credere, mi cancellerebbe l'obbiezioni che di sopra si feciono, di volere intendere da loro donde avevano quella lingua imparata.

Io non voglio, in quanto s'appartenga al Petrarca e al Boccaccio, replicare cosa alcuna, essendo l'uno in nostro favore e l'altro stando neutrale; ma mi fermerò sopra di Dante, il quale in ogni parte mostrò d'esser per ingegno, per dottrina e per giudizio uomo eccellente, eccetto che dove egli ebbe a ragionar della patria sua, la quale, fuori d'ogni umanità e filosofico istituto, perseguì con ogni spezie d'ingiuria.

E non potendo altro fare che infamarla, accusò quella d'ogni vizio, dannò gli uomini, biasimò il sito, disse male de' costumi e delle leggi di lei; e questo fece non solo in una parte de la sua Cantica<sup>164</sup>, ma in tutta, e diversamente e in diversi modi; tanto l'offese l'ingiuria dell'exilio, tanta vendetta ne desiderava, e però ne fece tanta quanta egli poté. E se, per sorte, de' mali ch'egli li predisse le ne fusse accaduto alcuno, Firenze arebbe piú da dolersi d'aver nutrito quell'uomo, che d'alcuna altra sua rovina. Ma la fortuna, per farlo mendace e per ricoprire con la gloria sua la calunnia falsa di quello, l'ha continuamente prosperata e fatta celebre per tutte le provincie del Mondo, e condotta al presente in tanta felicità e sí tranquillo stato, che, se Dante la vedessi, o egli accuserebbe se stesso, o ripercosso dai colpi di quella sua innata invidia vorrebbe, essendo risuscitato, di nuovo morire. Non è pertanto maraviglia se costui, che in ogni cosa accrebbe infamia a

---

<sup>163</sup> *De vulgari eloquio*: titolo improprio, dato dal codice Trivulziano usufruito dal Trissino, e da altri manoscritti ed edizioni, e presente ancora nel Manzoni. Il titolo esatto *De vulgari eloquentia*, dato dal codice Berlinese scoperto dal Bertalot nel 1917, era già noto al Villani e al Boccaccio. - Circa la deformazione della tesi linguistica dantesca da parte del Trissino, e circa la polemica antitrissiniana e antidantesca del Machiavelli, cfr. l'Introduzione e l'Appendice.

<sup>164</sup> *Cantica*: in questo caso: poema.

tirar dela aquela reputação que achava ele ter-lhe dado em seus escritos; e para não glorificá-la de forma alguma, compôs ele aquela obra, visando a demonstrar não ser a florentina a língua em que havia escrito. No que se refere a isso, no entanto, temos que acreditar nele tanto quanto que ele tenha encontrado Bruto na boca de Lúcifer, e cinco cidadãos florentinos entre os ladrões, e aquele seu Cacciaguida<sup>63</sup> no Paraíso, e outras tantas suas paixões e opiniões; a respeito das quais ele foi tão cego, que perdeu toda sua gravidade, doutrina e capacidade de discernimento, tornando-se um homem totalmente diverso; a tal ponto, que se ele tivesse vivido julgando as coisas sempre dessa forma, ou ele teria vivido sempre tranquilamente em Florença,<sup>64</sup> ou teria ele sido julgado louco e então exilado.

Mas, como as coisas que são tratadas com generalidade ou hipoteticamente podem ser facilmente criticadas, eu quero, com palavras vivas e verdadeiras, demonstrar ser sua língua integralmente florentina, e mais ainda que a de Boccaccio, que ele mesmo confessa ser florentina; e assim responder, em parte, àqueles que têm a mesma opinião de Dante.

A língua comum da Itália seria aquela em que se encontra mais do geral e menos do peculiar de alguma fala em especial; e, da mesma forma, uma língua regional seria aquela em que se encontra mais do seu próprio particular patrimônio linguístico que de qualquer outra língua; pois não se pode encontrar uma língua que diga cada coisa por si, sem ter pego algo das outras; de fato, quando homens de várias regiões conversam junto, pegam emprestado palavras uns dos outros. Além disso, quando novas doutrinas, ou novas artes, chegam a uma cidade, necessariamente virão com elas novos vocábulos, nascidos naquela língua de onde vieram aquelas doutrinas ou aquelas artes; mas, no ato de falar, modificar-se-ão, estando em contato com os modos, as

---

<sup>63</sup> Ancestral de Dante, que o poeta encontra no canto XVI do *Paraíso*.

<sup>64</sup> Pois se tratando de pessoa sem importância não teria sido preciso exilá-lo.

la sua patria, volse<sup>165</sup> ancora nella lingua torle quella riputazione la quale pareva a lui d'averle data ne' suoi scritti, e per non l'onorare in alcun modo compose quell'opera per mostrar quella lingua nella quale egli aveva scritto non esser fiorentina. Il che tanto se li debbe credere, quanto ch'ei trovassi Bruto in bocca di Lucifero maggiore<sup>166</sup>, e cinque cittadini fiorentini in tra i ladroni<sup>167</sup>, e quel suo Cacciaguida in Paradiso<sup>168</sup>, e simili sue passioni e oppinioni; nelle quali fu tanto cieco, che perse ogni sua gravità, dottrina e giudizio, e divenne al tutto un altro uomo; talmente che, s'egli avessi giudicato così ogni cosa, o egli sarebbe vivuto sempre a Firenze<sup>169</sup>, o egli ne sarebbe stato cacciato per pazzo.

Ma perché le cose che s'impugnano per parole generali o per conietture possono esser facilmente riprese<sup>170</sup>, io voglio a ragioni vive e vere mostrare come il suo parlare è al tutto fiorentino, e più assai che quello che il Boccaccio confessa per se stesso<sup>171</sup> esser fiorentino; e in parte rispondere a quelli<sup>172</sup> che tengono la medesima oppinione di Dante.

Parlare comune d'Italia sarebbe quello dove fussi più del comune che del proprio d'alcuna lingua; e similmente parlar proprio fia quello dove è più del proprio che di alcuna altra lingua; perché non si può trovare una lingua che parli ogni cosa per sé senza avere accattato da altri; perché, nel conversare gli

---

<sup>165</sup> *volse*: volle.

<sup>166</sup> *Bruto in bocca di Lucifero maggiore*: cfr. *inferno* XXXIV 64-66. - *maggiore*: principe dei demoni. (L'espressione ricorre in BOCCACCIO, *Decameron* VIII 2).

<sup>167</sup> *in tra i ladroni*: *Inferno* XXV 34 sgg.

<sup>168</sup> *Cacciaguida in Paradiso*: *Paradiso* XV, XVI, XVII.

<sup>169</sup> *sarebbe vivuto sempre a Firenze*: perché trattandosi di una personalità trascurabile non ci sarebbe stato bisogno di esiliarlo.

<sup>170</sup> *riprese*: censurate, biasimate. È un'obiezione che il Machiavelli fa a se stesso, per ovviarvi.

<sup>171</sup> *per se stesso*: di sua iniziativa, spontaneamente.

<sup>172</sup> *rispondere a quelli*: è evidente che la polemica del Machiavelli contro Dante è in funzione della polemica linguistica contro i contemporanei, (Trissino in primo luogo); la quale a sua volta muove da una sollecitudine prevalentemente politica (il primato linguistico di Firenze come coefficiente del suo primato politico).

declinações e os acentos da língua daquele lugar, entrando em consonância com seus vocábulos; que dessa forma tornar-se-ão seus próprios; pois de outra maneira as línguas pareceriam remendadas e não seriam harmoniosas. E assim os vocábulos estrangeiros convertem-se em florentinos, não os florentinos em estrangeiros; portanto, a nossa língua não se torna nenhuma outra a não ser a florentina. E disso depende o fato de que as línguas no começo se enriquecem, e tornam-se mais bonitas, sendo mais copiosas; mas é verdade também que, com o passar do tempo, pela abundância destas novas palavras, degeneram e tornam-se outra coisa; mas isso acontece em centenas de anos; e dessa coisa ninguém se dá conta se não depois que a língua encontra-se arruinada, em condições de extrema barbárie. Quando acontece de um novo povo vir habitar em uma nova província, essa mudança se dá mais rapidamente; nesse caso, a língua muda no decorrer de uma geração. Mas, seja qual for a forma para qual a língua mudar, é preciso, querendo restabelecer essa língua que se perdeu, que ela seja retomada por meio de bons escritores que nela escreveram, como se fez e se faz nas línguas latina e grega.

Mas, deixando para trás essa parte como não necessária, por não se encontrar ainda a nossa língua em sua fase de decadência, e voltando lá de onde eu parti, digo que uma língua pode ser chamada de comum em uma província, quando a maior parte de seus vocábulos com suas propriedades e determinações particulares não seja utilizada em alguma língua própria daquela região; e, também, uma língua será chamada de regional, quando a maior parte de seus vocábulos não seja utilizada em outra língua daquela província.

Para mostrar que isso que eu digo é verdade, e é verdade absoluta, gostaria de chamar Dante, para que ele me mostre o seu poema; e conhecendo eu algo da língua florentina escrita, perguntaria para ele o que há em seu poema que não seja escrito em florentino. E, como ele responderia que há muitas expressões vindas da Lombardia, ou criadas por ele, ou tiradas do latim...



uomini di varie provincie insieme<sup>173</sup>, prendono de' motti l'uno dell'altro. Aggiugnesi a questo che, qualunque volta viene<sup>174</sup> o nuove dottrine in una città o nuove arti, è necessario che vi venghino nuovi vocaboli, e nati in quella lingua donde quelle dottrine o quelle arti son venute; ma riducendosi, nel parlare, con i modi, con i casi, con le differenze e con gli accenti, fanno una medesima consonanza con i vocaboli di quella lingua che trovano, e così diventano suoi; perché altrimenti le lingue parrebbero rappezzate e non tornerebbono<sup>175</sup> bene. E così i vocaboli forestieri si convertono in fiorentini, non i fiorentini in forestieri; né però diventa altro la nostra lingua che fiorentina. E di qui dipende che le lingue da principio arricchiscono, e diventano più belle essendo più copiose; ma è ben vero che col tempo, per la moltitudine di questi nuovi vocaboli, imbastardiscono e diventano un'altra cosa; ma fanno questo in centinaia d'anni; di che altri non s'accorge se non poi che è rovinato in una estrema barbaria. Fa<sup>176</sup> ben più presto questa mutazione quando egli avviene che una nuova popolazione venisse ad abitare in una provincia. In questo caso ella fa la sua mutazione in un corso d'un'età d'un uomo<sup>177</sup>. Ma in qualunque di questi duoi modi che la lingua si muti, è necessario che quella lingua persa volendo<sup>178</sup> la sia riassunta per il mezzo di buoni scrittori che in quella hanno scritto, come si è fatto e fa della lingua latina e della greca.

---

<sup>173</sup> *nel conversare . . . insieme*: quando uomini di varie province conversano insieme. - Il significato del periodo è che «parlare comune» e «parlare proprio» (cioè particolare: regionale o municipale) sono espressioni da intendersi con discrezione: perché, a rigore, nessuna parlata è del tutto «comune» o del tutto «propria».

<sup>174</sup> *qualunque volta viene*: ogniqualvolta vengono.

<sup>175</sup> *tornerebbono*: riuscirebbero.

<sup>176</sup> *Fa*: *sogg. quando egli avviene che*; oppure: *una lingua* (sottinteso; e già nel periodo precedente dal plurale si è passati al singolare è *rovinato*).

<sup>177</sup> *in un corso d'un'età d'un uomo*: in un settantennio (durata media della vita umana); meno probabile: in un trentennio (durata di una generazione).

<sup>178</sup> *volendo*: volendo in qualche modo ripristinarla. - *sia riassunta*: sia fatta rivivere, sia ripresa. - La costruzione è ellittica; e non è da escludere una lacuna nel testo.

Mas como eu quero falar um pouco com Dante, colocarei os interlocutores frente a frente, para evitar “ele disse” e “eu respondi”.

N. Quais vocábulos tu tomaste da Lombardia?

D. Este daqui:

*In co del ponte presso a Benevento;*<sup>65</sup>

e este também:

*Con voi nascerà e s’asconderà vosco.*<sup>66</sup>

N. Quais tu tomaste dos Latinos?

D. Estes daqui, e muitos outros:

*Transumanare significare per verba.*<sup>67</sup>

N. E quais tu criaste?

D. Estes daqui:

*S’io m’intuassi come tu ti immii.*<sup>68</sup>

E todos estes vocábulos, misturados aos toscanos, formam uma terceira língua.

N. Está bem. Mas me diz: nesta tua obra, quantos são os vocábulos estrangeiros, ou latinos, ou criados por ti?

D. Nos dois primeiros livros há poucos, mas muitos no último, especialmente tirados dos Latinos, porque as várias doutrinas de que eu falo obrigam-me a pegar vocábulos adequados para expressá-las; e, não sendo isso possível que com termos latinos, eu os integrei de tal maneira às desinências, que se tornavam parecidos com a língua do resto da obra.

---

<sup>65</sup> “Que em frente à ponte, ao pé de Benevento”; *Purgatório*, III, terceto 43 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 288).

<sup>66</sup> “Convosco na carreira, em que se afana”; *Paraíso*, XXII, terceto 39 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 695).

<sup>67</sup> “Significar *per verba* não podendo/O que é transumanar o exemplo baste”; *Paraíso*, I, terceto 24 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 528).

<sup>68</sup> “Se eu visse em ti bem como em mim estás vendo”; *Paraíso*, IX, terceto 27 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 590).

Ma lasciando stare questa parte come non necessaria, per non essere la nostra lingua ancora nella sua declinazione<sup>179</sup>, e tornando donde io mi partii, dico che quella lingua si può chiamar comune in una provincia, dove la maggior parte de' suoi vocaboli con le loro circostanze non si usino in alcuna lingua propria di quella provincia; e quella lingua si chiamerà propria dove la maggior parte de' suoi vocaboli non s'usino in altra lingua di quella provincia.

Quando questo ch'io dico sia vero, che è verissimo, io vorrei chiamar Dante, che mi mostrasse il suo poema; e avendo appresso alcuno scritto in lingua fiorentina, lo domanderei qual cosa è quella che nel suo poema non fussi scritta in fiorentino. E perché e' risponderebbe che molte, tratte di Lombardia, o trovate da sé, o tratte dal latino...

Ma perché io voglio parlare un poco con Dante, per fuggire *egli disse ed io risposi* metterò gl'interlocutori<sup>180</sup> d'avanti.

N<sup>181</sup>. Quali traesti tu di Lombardia?

D<sup>182</sup>. Questo:

*In co del ponte presso a Benevento;*<sup>183</sup>

e quest'altro:

*Con voi nascerà e s'asconderà vosco.*<sup>184</sup>

---

<sup>179</sup> *declinazione*: parabola discendente, decadenza, tramonto.

<sup>180</sup> *metterò gl'interlocutori ...*: l'urgenza del pensiero e della passione e il carattere serrato e stringato della dialettica machiavellesca esigono a questo punto la sostituzione del dialogo ai modi della prova espositiva. - *metterò*: la variante *noterò* data dal ms Vaticano e dal Casella trova rispondenza in un passo analogo dell'*Arte della guerra* (p. 268A: *si noteranno*); ma preferiamo attenerci coerentemente all'apografo Ricci, per di più suffragato in questo caso dal codice frammentario B.

<sup>181</sup> N.: Niccolò. - *Quali*: sottint. delle *cose ... scritte* menzionate nel penultimo periodo che precede: cioè quali parole; ma qui e più sotto si passa dal femminile al maschile, perché nella mente dello scrittore al termine *parole* si è venuto surrettiziamente sostituendo il termine *vocaboli*.

<sup>182</sup> D.: Dante.

<sup>183</sup> *In co ...*: *Purgatorio* III 128.

<sup>184</sup> *Con voi ...*: *Paradiso* XXII 115 (lez. esatta: *nasceva e s'ascondeva*: ma un codice della

N. Que língua é aquela da obra?

D. Curial.

N. O que quer dizer curial?

D. Quer dizer a língua falada pelos homens da corte do Papa ou do Duque, os quais, sendo homens letrados, falam melhor de que se fala em qualquer região da Itália.

N. Tu estás mentindo. Pois me diz: o que significa, naquela língua curial, *morse*?<sup>69</sup>

D. Significa *mori*.

N. Em florentino o que significa?

D. Significa apertar alguém com os dentes.

N. Quando tu dizes em teus versos:

*E quando il dente longobardo morse,*<sup>70</sup>

o que significa aquele *morse*?

D. *Punse, offese e assaltò*:<sup>71</sup> que é uma translação tirada daquele *mordere*<sup>72</sup> que dizem os Florentinos.

N. Então tu falas em florentino e não na língua curial.

D. Isso é em parte verdade; mesmo assim, eu tomo cuidado de não usar certos vocábulos especificamente nossos.

N. Mas como tu tomas cuidado? Quando tu dizes:

*forte spingeva con ambe le piote,*<sup>73</sup>

esse *spingere*<sup>74</sup> o que quer dizer?

---

<sup>69</sup> *Morreu* em língua curial; *mordeu* em florentino.

<sup>70</sup> “Quando, mordida por lombardo inimigo”; *Paraíso*, VI, terceto 32 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 567 ).

<sup>71</sup> *Pungir, ofender, assaltar*.

<sup>72</sup> *Morder*.

<sup>73</sup> “Agitava os dois pés com mor braveza”; *Inferno*, XIX, terceto 40 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 150).

<sup>74</sup> *Escocear*; no italiano atual, *empurrar*.



N. Quali traesti tu da i Latini?

D. Questi, e molti altri:

*Transumanare significare per verba.*<sup>185</sup>

N. Quali trovasti da te?

D. Questi:

*S'io m'intuassi come tu ti immii.*<sup>186</sup>

Li quali vocaboli, mescolati tutti con li toscani, fanno una terza lingua.

N. Sta bene. Ma dimmi: in questa tua opera come<sup>187</sup> vi sono di questi vocaboli o forestieri o trovati da te o latini?

D. Nelle prime due cantiche ve ne sono pochi, ma nell'ultima assai, massime dedotti da i Latini, perché le dottrine varie di che io ragiono mi costringono a pigliare vocaboli atti a poterle esprimere; e non si potendo se non con termini latini, io gli usavo, ma li deducevo in modo con le desinenze, ch'io gli facevo diventare simili a la lingua del resto de l'opera.

N. Che lingua è quella dell'opera?

D. Curiale.

N. Che vuol dir curiale?

D. Vuol dire una lingua parlata da gl' uomini di corte del Papa, del Duca, i quali, per essere uomini litterati, parlano meglio che non si parla nelle terre particolari d'Italia.

N. Tu dirai le bugie. Dimmi un poco: che vuol dire in quella lingua curiale *morse*?

D. Vuol dire *morí*.

N. In fiorentino che vuol dire?

---

*Commedia reca nasea, e un altro nascera*).

<sup>185</sup> *Transumanare ...: Paradiso I 70* (lez. esatta: *Trasumanar significar*: ma la lezione *transumanar* è in molti codici del poema).

<sup>186</sup> *S'io m'intuassi ...: Paradiso IX 81* (*ti immii*: lez. esatta: *t'immii*: ma la forma assimilata è in codici autorevoli del poema).

<sup>187</sup> *come*: in quale misura e proporzione.

D. Em Florença tem-se o costume de dizer, quando um animal escoiceia, *ella spicca una coppia di calci*;<sup>75</sup> e como eu quis mostrar que aquele lá escoiceava, disse *spingeva*.

N. Diz-me: tu dizes, querendo também dizer *le gambe*,<sup>76</sup>  
*E quello che spingeva con le zanche*;<sup>77</sup>  
por que tu dizes isso?

D. Porque em Florença se chamam *zanche* aquelas hastes sobre as quais vão os *spiritelli* na festa de São João,<sup>78</sup> como então elas são chamadas de *gambe*, eu querendo significar *gambe* disse *zanche*.

N. Realmente, tu evitas mesmo os vocábulos florentinos! Mas me diz: mais para a frente, quando tu dizes:

*Non prendete mortali i voti a ciancie*,<sup>79</sup>

por que tu dizes *ciancie*,<sup>80</sup> como os Florentinos, e não *zanze*, como os Lombardos, tendo já dito *vosco* e *co del ponte*?<sup>81</sup>

D. Não disse *zanze* para não usar um vocábulo bárbaro como aquele; mas disse *co* e *vosco*, por um lado porque não são elas palavras tão bárbaras, por outro porque em uma obra grande é lícito usar de vez em quando uma palavra estrangeira, como Virgílio fez ao dizer:

*Troica gaza per undas*.<sup>82</sup>

---

<sup>75</sup> *Ela desfere um par de coices.*

<sup>76</sup> *As pernas.*

<sup>77</sup> “Senão quando daquele, que gemia/Pelos pés, conseguiui aproximar-se”; *Inferno*, XIX, terceto 15 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 147).

<sup>78</sup> Chamavam-se de *spiritelli* os atores que, durante os festejos de São João Batista (24 de junho), o padroeiro de Florença, caminhavam com pernas de pau por cima da multidão, parecendo andar no ar, pairando acima dela.

<sup>79</sup> “Se o voto é tal na gravidade sua”; *Paraíso*, V, terceto 21 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 559).

<sup>80</sup> *Conversa fiada, prosa.*

<sup>81</sup> Ver notas 16 e 17.

<sup>82</sup> *Eneida*, I, 119.

D. Vuol dire strignere uno con i denti.

N. Quando tu di' ne' tuoi versi:

*E quando il dente longobardo morse, che vuol dire quel morse?*<sup>188</sup>

30 D. *Punse, offese e assaltò*: che è una translazione dedotta da quel *mordere* che dicono i Fiorentini.

N. Adunque parli tu in fiorentino e non cortigiano.

D. Egli è vero in maggior parte ; pure io mi riguardo di non usare certi vocaboli nostri proprii.

N. Come te ne riguardi? Quando tu di':

*forte spingeva con ambe le piote*,<sup>189</sup> questo *spingere* che vuol dire?

D. In Firenze s'usa dire, quando una bestia trae de' calci, *ella spicca una coppia di calci*; e perché io volsi mostrare come colui traeva de' calci, dissi *spingeva*.

N. Dimmi: tu di' ancora volendo dire *le gambe*,

*E quello che spingeva con le zanche*,<sup>190</sup>

perché lo di' tu?

D. Perché in Firenze si chiamono *zanche* quelle aste sopra le quali vanno gli spiritelli<sup>191</sup> per Santo Giovanni, e perché allora e' l'usano per *gambe*, e io volendo significare *gambe* dissi *zanche*.

N. Per mia fe' tu ti guardi assai bene da i vocaboli fiorentini. Ma dimmi, piú là, quando tu di':

*Non prendete mortali i voti a ciancie*,<sup>192</sup>

<sup>188</sup> *E quando il dente ...: Paradiso VI 94.*

<sup>189</sup> *Forte spingeva...: Inferno XIX 120* (lez. esatta: *spingava*; variante tarda *springava*; ma la lez. *spingeva* è rintracciabile in qualche codice).

<sup>190</sup> *E quello che ...: Inferno XIX 45* (lez. esatta: *di quel che si piangeva con la zanca*; «In sé accettabile la var. *pingeva* ... Ma potrebbe anticipare *spingava* del v. 120» [Petrocchi]).

<sup>191</sup> *spiritelli*: folletti

<sup>192</sup> *Non prendete...: lez. esatta: Non prendan li mortali il voto a ciancia. - Paradiso V 64.*

N. Está bem; mas então, pode-se dizer, por isso, que Virgílio não escreveu em latim?

D. Não.

N. E igualmente tu, por ter dito *co* e *vosco*, não abandonaste a tua língua. Mas nós estamos em uma disputa vã, pois tu próprio admites, em vários pontos de tua obra, falar toscano e florentino. Tu não dizes, de alguém que o ouviu falar no Inferno:

*Ed egli intese la parola tosca;*<sup>83</sup>

e alhures, nas palavras de Farinata, enquanto ele fala contigo:

*La tua loquela ti fa manifesto*

*di quella dolce patria natio*

*alla qual forse fui troppo molesto.*<sup>84</sup>

D. É verdade, eu disse tudo isso.

N. Por que então tu dizes que não fala florentino? Mas eu quero convencer-te com os livros na mão e comparando; vamos ler então essa tua obra e o *Morgante*.<sup>85</sup> Lê, vai.

D. *Nel mezzo del cammin di nostra vita*

*mi ritrovai per una selva oscura*

*che la diritta via era smarrita.*<sup>86</sup>

N. Basta. Lê agora o *Morgante*.

D. Onde?

N. Onde tu quiseres. Lê aí, a esmo.

---

<sup>83</sup> “Tendo vozes toscanas escutado”; *Inferno*, XXIII, terceto 26 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 177).

<sup>84</sup> “Por teu falar me está bem manifesto/Que nessa nobre pátria tens nascido,/A fora eu talvez assaz molesto”; *Inferno*, X, terceto 9 (trad. de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 82).

<sup>85</sup> Poema épico-cavaleresco do poeta florentino Luigi Pulci (1432-1484).

<sup>86</sup> “Da nossa vida em meio da jornada/Achei-me numa selva tenebrosa/Tendo perdido a verdadeira estrada”; *Inferno*, I, terceto 1 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 17)



perché di' tu *ciancie* come i fiorentini e non *zanze* come i Lombardi, avendo detto *vosco*<sup>193</sup> e *co del ponte*?

D. Non dissi *zanze* per non usare un vocabolo barbaro come quello; ma dissi *co* e *vosco*, sí perché non sono vocaboli sí barbari, sí perché in una opera grande è lecito usare qualche vocabolo esterno, come fe' Vergilio quando disse:

*Troica gaza per undas.*<sup>194</sup>

N. Sta bene; ma fu egli per questo che Virgilio non scrivesse in latino?

D. No.

N. E cosí tu ancora, per aver detto *co* e *vosco*, non hai lasciata la tua lingua. Ma noi facciamo una disputa vana, perché nella tua opera tu medesimo in piú luoghi confessi di parlare toscano e fiorentino. Non di' tu di uno che ti sentí parlare nell'Inferno:

*Ed egli ch'intese la parola tosca*<sup>195</sup>

e altrove, in bocca di Farinata, parlando egli teco:

*La tua loquela ti fa manifesto di quella dolce patria natio  
alla qual forse fui troppo molesto.*<sup>196</sup>

D. Gli è vero ch'io dico tutto cotesto.

N. Perché di' dunque di non parlar fiorentino? Ma io ti voglio convincere co i libri in mano e con il riscontro; e però leggiamo questa tua opera e il *Morgante*. Leggi su.

D. *Nel mezzo del cammin di nostra vita mi ritrovai per una selva oscura che la diritta via era smarrita.*<sup>197</sup>

N. E' basta. Leggi un poco ora il *Morgante*.

D. Dove?

<sup>193</sup> *vosco*: Paradiso XXII 115. - *co*: Purgatorio III 128.

<sup>194</sup> *Troica gaza per undas*: Aeneidon I 119 (lez. esatta: *Troia*). - *gaza*: termine persiano e significa tesoro, ricchezza.

<sup>195</sup> *Ed egli ch'intese ...*: lez. esatta: *E un che 'ntese*. - Inferno XXIII 76.

<sup>196</sup> *La tua loquela ... molesto*: Inferno X 25 sgg. (lez. esatta: *nobil patria*).

<sup>197</sup> *Nel mezzo ... smarrita*: Inferno I I-3.

D. Bom:

*Non chi comincia ha meritato è scritto  
nel tuo santo Vangel benigno Padre.*<sup>87</sup>

N. Pois então, que diferença há entre sua língua e esta?

D. Pouca.

N. Nenhuma, me parece.

D. Aqui... pois há algo aqui.

N. O quê?

D. Este *chi*<sup>88</sup> é demasiado florentino.

N. Tu serás obrigado a retratar-te: tu não dizes:

*io non so chi tu sia, né per qual modo  
venuto sei quaggiù, ma fiorentino...?*<sup>89</sup>

D. É verdade, eu estou errado.

N. Meu querido Dante, eu quero que tu te corrijas, e que reflitas melhor sobre a fala florentina e a tua obra; e tu verás que se alguém tiver que ficar envergonhado, será antes Florença que tu; pois se pensares sobre o que disseste, tu verás que em teus versos não te esquivaste a valer-te de expressões deselegantes, como em:

*Poi ci partimmo e n'andavamo in (trocque);*<sup>90</sup>  
nem a utilizar-te do vulgar, como em:  
*Che merda fa di quel che si trangugia,*<sup>91</sup>

---

<sup>87</sup> *Morgante*, XXIV, 18. “Não quem começa mereceu, está escrito, Pai bondoso, em teu santo Evangelho”

<sup>88</sup> Quem.

<sup>89</sup> “Não sei quem sejas, não sei como note/Tua presença aqui, por florentino/Te ouvindo a língua, é força que te adote”; *Inferno*, XXXIII, terceto 4 (trad. de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 252).

<sup>90</sup> “Assim falando, a passo igual seguia”; *Inferno*, XX, terceto 43 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 158).

<sup>91</sup> “Onde o alimento de feição varia”; *Inferno*, XXVIII, terceto 9 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 214).



N. Dove tu vuoi. Leggi costí a caso.

D. Ecco:

*Non chi comincia ha meritato è scritto nel tuo santo Vangel  
benigno Padre.*<sup>198</sup>

N. Or ben che differenza è da quella tua lingua a questa?

D. Poca.

N. Non mi ce ne par veruna.

D. Qui è pur non so che.

N. Che cosa?

D. Quel *chi* è troppo fiorentino.

N. Tu farai a ridirti<sup>199</sup>: o non di' tu:

*Io non so chi tu sia, né per qual modo venuto sei quaggiú,  
ma fiorentino...?*<sup>200</sup>

D. Egli è il vero e ho il torto.

N. Dante mio, io voglio che tu t'emendi, e che tu consideri meglio il parlar fiorentino e la tua opera, e vedrai che se alcuno s'arà da vergognare, sarà piú tosto Firenze che tu; perché se considererai bene a quel che tu hai detto, tu vedrai come ne' tuoi versi non hai fuggito il goffo, come è quello:

*Poi ci partimmo e n'andavamo in [trocque]*<sup>201</sup>

Non hai fuggito il porco, come quello:

*Che merda fa di quel che si trangugia;*<sup>202</sup>

non hai fuggito l'osceno, come è:

*Le mani alzò con ambedue le fiche;*<sup>203</sup>

<sup>198</sup> *Non chi comincia ... Padre*: PULCI, *Morgante* XXIV.

<sup>199</sup> *Tu farai a ridirti*: tu dovrai disdirti, ritrattare quel che dici.

<sup>200</sup> *Io non so ... ma fiorentino*: *Inferno* XXXIII 10 sgg. (lez. esatta: chi tu *se'*, né per *che* modo venuto *se' qua giú*).

<sup>201</sup> *Poi ci partimmo ...*: *Inferno* XX 130 (lez. esatta: *Sí mi parlava ed andavamo introcque*).

<sup>202</sup> *Che merda fa ...*: *Inferno* XXVIII 27.

<sup>203</sup> *Le mani alzò ...*: *Inferno* XXV 2 (le due lezioni *ambedue* e *amendue* sono Suffragate

e que nem sequer desprezaste o obsceno, como em  
*Le mani alzò con ambedue le fiche.*<sup>92</sup>

E não tendo te esquivado a isso, o que traz desonra para toda tua obra, tu não podes ter deixado de usar infndos vocábulos pátrios, que só se usam naquela,<sup>93</sup> pois a arte não pode ignorar por completo a natureza. Além disso, eu quero que tu consideres que as línguas não podem ser simples, mas que elas se misturam convenientemente com outras línguas. Mas, aquela língua que molda para seu próprio uso os vocábulos que acolheu de outros idiomas, e que será tão forte ao ponto de transformar os vocábulos recebidos, e não o contrário, será de uma única pátria; pois aquilo que ela pega dos outros, desenvolve-o de uma forma que parece dela mesma. E aqueles que escrevem naquela língua como amantes dela, devem fazer aquilo que tu fizeste, mas não dizer aquilo que tu disseste; pois se tu tomaste dos Latinos e dos estrangeiros muitos vocábulos, fizeste muito bem; mas erraste ao dizer que por isso ela tornou-se uma outra língua. Diz Horácio:

*Quum lingua Catoni [et Ennî]  
Sermonem patrium dictavit;*<sup>94</sup>

E elogia-os [Catão e Ênio] por terem sido os primeiros que começaram a enriquecer a língua latina. Em seus exércitos, os Romanos não possuíam mais que duas legiões compostas por Romanos legítimos, o que equivale a cerca de doze mil homens; além destes, havia 20 mil de outras nações; mesmo assim, por eles constituírem, junto com seus chefes, a força maior do exército, atuando todos sob a ordem e a disciplina romana, esses exércitos tinham o nome, a autoridade e a dignidade romana. E tu, que colocaste em teus escritos 20 legiões de vocábulos florentinos e que usas os casos, os tempos, os modos e as desinências florentinas,

---

<sup>92</sup> “Ambas as mãos, que figuravam figas”; *Inferno*, XXV, terceto 1 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 190).

<sup>93</sup> Na tua pátria (e na tua obra).

<sup>94</sup> *Ars Poetica*, 56-57. “A língua de Catão e de Ênio enriqueceu a expressão pátria”.

e non avendo fuggito questo, che disonora tutta l'opera tua, tu non puoi aver fuggito infiniti vocaboli patrii che non s'usano altrove che in quella, perché l'arte non può mai in tutto repugnare a la natura. Oltre di questo io voglio che tu consideri come le lingue non possono esser semplici, ma conviene che sieno miste con l'altre lingue. Ma quella lingua si chiama d'una patria, la quale convertisce i vocaboli ch'ella ha accattati da altri nell'uso suo, ed è sí potente, che i vocaboli accattati non la disordinano, ma ella disordina loro; perché quello ch'ella reca da altri lo tira a sé in modo, che par suo. E gli uomini che scrivono in quella lingua come amorevoli di essa debbono far quello ch'hai fatto tu, ma non dir quello ch'hai detto tu; perché se tu hai accattato da' Latini e da' forestieri assai vocaboli, se tu n'hai fatti de' nuovi, hai fatto molto bene; ma tu hai fatto male a dire che per questo ella sia diventata un'altra lingua. Dice Orazio *quum lingua Catonis* [et Ennî] *sermonem patrium dictavit*;<sup>204</sup> e lauda quelli come li primi che cominciano ad arricchire la lingua latina. I Romani ne gli exerciti loro non avevono piú che 2 legioni di Romani, quali erono circa dodicimila persone, e di poi vi avevono ventimila de l'altre nazioni; nondimeno, perché quelli erano con li lor capi l'nervo de l'exercito, perché militavano tutti sotto l'ordine e disciplina romana, teneano quelli exerciti il nome, l'autorità e dignità romana. E tu che hai messo ne' tuoi scritti venti legioni di vocaboli fiorentini e usi i casi, i tempi e i modi e le desinenze fiorentine, vuoi che li vocaboli adventizii faccino mutar la lingua? E se tu la chiamassi o comune d'Italia o cortigiana perché in quella si usassino tutti li verbi che s'usano in Firenze, ti rispondo che, se si sono usati li medesimi verbi, non s'usano i medesimi termini, perché si variano tanto con la pronunzia, che diventono un'altra cosa. Perché tu sai che i forestieri<sup>205</sup> o e' pervertano il *c* in *z*, come di sopra si disse di *cianciare* e *zanzare*, o eglino aggiungano lettere, come *verrà*,

---

ciascuna da buoni codici).

<sup>204</sup> *quum lingua ... dictavit*: *Ars Poetica* 56-57 (lez. esatta: *ditaverit*).

<sup>205</sup> *forestieri*: non toscani.

tu pretendes que os vocábulos adventícios consigam mudar a língua? E se tu a chamasse de língua comum da Itália, ou língua cortesã, usando-se nela todos os verbos que se usam em Florença, eu responderia que, se nela se usaram os mesmos verbos, não se usam, todavia, as mesmas palavras, pois sua pronúncia deixa-as tão diferentes que se tornam uma outra coisa. Pois tu sabes que os estrangeiros ou mudam o *c* em *z*, como antes dissemos de *cianciare* e *zanzare*;<sup>95</sup> ou acrescentam letras, como em *verrà*, *vegnirà*;<sup>96</sup> ou então tiram letras, como em *poltrone* e *poltron*;<sup>97</sup> tanto assim, que aqueles vocábulos que são parecidos com os nossos desfiguram-nos de tal forma, que os transformam em uma outra coisa. E se tu me apresentasses o exemplo da fala curial, eu responderia que, se tu estiveres falando das cortes de Milão e de Nápoles, todas tomam algo do lugar de sua pátria, e que as melhores são aquelas que mais se aproximam do toscano e que mais o imitam; e se tu disseres que o imitador é melhor que o imitado, tu dizes algo que na maioria das vezes não existe. Mas, se tu te referes à corte de Roma, tu estás citando um lugar em que se fala de muitas maneiras, dependendo das várias nações ali representadas; e não é absolutamente possível colocar regra alguma. E eu fico admirado que tu queiras que aconteça isso justo lá, onde não se faz nenhuma coisa louvável, ou mesmo boa; pois onde os costumes são perversos, a língua será perversa, e reproduzirá em si aquela efeminada lascívia que têm aqueles que a usam. Mas, aquilo que engana muitos a respeito dos vocábulos comuns é o fato de muitas das nossas palavras terem sido aprendidas por muitos estrangeiros, e por eles utilizadas; de maneira que esses vocábulos, nossos, tornaram-se comuns, graças às celebrações e às leituras que se deram em vários lugares de suas obras, Dante, e das dos outros. E se tu quiseres verificar isso, olha para um livro escrito depois de vós, e verá quantos vocábulos dos vossos eles

---

<sup>95</sup> Ver nota 31.

<sup>96</sup> Virá.

<sup>97</sup> Medroso, vil.

vegnirà, o e' ne lievano, come *poltrone* e *poltron*; talmente che quegli vocaboli che son simili a' nostri gli storpiano in modo, che gli fanno diventare un'altra cosa. E se tu mi allegassi il parlar curiale, ti rispondo, se tu parli de le corti di Milano o di Napoli, che tutte tengono del luoco de la patria loro, e quelli hanno piú di buono che piú s'accostano al toscano e piú l'imitano; e se tu vuoi ch'è sia migliore l'imitatore che l'imitato, tu vuoi quello che il piú delle volte non è. Ma se tu parli della corte di Roma<sup>206</sup>, tu parli d'un luogo dove si parla di tanti modi, di quante nazioni vi sono, né se li può dare in modo alcuno regola. Di poi io mi maraviglio di te, che tu voglia, dove non si fa cosa alcuna laudabile o buona, che vi si faccia questa; perché dove sono i costumi perversi conviene che il parlare sia perverso e abbia in sé quello effeminato lascivo che hanno coloro che lo parlano. Ma quello che inganna molti circa i vocaboli comuni è che, tu e gli altri che hanno scritto essendo stati celebrati e letti in varii luoghi, molti vocaboli nostri sono stati imparati da molti forestieri e osservati da loro, tal che de proprii nostri son diventati comuni. E se tu vuoi conoscer questo, arrecati innanzi un libro composto da quelli forestieri che hanno scritto dopo voi<sup>207</sup>, e vedrai quanti vocaboli egli usano de' vostri, e come e' cercano d'imitarvi. E per aver riprova di questo fa lor leggere libri composti dagli uomini loro avanti che nascesto voi, e si vedrà che in quelli non fia né vocabolo né termine<sup>208</sup>; e così apparirà che la lingua in che essi oggi scrivano è la vostra, e per conseguenza vostra, e la vostra non è comune con la loro. La qual lingua ancora che con mille sudori cerchino d'imitare, nondimeno, se leggerai i loro scritti, vedrai in mille luoghi essere da loro male e perversamente usata, perché gli è impossibile che l'arte possa piú che la natura.

<sup>206</sup> *corte di Roma*: la cui lingua era, com'è noto, proposta come da adottarsi per lingua ufficiale d'Italia dal Calmeta, secondo l'interpretazione del Bembo, contraddetta peraltro dal Castelvetro.

<sup>207</sup> *voi*: cioè Dante, Petrarca e Boccaccio.

<sup>208</sup> *né vocabolo né termine*: intende che v'erano solo voci barbaramente dialettali.

usam, e como procuram imitá-los. E para poder comprovar isso, faz com que eles leiam livros escritos por concidadãos deles, antes de vós nascerem, e tu constatarás que naqueles livros não existe uma palavra, nem termo algum vosso; e assim ficará claro que a língua em que eles escrevem hoje é a vossa, e por vossa causa, e que a vossa língua não é comum à deles. E essa mesma língua, embora com muito trabalho eles tentem imitar, mesmo assim, ao ler seus escritos, tu poderás em muitos pontos ver como eles a usam mal, e perversamente, pois é impossível que a arte tenha mais força que a natureza.

Reflete sobre mais uma coisa, se tu queres ver a dignidade de tua língua pátria: que os estrangeiros que escrevem, se querem escrever de um assunto novo, onde não haja exemplo de palavras aprendidas convosco, são obrigados a recorrer ao toscano; ou seja, se eles usam seus próprios vocábulos, que os ajustem e estendam conforme o uso toscano, pois diversamente nem eles, nem outros, os aprovariam. E como eles dizem que todas as línguas pátrias, se não houver mistura alguma, são feias, de maneira que nenhuma seria feia, então eu digo ainda que aquela que menos necessita ser misturada é mais louvável, e não resta dúvida que esta língua é a florentina. E digo mais: digo que se escrevem muitas coisas que não são bonitas, se não se utilizam os termos e as expressões idiomáticas locais. Como no caso das comédias; pois, ainda que a finalidade das comédias seja apresentar um espelho de uma vida privada, mesmo assim sua forma de fazê-lo é com uma certa graciosa comicidade e com palavras que promovam o riso, de maneira que os homens, voltando-se para este prazer, possam saborear o exemplo útil que está nelas. E por isso as pessoas com quem dificilmente possam ser pessoas sérias a tratam;<sup>98</sup> pois não pode haver gravidade em um serviçal fraudulento, em um velho ludibriado, em um jovem fora de si por amor, em uma puta lisonjeadora, em um parasita guloso; mas dessa composição de homens resultam efeitos sérios e úteis para a nossa vida. Mas,

---

<sup>98</sup> Trecho não claro, devido talvez a um dano do texto.

Considera ancora un'altra cosa, se tu vuoi vedere la dignità de la tua lingua patria: che i forestieri che scrivano, se prendano alcuno soggetto nuovo, dove non abbino exemplo di vocaboli imparati da voi, di necessità conviene ch'è ricorrino in Toscana; o vero, s'è prendano vocaboli loro, gli spianino e allarghino all'uso toscano, che altrimenti né loro né altri gli approverebbono. E perché è dicano che tutte le lingue patrie son brutte s'elle non hanno del misto, di modo che veruna<sup>209</sup> sarebbe brutta, ma dico ancora che quella che ha di esser mista men bisogno è piú laudabile, e senza dubbio ne ha men bisogno la fiorentina. Dico ancora come si scrivano molte cose che senza scrivere i motti e i termini proprii patrii<sup>210</sup> non sono belle. Di questa sorte sono le commedie; perché ancora che il fine d'una commedia sia proporre uno specchio d'una vita privata, nondimeno il suo modo del farlo è con certa urbanità e termini che muovino riso, acciò che gli uomini, correndo a quella delectazione, gustino poi l'exemplo utile che vi è sotto. E perciò le persone con chi difficilmente possano essere persone gravi la trattano; perché non può esser gravità in un servo fraudolente, in un vecchio deriso, in un giovane impazzato d'amore, in una puttana lusinghiera, in un parasito goloso; ma ben ne risulta di questa composizione d'uomini effetti gravi e utili alla vita nostra. Ma perché le cose sono trattate ridicolamente, conviene usare termini e motti che facciano questi effetti; i quali termini, se non sono proprii e patrii, dove sieno soli interi e noti, non muovono<sup>211</sup> né posson muovere. Donde nasce che uno che non sia toscano non farà mai questa parte bene, perché se vorrà dire i motti de la patria sua farà una veste rattoppata, facendo una composizione mezza toscana e mezza forestiera; e qui si conoscerebbe che lingua egli avessi imparata, s'ella fusse comune o propria. Ma se non gli vorrà usare, non sappiendo quelli di Toscana, farà una

---

<sup>209</sup> *veruna* ...: nessuna sarebbe brutta, perché tutte hanno del misto.

<sup>210</sup> *proprii patrii*: idiomatici locali.

<sup>211</sup> *non muovono*: non sono efficaci.

como as coisas são tratadas de forma ridícula, é justo usar termos e expressões que produzam esses efeitos; os quais termos, se não são idiomáticos, e pertencentes a uma língua, na qual somente podem ser homogêneos e verdadeiramente integrados, não funcionam, nem podem funcionar. E disso deriva o fato de que ninguém que não seja toscano nunca fará bem esta parte, pois querendo dizer as pilhérias de sua língua dará vida a uma forma remendada, compondo uma obra meio toscana, meio estrangeira; e nesse momento ficaria claro qual língua ele aprendeu, seja ela a comum ou a sua própria. Mas, se ele não quiser usá-la, não conhecendo a língua toscana, ele fará uma coisa defeituosa, sem perfeição alguma. E, como prova disso, eu quero que tu leias uma comédia feita por um dos Ariostos de Ferrara;<sup>99</sup> e verás uma composição graciosa e um estilo elegante e ordenado; verás um enredo bem organizado e melhor concluído; mas a verás desprovida daquele tempero que busca uma comédia desse tipo, e exatamente pela razão que eu disse antes, porque o autor não gostava dos chistes de Ferrara e não conhecia os de Florença, ao ponto que não os utilizou. Usou expressões da língua comum – e comum ainda, acho eu, por intermediação florentina –, quando disse que um doutor de barrete longo pagaria *doppioni* por uma sua dama.<sup>100</sup> Usou também uma expressão de Ferrara, o que mostra como fica feio misturar a língua de Ferrara com o toscano: em uma cena, dizendo uma personagem não querer falar ali onde houvesse ouvidos a espreita, a faz responder que não falassem onde houvesse *bigonzoni*;<sup>101</sup> e um gosto apurado sabe quanto fica ultrajado, lendo ou ouvindo dizer *bigonzoni*. Vê-se facilmente, neste daqui e em muitos outros pontos da peça, com quanta dificuldade ele mantém a dignidade daquela língua que ele remendou.

Portanto, concluindo, eu acho que há muitas coisas que não se podem escrever bem, sem entender bem as coisas próprias e

---

<sup>99</sup> Ludovico Ariosto (1474-1533), autor da comédia *I Suppositi*. Essa referência à comédia é importante para a datação do *Diálogo* (ver Prefácio).

<sup>100</sup> *Dobrões*; *I Suppositi*, ato II, cena II.

<sup>101</sup> Tipo de *balde* de madeira, *dorna*; *I Suppositi*, ato I, cena I.



cosa manca<sup>212</sup> e che non arà la perfezione sua. E a provar questo io voglio che tu legga una commedia fatta da uno de gli Ariosti di Ferrara<sup>213</sup>; e vedrai una gentil composizione e uno stilo ornato e ordinato; vedrai un nodo bene accommodato e meglio sciolto; ma la vedrai priva di quei sali che ricerca una commedia tale, non per altra cagione che per la detta, perché i moti ferraresi non gli piacevano e i fiorentini non sapeva, talmente che gli lasciò stare.

Usonne uno comune, e credo ancora fatto comune per via di Firenze, dicendo che un dottore de la berretta lunga pagherebbe una sua dama di doppioni. Usonne uno proprio, per il quale si vede quanto sta male mescolare il ferrarese con il toscano; che dicendo una di non voler parlare dove fussino orecchie che l'udissino, le fa rispondere che non parlassino dove [fossero] i bigonzoni, e un gusto purgato sa quanto nel leggere e nell'udire dir *bigonzoni* è offeso. E vedesi facilmente e in questo e in molti altri luoghi con quanta difficoltà egli mantiene il decoro di quella lingua ch'egli ha accattata.

Pertanto io concludo che molte cose sono quelle che non si possono scriver bene senza intendere le cose proprie e particolari di quella lingua che è piú in prezzo; e volendo li proprii conviene andare alla fonte donde quella lingua ha auto origine, altrimenti si fa una composizione dove una parte non corrisponde a l'altra. E che l'importanza di questa lingua nella quale e tu, Dante, scrivesti, e gli altri che vennono prima e poi di te hanno scritto, sia derivata da Firenze, lo dimostra esser voi stati fiorentini, e nati in una patria che parlava in modo, che si poteva meglio che alcuna altra accommodate a scrivere in versi e in prosa. A che non si potevano accommodate gli altri parlari d'Italia. Perché ciascuno sa come i Provenzali cominciarono a scrivere in versi; di Provenza ne venne quest'uso in Sicilia, e di Sicilia in Italia; e in tra le Provincie d'Italia in Toscana; e di tutta Toscana in

<sup>212</sup> *manca*: manchevole, difettosa.

<sup>213</sup> Allude ai *Suppositi* di L. Ariosto, commedia scritta originariamente in prosa e poi ridotta in versi, rappresentata per la prima volta nel 1509, pubblicata in quello stesso anno o, piú probabilmente, tra il 1510 e il 1512 a Firenze e ristampata nel 1524 a Roma.

particulares daquela língua que tem maior prestígio; e, querendo usar termos e modos locais característicos, é necessário ir até à fonte onde esta língua teve origem; caso contrário, cria-se uma composição em que não há equilíbrio entre as partes. E que a importância dessa língua, na qual tu, Dante, escreveste, e também os outros que vieram antes e depois de ti, tenha se originado em Florença, é demonstrada pelo fato de que todos vós éreis justamente florentinos, e nascidos em uma pátria cuja língua falada era tal, que se podia prestar a ser escrita em versos e em prosa melhor que qualquer outra. Nenhuma outra língua falada da Itália podia prestar-se a tanto. Pois todo mundo sabe como os Provençais começaram a escrever em versos; da Provença, chegou este uso à Sicília, e da Sicília à Itália; e entre as regiões italianas chegou à Toscana; e da Toscana toda a Florença; e isso somente porque a língua florentina era a mais adequada para isso. Porque não por facilidade geográfica, nem por intelecto, nem por alguma outra característica particular, mereceu Florença ser a primeira e produzir estes escritores, mas sim pelo fato de sua língua ser a mais adequada a receber a disciplina da gramática; e isso não valia para as outras cidades. Uma demonstração disso é o fato de que hoje há muitos habitantes de Ferrara, Nápoles, Vicenza<sup>102</sup> e Veneza que escrevem bem e que têm talentos extremamente aptos para escrever; o que eles não podiam fazer antes que tu, Petrarca e Boccaccio tivessem escrito. Pois, para eles chegarem a esse nível, visto que a sua própria língua não os ajudava, era necessário que antes houvesse alguém que com o seu exemplo ensinasse-os como eles poderiam esquecer-se daquela sua natural barbárie, na qual sua própria língua os sufocava.

Minha conclusão, portanto, é a de que não existe uma língua que se possa chamar de comum da Itália ou de curial, pois

---

<sup>102</sup> Provável alusão a Matteo Maria Boiardo (nascido em Scandiano, perto de Ferrara, em 1441), Jacopo Sannazzaro (nascido em Nápoles em 1456), Gian Giorgio Trissino (nascido em Vicenza em 1478), Pietro Bembo (nascido em Veneza em 1470); todos adversários da tese florentinista (ver Prefácio).

Firenze, non per altro che per esser la lingua piú atta. Perché non per comodità di sito, né per ingegno, né per alcuna altra particolare occasione meritò Firenze esser la prima e procreare questi scrittori, se non per la lingua commoda a prendere simile disciplina; il che non era nell'altre città. E che sia vero, si vede in questi tempi assai Ferraresi, Napoletani, Vicentini e Vineziani che scrivono bene e hanno ingegni attissimi allo scrivere; il che non potevano far prima che tu, il Petrarca e il Boccaccio avessi scritto. Perché, a volere ch'è venissino a questo grado, disaiutandoli la lingua patria, era necessario ch'è fussi prima alcuno il quale con lo exemplo suo insegnassi com'egli avessino a dimenticare quella lor naturale barbaria, nella quale la patria lingua li sommergeva.

Concludesi pertanto che non c'è lingua che si possa chiamare o comune d'Italia o curiale, perché tutte quelle che si potessino chiamare cosí hanno il fondamento loro da gli scrittori fiorentini e dalla lingua fiorentina, alla quale in ogni defetto come a vero fonte e fondamento loro è necessario che ricorriano; e non volendo esser veri pertinaci hanno a confessarla fiorentina [...]

Udito che Dante ebbe queste cose, le confessò vere, e si partí; e io mi restai tutto contento parendomi di averlo sgannato. Non so già s'io mi sgannerò coloro che sono sí poco conoscitori de' beneficii ch'egli hanno auti da la nostra patria, che e' vogliono accomunare con essa lei nella lingua Milano, Vinegia, Romagna, e tutte le bestemmie di Lombardia.

todas que assim poderiam ser chamadas têm seus alicerces nos escritores e na língua florentina, à qual precisam recorrer como à verdadeira fonte e fundamento todas as vezes que sua própria língua se demonstre insuficiente; e não querendo ser realmente teimosos, tem de se admitir ser esta língua a florentina.

Ouvidas essas coisas todas, Dante concordou com elas, e foi embora; e eu fiquei todo feliz, pois me pareceu tê-lo livrado do engano. Mas não sei se assim conseguirei livrar do engano aqueles que conhecem tão pouco os benefícios que receberam de nossa pátria, ao ponto de querer colocar no mesmo plano da língua florentina, a de Milão, a de Veneza, a da Romanha, e todas as blasfêmias da Lombardia.

*Tradução: Professora Cecilia Casini  
(USP)*

*Revisão: Professor Sergio Romanelli  
(DLLE/PGET-UFSC)*



## Maria Cecilia Casini

Graduada em Letras pela Universidade de Florença (Itália), com especialização em História do Espetáculo (tese: *Teatro italiano a San Paolo del Brasile*). Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH/USP, com a tese: *Sibilla Aleramo: uma mulher escrevendo na aurora do século XX*. Sempre trabalhou na área de estudos italianos: durante cinco anos, ensinou língua italiana no Istituto Italiano di Cultura de São Paulo, órgão oficial do governo italiano para as relações culturais; no mesmo período, desenvolveu trabalhos de planejamento e produção de eventos culturais no mesmo Instituto. Trabalhou em várias produções da Rede Globo sobre imigração italiana no Brasil (as novelas *O rei do gado*, *Esperança e Passione*; a minissérie *Dona Flor e seus dois maridos*), como assessora linguística do sotaque italiano dos personagens. Ministrou cursos de língua italiana e de história do cinema e do teatro italiano, realizou palestras e trabalhos de consultoria em língua e literatura italiana para a distribuidora de livros didáticos SBS. Em São Paulo, ensinou língua italiana na escola italiana Eugenio Montale, no Mosteiro de São Bento, no Movimento Cristiano Lavoratori (MCL). Desde 2007 é docente da Área de Língua, Cultura e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; desde 2009, está credenciada como docente e orientadora no Programa de Pós-Graduação da mesma Área. É vice-líder do grupo de pesquisa (credenciado junto ao CNPq) Estudos linguísticos aquisição/aprendizagem do italiano como língua estrangeira. Faz parte do Conselho Editorial das revistas *Italianistica*, *Serafino* e *Estudos Italianos*. Atualmente desenvolve pesquisas sobre a didática da língua italiana escrita para lusófonos e em linguística histórica (em particular, sobre a língua da imprensa italiana no Brasil).

## ***Patrizia Giorgina Enricanna Collina Bastianetto***

**G**raduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais em Língua Italiana e Portuguesa, mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo – USP (2004). É professor adjunto na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais onde leciona nas áreas de Italiano e Tradução. É tradutora e intérprete. Publicou livros, tradução de livros, capítulos de livros e artigos sobre Tradução e Interpretação, ensino/aprendizagem da Língua Italiana, Legibilidade textual e manutenção argumentativa, Linguística contrastiva. Pesquisa no âmbito dos Estudos da Tradução e da Linguística contrastiva.

## ***Sergio Romanelli***

**P**rofessor Doutor, classe Adjunto 2 DE, no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras do Centro de Comunicação e Expressão e na PGET (Pós-Graduação em Estudos da Tradução) da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Letras e Filosofia – Università Degli Studi di Milano (1997), Mestrado e Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal da Bahia (2003 e 2006) . Trabalhou na análise filológica e na edição crítica dos manuscritos da poeta e tradutora italiana Rina Sara Virgillito de que organizou a primeira tradução em língua estrangeira. Tem experiência na área de Linguística aplicada ao ensino/aprendizagem de LE e tradução e em Crítica Genética, atuando principalmente nos



seguintes temas: Língua Italiana, Literatura Italiana, Crítica Genética, Linguística Aplicada, Tradução. É líder dos grupos de pesquisa “Estudos Linguísticos e aquisição/aprendizagem do italiano como língua estrangeira”; “Política editorial e tradução no Brasil contemporâneo” do CNPq. Presidente da APCG (Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética), Membro oficial do GT de Crítica Genética da Anpoll, da ABRAPT e do NEITA (Núcleo de Estudos interdisciplinares de italiano da Ufsc). Editor-Chefe da revista In-traduições (ISSN 2176-7904) da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. Coordenador do NUPROC – Núcleo de Estudo de Processos Criativos da UFSC ([www.nuproc.cce.ufsc.br](http://www.nuproc.cce.ufsc.br)). Tradutor (Virgillito, Alberti, Twain) e poeta.

### ***Silvana de Gaspari***

**P**ossui mestrado em Letras (Língua e Literatura Italiana) pela Universidade de São Paulo e doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Italiana, atuando principalmente nos seguintes temas: Dante Alighieri e Teopoética.

Trata-se do primeiro de uma série de volumes, fruto do trabalho dos membros do grupo de pesquisa “Estudos Linguísticos e Aquisição-Aprendizagem do Italiano como LE”, credenciado junto ao CNPq, por mim coordenado e com o qual colaboram docentes, pesquisadores e discentes de várias universidades brasileiras e italianas, a saber: Universidade Federal de Santa Catarina (Professor Sergio Romanelli, Professora Carolina Pizzolo Torquato); Universidade de São Paulo (Professoras Cecilia Casini e Elisabetta Santoro); Universidade Federal de Minas Gerais (Professoras Patrizia Collina Bastianetto e Lucia Fulgencio); Universidade Ca' Foscari de Veneza (Professor Paolo Torresan) e Universidade GD'A de Pescara, na Itália, (Professora Cecilia Santanché).

Os textos aqui reunidos e traduzidos são de autoria de Leon Battista Alberti, de Baldassar Castiglione e de Nicolau Maquiavel e representam bem a complexidade das partes envolvidas na assim chamada *Questione della lingua*.

Professor Sergio Romanelli

*Questione della Lingua*

**Leon Battista Alberti,  
Baldassar Castiglione e  
Nicolau Maquiavel**



9 788599 155471 5